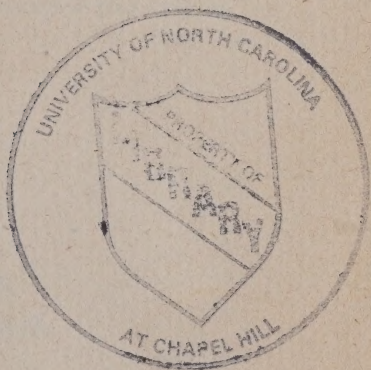
LUZIA

Cartas do Campo e da Cidade

PORTVGALIA
EDÍTORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1923

CARTAS DO CAMPO E DA CIDADE

DA MESMA AUCTORA:

Os que se divertem (A comedia da vida), 2.ª ed.
Rindo e chorando...

LUZIA

Cartas do Campo e da Cidade

Mais la vie ce n'est pas grande chosa.
Et ce qu'on met dedans ce que c'est peu!

ANATOLE FRANCE.

Mais tout cela c'est de la vie. de la vie vraie, et rien n'est plus intéressant que la vie elle même, fut ce celle de l'homme le plus vulgaire.

JULES LEMAITRE.

PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1923

Bussaco. Palace Hotel — 9 de agosto de 1918.

Sim. Gosto immenso do Bussaco... Mas como eu invejo os frades que viveram e morreram á sombra d'estas arvores, n'uma grandiosa paz, n'um silencio contemplativo, n'um ineffavel *Adoremus* que os vãos ruidos do mundo nunca perturbaram... Ah! o tempo dos frades, o velho convento, quando o Palace ainda não deshonrava a nobre montanha e os banaes *pic-nics*, as burguezas burricadas não profanavam a augusta solidão e só a voz melancholica do vento cantava nas altas ramagens e só os passaros riam e só as fontes e os regatos fallavam!...

Pois eu não heide odiar a civilisação que aqui trouxe os novos ricos? Já reparaste, Maria, como são feios, desinteressantes e sobretudo tristes, lugubres, esses modernos Crésus? Sentados ao longo da grande sala, parecem repousar nos seus mausoleus. Appetece-me escrever: aqui jazem...

Pedes-me novidades... Julgas então que ainda ha

alguma coisa de novo sobre a terra ?... Morreu o S. Já sabes, decerto. Os prélos gemeram. O enterro vem hoje, com largos detalhes, no «Seculo». Talvez não saibas, porém, como foi horrivel a sua doença, que durou apenas dois dias, e a morte, á meia noite, emquanto se valsava na sala. Depois, o cadaver, levado a *trouxe-mouxe* para a capella, os preparativos do enterro, a medonha decomposição... Mil detalhes pavorosos, macabros... Um conto de Edgard Poe que espalhou o terror em todo o hotel. Mas já passou... Depressa, como tudo passa. Como nós passaremos... Voltou-se a dansar todas as noites na sala e de tarde, no terrasso, á hora do chá, recomeçaram os *potins* interrompidos. Já ninguem falla do morto. Os mortos vão depressa, lá diz a ballada...

Houve um *cotillon*. As meninas ridicularisaram, sem dó nem pena, os rapazes, que se submetteram com perfeita *bonne grâce*. Elles sabem como se vingarão d'ellas mais tarde, no terrivel *cotillon* da vida...

E houve uma recita de caridade. Representou-se uma opereta, magica, ou não sei como lhe chame. Qualquer coisa de gentil e leve, que enfeitava a linda musica de Ruy Coelho. As meninas vestiram tunicas brancas, soltaram os cabellos, coroaram-se de heras e de rosas. Os rapazes embrulharam-se em pelles d'urso e de tigre. Ellas foram nymphas, fadas... E elles, já se vê, feras...

Chegou D. M. A. uma grave senhora, esposa d'um

conselheiro melancholico, que, certamente, teve na sua mocidade um amor infeliz, e recitou Soares de Passos ao piano. D'ahi lhe ficou a tristeza elegiaca, a attitude de salgueiro com que joga o *bridge* e discute os destinos da nação.

Chegou a formosa L. F.

Partiu aquella Thereza, de tamanho encanto e tão extranhos olhos, longos como os das japonezas e os das andorinhas.

Dona S. arvorou o seu trigesimo vestido.

Que mais heide contar-te, Maria ?

Está muito calor. As senhoras, sentadas defronte das nymphas de Collaço, manejam dextramente tesouras e linguas, no recorte dos seus bordados e da reputação das suas amigas. A orchestra toca : *Quand l'amour refleurit*. Eu penso tristemente em tudo o que morre para não reflorir nunca mais...

Lisboa Hotel Central — 27 de setembro.

A tua carta, encantadora como tu, já não me encontrou no Bussaco.

Estou outra vez em Lisboa, n'um quarto do Central, cheio de tapetes, que cheira a bafio e certamente guarda, dentro das suas paredes mal arejadas, os microbios, as miserias d'outros corpos e d'outras almas que, antes de mim, aqui passaram.

No meu quarto das Pedrinhas entrava cada manhã o ar fresco que lava e o perfume do campo que dá pensamentos bons. Bastava-me abrir a janella para que ar e perfume me invadissem os pulmões e fosse uma festa para os meus olhos o canto lindo do jardim, com o cedro, recortando-se elegante e fino, no azul, o canteiro de girasoes côr de oiro e, ao fundo, na sombra idyllica, o rustico banco. . .

Em Lisboa, quando abro a janella, esbarro logo com o predio visinho, alto e soturno, que quasi me esconde o ceo.

E, emquanto a venturosa castellã de S. Miguel cavalga fogosos corceis, colhe as ultimas *despedidas de verão*, e lê Plutarcho. — Plutarcho... upa! A que alturas te elevas, Maria! — eu respiro o pó e o tédio do Chiado, n'este morno fim de setembro.

Felizmente parto quarta feira para o Alemtejo, campo, Terra da Promissão. Passarei o outono na quinta onde correram alegres, descuidados, os melhores annos da minha vida de creança. Outra vez ouvirei cantar as fontes e direi como o heroe da Sonata de Valle Inclan: — Ah! quem pudesse ser como aquella fonte que ri, com o seu riso de crystal, sem alma e sem idade!

O Alemtejo é um encanto no mez d'outubro. Longos, suavissimos os seus poentes côr de rosa.

A tia Maria Victoria, minha amphytriã, parece-se immenso com aquella sua deliciosa e rabujenta homonyma da Morgadinha dos Canaviaes.

Piedade, a filha, minha companheira de infancia, é doce, terna, piedosa, como o seu nome.

Therezinha, a neta, tem uns mysteriosos olhos azues como os *forget me not* que, cada primavera, despontam entre a relva, á beira dos regatos. E, diz-me a minha tia na sua ultima carta: — Por desgraça, sahiu á menina... E' arrapazada e preguiçosa, muito senhora do seu nariz. Faz tudo o que quer e sobra-lhe tempo.

Não me esperam confortos por ahi alem na querida, velha casa. As camas são duras, mas os lençoes, de fresco linho, cheiram a alfazema. Não têem cor-

tinas as janellas. De manhã acorda-me o claro sol, entrando a jorros no meu quarto, para que, como os passaros, eu me levante cedo. E já me cresce agua na bocca só com a ideia das apetitosas migas, que Marcelina — a cozinheira antiga — hade fazer-me para o almoço...

Querida Maria vou esquecer regaladamente a odiosa civilização.

De Lisboa o que heide contar-te? Besbilhoteia-se com a habitual ferocidade, de roda da vida, de roda da morte. O Chiado vive de ociosidade e de *cancans*. Besbilhoteia-se no Tauromachico e no *Turf* e na Brazileira, á porta da Havaneza, sublime porta! — e na ilha dos Gallegos... As *vitrines* expõem, por preços fabulosos, velhos modelos desbotados e chapéos que já acertaram trinta mil cabeças — quasi todas sem miolos — acabam os seus dias, desásados e murchos, na tristeza do abandono.

Pedes-me noticias de Margarida. Ante-hontem estava de cama, afundada n'um dos seus negros accessos de neurasthenia. Disse-me que odiava a vida, que queria morrer, que tudo era uma maçada, que todos a aborreciam. E, logo depois, queixou-se amargamente da solidão em que a deixavam. Pediu-me que voltasse... Ella decerto nunca mais se levantava d'ali. . A doença era mais grave do que parecia. Tinha febre (realmente as mãos escaldavam-lhe), perturbações na cabeça, no coração... A sua conta, emfim! E tanto melhor, tanto melhor!... A morte havia de ser preferivel a isto...

Fiquei cheia de pena e de cuidado. Voltei lá hontem de manhã. Não estava em casa! Voltei de tarde. Tambem não estava! Telephonei á noite. Tinha sahido! Ha pouco, quando me preparava para ir de novo vel-a, appareceu Margarida aqui. Vinha elegante, alegre, vestida de claro, trazia um grande ramo de rosas, *the last of the summer*, disse sorrindo e contou-me que passára hontem o dia em compras, visitas, um chá divertidissimo nos *Gourmets*, que jogara um *bluff* rijo, d'aquelles de levar coiro e cabello, como ella gosta, até ás trez da manhã...

— E a tua doença?

— Qual?

— A de ante-hontem...

— Ah! sim! Tinha-me esquecido... Passou. O que queres? A gente não pode estar doente todos os dias.

Assim vive de contradições a nossa amiga Margarida. Moribunda, a vender saude, triste, alegre, desencantada, illudida, não gostando de nada já, gostando de tudo ainda, rindo, chorando, chamando pela morte, voltando os olhos, cheios de esperança, para a vida... Ah! extraordinaria Margarida, pittoresca Margarida!

Ribeira Formosa — 6 de Outubro.

Aqui estou emfim, saboreando as apetitosas migas, esquecendo a civilização e fazendo as pazes com a vida. Não sei se Joanninha anda de bem com ella... Eu andava de mal ha muito tempo já. Os homens — que é como quem diz tambem as mulheres... — tinham-nos indisposto.

Estas arvores, esta divina solidão, no abençoado silencio, a saudade mais viva «das queridas vozes que se calaram» e... tantas outras coisas deliciosamente indefinidas, estão-nos reconciliando.

Por amor da belleza da terra perdôo a fealdade do coração dos homens — pode sempre accrescentar mulheres, que, entre os dois...

E pela doçura de tudo o que fica, esqueço a amargura de tudo o que passa. Não será duas vezes o mesmo o coração em que puz o meu desejo, a minha esperança, mas d'aqui a muitos annos, se eu voltar, as mesmas sombras discretas me acolherão e, como agora, a terra me sorrirá pacificadora e linda.

Il fait bon... Sirvo-me da doce expressão franceza porque não encontro nenhuma em portuguez que diga tanto. *Il fait bon* .. As manhãs são azues, luminosas. Não ha uma nuvem no céo. De tarde toda a quinta fica banhada em luz côr de rosa, a luz dos incomparaveis poentes alemtejanos.

Passo os dias na mais vergonhosa ociosidade. Nem sequer leio. Ando em lua de mel com este campo, que é o meu. Outro pode deslumbrar os meus olhos, outro posso eu achar mais bonito, porém só a este eu chamo meu.. E sabe decerto, Joanninha, que infinita ternura encerra tão pequenina palavra!

Ha entre o Alemtejo e a minha pessoa mil affinidades. Já reparou quanto influe na nossa maneira de ser a paisagem em que nascemos?

Conheço á legua o alfacinha authentico que, no collo da ama, frequentava já a rua do Oiro, subia o Chiado e adormecia ao som dos pregões plangentes...

Conheço o minhoto, conheço o algarvio, conheço o beirão. Todos têem a sua marca inconfundivel, mas nenhum é tanto da sua provincia como o alemtejano e nenhum quer tanto á sua provincia. Corra elle o vasto mundo, passe annos sem a ver .. Nunca a esquece. Nunca consegue desenraizar se. Em toda a parte se acha extranho, tem a nostalgia das longas, desoladas planicies, onde a vista se perde, das charnecas aridas onde só desabrocha a flôr da Xara, pequenina rosa selvagem, que se desfolha ao menor contacto e dos campos de oliveiras empoadas de prata

e dos campos de sobreiros com os velhos troncos ensanguentados, e da tristeza que tudo isso exhala, tristeza-saudade, anciosa e vaga; um não sei quê que encanta e faz mal...

A quinta da Ribeira Formosa foi cuidada e linda ha... mil annos, quando aqui passei parte da minha alegre e endiabrada infancia. Hoje é quasi um bosque abandonado que o calor e a secca d'este verão ardentissimo devastaram ainda. Não ha uma flôr. Muitas arvores morreram. Já não cantam as alegres levadas. Calaram-se as fontes. Na ribeira corre apenas um manso fio d'agua, mas, á sombra dos pinheiros, está se bem ainda. O olival conserva o seu bonito loiro cendrado. À vinha enfeita-se de tons vermelhos e quentes.

Demoro-me aqui até quinze ou vinte. Depois vamos para a cidade. Em principios de novembro estarei em Lisboa.

Heide vel-a muito. Heide... Heide...

Deliciosa coisa fazer planos, embora elles se desmoronem como os castellos de cartas que Therezinha construe ao meu lado.

Ribeira Formosa — 10 d'Outubro.

Tambem eu estava doente quando recebi a tua carta. Cheguei a julgar que era a celebre pneumonica, embora aqui teimem que não ha pneumonicas. Morre gente sem ninguem saber de quê...

Mesmo dentro da quinta temos todos os pequenos do caseiro doentes. Mas, decidiu-se que não é a... *tal coisa* e vivemos descançados, na paz do Senhor, ao cuidado da Divina Providencia, que, já se vê, como hygiene, é a unica que se conhece por cá. A tia Maria Victoria contenta-se em fazer discursos, a Therezinha para que não entre em casa do caseiro, depois, como é cheia de caridade, manda leite e caldos aos doentes... Cumpridos estes deveres, continua serenamente o *ram-ram* da vida.

— A gente só morre quando Deus manda. — Eis a sua grande theoria. E, fatalista, eu respondo: — *Amen*...

Espero que já estejas completamente bem. Trata

de ti, minha querida Maria. A saude do corpo é a principal condição da saude da alma e d'ambas precisamos para levar a cabo esta difficil empreza de viver. Menos difficil em todo o caso para ti do que para outros. Tens uma esperança, uma razão de continuar o caminho. Eu sigo-o não sei porquê, nem para quê... Ficam-me para traz — tanto para traz! — sonhos e illusões, luxo vão com que se enfeita a vã mocidade. Adiante só avisto doença, solidão, morte... E, para quantos a vida é isto: longa estrada da desesperança! «Ai! dos que n'este mundo ainda esperam!» disse o mais triste, o mais portuguez dos nossos poetas. Mas, não é verdade, Antonio Nobre, não é. Felizes os que esperam! Guarda cuidadosamente a tua esperança. Não a deixes morrer ainda que tenhas de regal-a, ás vezes, com as lagrimas da saudade. Saudades e esperanças andam sempre de mão dada. Todas as esperanças choram um bocadinho de saudade e nem por isso são tristes, tristes são as saudades que choram sem esperança.

Temos um lindo tempo. Dias deslumbrantes. Dias que fazem mal. Dão o desejo, a ancia da impossivel felicidade. Pergunta a gente porque ha tanta luz na terra quando os corações humanos andam quasi sempre ás escuras...

As arvores já teem os deliciosos tons *mordorés* do outono. Não ha flôres. Dizem-me que os jardins da cidade transbordam de crysanthemos, porém, na quinta abandonada, não resta uma flôr.

Para enfeitar a mesa em que escrevo colhi um

enorme ramo de folhas de vinha, symphonia de tons amarellos, rosados, vermelhos... Falam-me do outono, das vindimas, dos poentes, que são tambem uma symphonia de côres rosadas suavissimas e de côres vermelhas ardentes. Dizem-me mil coisas... As folhas fallam a quem sabe ouvil-as. Toda a terra falla... Mas, não são muitas — ai de mim! — as occasiões que tenho de conversar com ella.

Passeio de tarde com a tia Maria Victoria e Therezinha. Piedade, sempre doente, sempre cançada, não deixa o seu cantinho, junto á janella. Seguem-nos *Maluca*, a cadellinha *fox terrier* e *Douro*, o *baby* perdigueiro, favorito da Therezinha, que nos puxa furiosamente pelo vestido ou nos morde, com igual furia, os tornozellos.

E' a hora religiosa do pôr do sol. *L'heure exquise*.... Uma grande paz melancholica invade a quinta. Sob os nossos pés estalam as primeiras folhas seccas. E os mil ruidos do campo ao anoitecer, chocalhos de rebanhos que recolhem, rodas de carros, que vagarosamente passam na estrada, balidos de ovelhas, coaxar de rãs, fundem-se n'uma musica, doce e triste infinitamente...

A tia Maria Victoria aproveita então o mysterio que desce com a noite, e a solidão, junto ao lago adormecido, para contar-me, muito em segredo, mais algum detalhe sobre uma complicadissima intriga de criadas que talvez tenha, como epilogo tragico, a sahida da cozinheira... Fallar de criadas, ralhar com criadas, rugir contra criadas, eis uma das occupações da minha guerreira tia.

Quando voltamos é noite fechada. Já se accenderam os velhos candieiros de azeite. Piedade, mais pallida, mais cançada ainda, move lentamente as mãos delgadas n'uma preguiçosa costura. Padre José ouve, resignado e pachorrento, as incriveis, inverosimeis historias, proezas de caçadas, que João lhe impinge pela vigesima vez...

A tia Maria Victoria installa-se, encarrapita os oculos no respeitavel, *bourbonico* nariz, emprehende logo o concerto de mais um par de meias, que Therezinha rompeu de cima abaixo e recomeça as suas invectivas contra o desleixo das criadas, que deixam chegar a roupa áquelle estado, contra o genio brando da filha, que é uma passa culpas, contra os habitos destruidores da neta, que rompe, suja, estraga tudo.

Therezinha, extenuada de todo um dia de correrias e diabruras, adormece n'uma cadeira. Eu leio ou faço *crochet*.

A's 10 horas estamos todos na cama.

De manhã dou uma lição de francez a Therezinha. Que comedia, essa lição! A cada instante a tia Maria Victoria interrompe-nos para fazer um discurso á neta sobre as vantagens e os encantos d'uma larga instrucção. A pequena ouve-a de cabeça baixa, as enormes pestanas velando-lhe os olhos azues e entretem-se a encher de borrões de tinta o bibe branco, emquanto a avó gasta argumentos e eloquencia.

Muitas vezes temos gente a jantar. Seis, oito, dez pessoas, que em nada alteram os habitos da casa.

E' a larga, a encantadora hospitalidade alemtejana. A roupa lavada continua a seccar sobre o buxo do jardim e no lindo terraço sécca tambem, aos montes, o feijão .. A tia Maria Victoria põe o mesmo vestido, encolhe os hombros quando lhe peço que tire o avental e imperturbavel faz os mesmos discursos, em que ha apenas um paragrapho a mais para a pequena :— Se rasgares ou sujares o bibe comigo te hasde haver...

Pela volta das trez horas chegam as carruagens. Os homens installam-se comigo na mesa do *bridge*. As senhoras rodeiam a tia Maria Victoria, fallando do sr. Bispo, de criadas e de doenças... A's cinco janta-se.

A meza resplandece com a sua toalha muito branca, os fructeiros a transbordarem de uvas e peras, as pequeninas taças da India, cheias de ovos molles, a travessa de arroz doce, com ingenuos desenhos de canella e, nas garrafas, o vinho côr de topazio e côr de rubi. A' falta de flôres encho as jarras de ramos de medronheiro. Cheira deliciosamente a melão.

As senhoras refugiam-se n'um silencio modesto... Eu e os homens é que fazemos todas as despezas da conversa. Discute-se politica e litteratura. O sr. Secretario Geral — um bacharel branco, gordo, de *toilette* impeccavel, genero do deputado janota que, nos saudosos tempos da monarchia, passava o inverno no hotel Borges — e o sr. Moreira, professor do lyceu — baixo, moreno, alegre, intelligente — cultivam os prazeres do espirito. Manuel, meu compa-

panheiro d'infancia, fidalgo vadio, *D. Juan* da terra — um typo! — e João preferem recordar aquellas partidas tão engraçadas, que fizeram ha dois annos, ao Doutor Delegado...

E, quando o meu riso sôa um pouco mais alto, a tia Maria Victoria explica a D. Paulina, a senhora de maior cerimonia: — Foi sempre aquillo desde pequena .. Nunca houve maneira de ter proposito...

D. Paulina diz gravemente: — Sim ... E logo se envolve em mais magestoso silencio. Antes da partida as senhoras, devotas e cheias de somno, fazem uma curta oração na capella. Os homens esperam na varanda, ironicos, voltairianos...

A tia Maria Victoria aconselha invariavelmente: — Abafem-se bem.

Piedade dissimula um bocejo...

E aqui tens, Maria, a nossa vida, as nossas festas.

Ribeira Formosa — 16 d'Outubro.

Querida Joanninha. Quem lhe disse que eu não gosto de Lisboa?...

Lisboa, fidalga e freiratica, de velhos palacios, adormecidos entre velhos jardins, Lisboa de torres rendilhadas, Lisboa que possue os Jeronymos e a sr.ª marqueza de * * * e os casarões aristocraticos de Santa Clara e a Feira da Ladra, Lisboa republicana, malcriada, desordeira, encarnada e verde, que dá vivas ao Affonso Costa e se bate, á navalhada, nas ruas do Bairro Alto, Lisboa melancholica e pittoresca, que canta o fado plangente, Lisboa dos melodiosos pregões e das airosas varinas, Lisboa deslumbrante e suja, cheia de luz e cheia de lama, Lisboa que é uma mendiga e que é uma odalisca, Lisboa do Chiado, ociosa, besbilhoteira, a fingir de elegante, e a das avenidas novas, escancarada e cheia de sol, a fingir de civilisada e a dos bairros velhos, discreta e sonhadora, que vive entre olaias, a ouvir as toutinegras, a

contemplar o rio, Lisboa do Rocio, Lisboa de revoluções e de comicios, e a da Praça da Figueira, que põe a mão na cinta e diz palavrões, e a do Terreiro do Paço, saudosa ainda das formosas caravellas, que vio partir para mares nunca d'antes navegados, Lisboa que cheira a peixe e a maresia e a violetas, Lisboa de fadistas e de gatos esfaimados, Lisboa de carbonarios e de beatas, de toiradas e de novenas, Lisboa, que debaixo do seu maravilhoso céo, é uma joia preciosa n'um cofre magnifico... Ah! tambem eu lhe quero, Joanninha e com uma especial ternura! Conheço-lhe os defeitos terriveis e, quero-lhe apezar d'esses defeitos ou... quem sabe? talvez que justamente por causa d'elles... Perfeita, civilisada, ajuizada, Lisboa deixaria de ser a nossa Lisboa.

Fica satisfeita com estas explicações?...

Desde que recebi a sua carta tenho pensado immenso em vocês. Coitado do Adolpho! E' caso para dizer se: *Médecin malgré lui*... Não posso imaginal-o nos hospitaes, com a competente blusa branca, a receitar citrato de magnesia... Não tem o physico do officio. Melhor lhe encaixa, decerto, a elegante toga de advogado.

Mas que horrivel epocha estamos atravessando! Peste, fome e guerra... Sem a nossa inconsciencia — Santa, sábia, abençoada inconsciencia! — que nunca nos deixa tomar as coisas completamente a serio, era para se morrer de susto e afflição.

Eu creio muito no velho dictado: — Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo.

Portugal é um menino... que tem atravessado incolume as peiores tempestades. Ainda d'esta vez ha de salvar-se.

Por aqui a epidemia estacionou, parece... E é um verdadeiro milagre porque só a Divina Providencia cuida de nós e, como desinfectantes, temos apenas o ar purissimo que lava as casas e as almas.

O tempo continua lindo. O outono estende sobre os campos o seu sumptuoso manto de oiro e de purpura. Damos grandes passeios. Fazemos magustos á sombra perfumada dos pinheiros. Apanhamos as primeiras violetas e as ultimas madresilvas. Ao serão releio os velhos romances *demodés* que fizeram o encanto dos meus quinze annos... *Ce qu'on aime dans un livre c'est soi même*... — Decerto, o que avidamente procuro, n'esses volumes amarellecidos pelo tempo, é a minha alma de rapariga romanesca e cheia de illusões e, o que n'elles me encanta e prende, é a saudade de mim mesma...

Ribeira Formosa—18 d'Outubro.

Venha quando quizer, mas desista de sentar-se debaixo dos carvalhos seculares. Ha por por cá apenas meia duzia de carvalhos enfezados, rachiticos... Em compensação estamos na região dos castanheiros.

Falei-lhe das longas planicies e dos olivaes prateados e dos sobreiros e das charnecas... Esqueceu-me contar-lhe que os soutos — campos plantados de castanheiros — fazem o grande encanto da Ribeira Formosa. E' fresca, viçosa a sua sombra. Outubro já os enfeita de tons de oiro, de tons de cobre, de tons de rosas... se prefere os pinheiros, fieis, imutaveis como certos corações... — é ao meu que me refiro, já se vê... — tambem os tem, altos, lindos, a recortarem-se no céo. A sua sombra não é doce, amoravel, como a dos carvalhos, que inclinam os braços para a terra, n'um geito de caricia. Elles — os orgulhosos! — só olham para cima .. Mas, descança-se tão bem

n'um pinhal, o perfume da resina é tão sadio! E quando o vento passa, nos escuros ramos, julga-se ouvir a voz do mar...

Quer que o leve pelos silvados primitivos!... Veja em que se mette, senhor habitante do Chiado .. Duvido muito que seja capaz de seguir-me nos meus passeios, por montes e valles. Saberá que sou uma famosa andarilha. Faço a admiração e o encanto de Padre José, companheiro dilecto dos meus passeios, que não cessa de celebrar a minha agilidade, a dextreza com que me aguento e equilibro nas veredasinhas escorregadias... E como passo sobre as pedras das ribeiras e como devoro leguas! Ah! esta faculdade de andar muitas horas, sem a menor fadiga, conservo-a intacta, tal e qual aos vinte annos. Mas pelos olhos, pela alma, gozo mais agora, parece-me... Os ultimos dias da mocidade d'uma mulher são, como os ultimos dias do outono, impregnados d'um encanto unico... Porque está proxima a hora da triste indifferença, do negro desapego, em que já mal poderemos sentir, é que se sente tudo mais profundamente e melhor... As almas, como a natureza, enfeitam se para morrer.

Hontem rezei por si a Nossa Senhora da Esperança, padroeira da Ribeira Formosa. E' tão tosca, tão humilde, tão pobrezinha a egreja, aninhada entre castanheiros, defronte do cemiterio, que guarda e protege a sua doce invocação! Mas Padre José mostra-a como um prodigio d'arte, como mostraria Notre Dame ou os Jeronymos...

— Sr. Padre José, quem é aquelle santo tão feio, a cavallo?

— E' o milagroso Sr. S. Thiago que combateu os moiros e ainda hoje protege todos que defendem a fé, a justiça...

E logo recommendo ao milagroso Senhor S. Thiago o meu grande Sidonio, para que o ajude n'aquella formidavel lucta, que, pela fé e pela justiça, elle anda travando, contra os moiros d'agora, peiores do que os outros, creio eu...

Depois, sempre entre castanheiros, fazemos um maravilhoso passeio. Atravessamos Monte Carvalho e Monte Paleiros, duas aldeias brancas. Padre José explica-me os edificios e eu, que tenho o riso tão prompto e irreverente, nunca me permitto rir das suas ingenuas admirações.

Os porcos passeiam nas ruas, importantes, desdenhosos... Um porco na minha terra, é um cidadão livre, como eu.

— Oh! que grande porca! — exclamo pasmada, diante d'um animal enorme, que dá de mamar a uma legião de porquinhos deliciosos.

Padre José tosse, abaixa os olhos... Therezinha explica-me, muito séria:

— Prima Luzia, diz-se uma marrã, não se diz uma porca.

Fique sabendo, para seu governo, se alguma vez cá vier, que na minha terra, chamar porca... a uma porca, é um terrivel palavrão.

Mas já Monte Carvalho e Monte Paleiros ficam

para traz, banhados na luz côr de rosa d'um lindo pôr do sol... Estamos na estrada real, entre quintas e montes e olivaes. D'um lado a serra verdejante, do outro o longo horisonte onde os olhos encontram a illusão do mar. Entramos em duas quintas, uma pequena, burgueza, toda florida de rosas e dhalias... O dono, o sr. Castelhano, saqueia os canteiros em minha honra. Saio com as mãos cheias de flôres.

A outra, que pertence aos condes de P. quasi ao abandono, mas encantadora ainda, com as suas ruasinhas de buxo, os restos do jardim ingenuo, fradesco, o grande tanque onde canta um pequenino repuxo e se debruça um salgueiro magnifico, os ramos tocando quasi a agua... E depois a immensa matta de castanheiros, o pinhal que sobe até á serra.

E' noite quando voltamos. Uma noite maravilhosa de luar... Solto as azas á imaginação que parte encantada a sonhar com a felicidade impossivel... Mas, em casa, no meu quarto, emquanto Antonia me descalça os sapatos, constato, com um certo desgosto, que rompi mais um par de meias e tenho as mãos todas arranhadas das silvas do caminho... A fatal, a inevitavel *douloureuse !*...

Ribeira Formosa — 24 d'outubro

Mademoiselle de Scudéry, auctora d'um mappa sobre o *Pays du Tendre* era horrenda. Foi preciso que lhe tocasse a penna de Clarinha —magica varinha de condão! — para que de estafermo se transformasse em beldade...

Que todo o hotel Rambouillet lhe agradeça, minha prima e eu agradeço-lhe tambem o prazer que me deu a sua linda chronica.

Descubro que temos mais um gosto em commum, mais um laço côr de rosa a ligar a nossa amizade... — Veja que fallo como nos idyllios de Florian...— Ambas amamos o passado... Quem pode amar o presente?... Andamos por engano n'este seculo, minha prima. Clarinha é espirituosa, intelligente, cheia de encanto, como as marquezas que enfeitiçaram Walpole. O duque de Choiseul tel-a-hia achado á seu gosto, faria andar a cabeça á roda ao Principe de Ligne, inquietaria a pobre Lespinasse por causa

d'aquelle insupportavel, infiel Guibert e... quem sabe? prenderia talvez Lauzun, o mais inconstante dos homens...

Eu tenho a alma e até as sobrancelhas, dizem, segundo os moldes do seculo XVIII... Não é verdade, que deveriamos pertencer a esse tempo de que Talleyrand contava que, quem o não conheceu, ignorou a doçura de viver?

A sua chronica, Clarinha, foi uma deliciosa diversão ás noticias sinistras dos jornaes. Hondetot — que não era bonita, mas tinha a graça, melhor do que a belleza — fez-me esquecer Ricardo Jorge e os microbios...

Preciso que continue a distrahir-me. Ando triste como o tempo. Acabaram os dias luminosos. As arvores escorrem melancholia. O céo, cheio de nuvens, peza sobre o coração. Os sinos de Nossa Senhora da Esperança não cessam de tocar a finados. E eu encontrei esta manhã no meu quarto, uma enorme borboleta negra. Sou horrivelmente supersticiosa, minha prima.

Adeus, com saudades, se não a vir mais...

Ribeira Formosa — 25 d'outubro

O sol ! O sol outra vez !

Oh ! eu bem sei que isto não é maneira de começar uma carta, mas fugiu-me a exclamação dos bicos da penna... Porque ha trez dias que eu não via o meu amigo sol, e o campo sem sol, Mathilde !

Porém a Mathilde não sabe, não pode saber, parece-me, a verdadeira significação d'esta palavra: campo.

E' uma alfacinha. Julga-se no campo quando vae veranear para Cintra, n'um hotel onde encontra a continuação da vida de Lisboa, com as noticias da Arcada e os *potins* do Chiado, ou para o Bussaco, onde, cada noite, no Palace, as senhoras se decotam e as meninas valsam, ou para o Estoril, onde ha um casino e as novas ricas, com os seus mil e tantos vestids...o

Mas o campo não é isso. O campo é a solidão longiqua (eu ia dizer abençoada...) onde mal che-

gam os jornaes, a sombra das arvores, onde nunca se discutiu politica. E' a velha casa onde jámais entrou um figurino. O canto da lareira, onde, gerações sobre gerações, gozaram pacificas somnecas, sem velleidades perigosas de sonhos.

E', cada tarde, ao pôr do sol, os mil ruidos da terra mysteriosa — folhas e azas que palpitam, vozes, murmurios, que se casam, n'uma infinita melancholia... Depois, á noite, sob o luar ou sob as estrellas, o grande silencio...

O campo não é a Avenida Saboia, bordada de pretenciosas *villas*, onde se encontra a cada passo, a encantadora gente conhecida. E' a vereda estreitinha, escorregadia, que, entre castanheiros, leva á serra.

Mas, tudo isto, que faria o seu horror, talvez, oh! minha civilisada amiga, e a que eu acho um grande encanto, precisa, cada manhã, da luz, do calor bemdito do sol... Ha tres dias que estavamos já em pleno inverno e eu sentia-me infeliz, infeliz... D'ahi o grito de enthusiasmo com que saudei o astro formoso.

Querida Mathilde, tenho-me lembrado immenso de si. Peço, com interesse, as suas noticias. Em que horrivel epocha vivemos! Já tinhamos a guerra, a fome... Agora cá está a peste para completar. Deus poupe todos os seus. E, vamos para diante, atravez a tormenta, com coragem e paciencia, fazendo *the best of a bad business*, como aconselham os nossos amigos... de Peniche, inglezes.

Ribeira Formosa, 27 d'outubro

Temos bom tempo outra vez. Mas nem o sol é capaz de dissipar o negrume que ha hoje no meu coração.

Decreto irrevogavel da tia Maria Victoria: Partimos esta tarde para o Bomfim.

A minha tia vae n'uma caleche com a filha, a neta, o gato, dentro d'um saco, e os numerosos santos que acompanham todas as evoluções entre a Ribeira Formosa e a cidade... S. Pedro, velhinho de mais para estas barafundas de viagens, quem lhe dera que o deixassem, doce santo antiquado, na paz da sua velha capella, entre os ingenuos palmitos de flôres de papel; a Senhora de Lourdes, mais moderna, costumada decerto a viajar, preferindo talvez a peanha doirada do oratorio do Bomfim, ao altar modesto da Ribeira Formosa; S. João, enternecedor na sua camisinha de setim, a brincar com o manso cordeirinho....

Decididamente sinto-me indigna de tão numerosa e devota companhia. Vou a pé. E' uma legoa apenas e a estrada linda.

As coisas estão pessimas por cá. O velho doutor X, sempre reservado, mysterioso, mal se explica, resmunga apenas: — Uma maçada! Mas Padre José, apertado com perguntas pela tia Maria Victoria, conta os horrores que se estão passando em cada casal. Dizem que ainda é peior de que na cidade... Em duas povoações, perto da Ribeira Formosa, já nem o medico se atreve a entrar... Morrem como animaes... — conclue philosophicamente Padre José, que olha para todas as miserias da terra, com a alma feliz e despreocupada d'um pardal.

Por um lado pois é talvez mais prudente deixarmos a quinta... Mas tenho tanta pena! Tudo me parece lindo aqui e impossivel a doença, o soffrimento, entre estas arvores amigas, nos cantinhos perfumados pelas violetas selvagens, junto ás levadas onde ri e canta a agua crystallina... Impossivel que a saude, a alegria e a paz não habitem as casinhas brancas, espalhadas pela serra verdejante... O que se ouve, mas não se vê, desfaz-se facilmente na nossa imaginação como se desfazem os pezadelos.

Trez horas! D'aqui a pouco a linda quinta fica para traz, no passado cheio de bruma.

Partir, sempre partir! Oh! como estou cançada de dizer adeus, de ter saudades!

Bomfim — 29 d'outubro

Minha querida Maria. Escrevi-te hontem uma carta muito triste. Mas felizmente o bom humor voltou. Já restitui á velha casa toda a antiga ternura.

Vivi annos da minha infancia e da minha mocidade n'este mesmo quarto, d'onde se avista um pedaço da serra e as torres brancas de S. Christovam. Os passaros, que cantam esta manhã nos ramos dos lilazes, parecem-me os mesmos que ouvia cantar d'antes... E, como d'antes, o relogio de S. Bernardo, pachorrento e vagaroso, marca as horas, em graves badaladas.

Aqui fiz terriveis diabruras, aquí sonhei os meus primeiros sonhos de rapariga... D'aqui parti—rica de esperanças, millionaria d'illusões! — para a Vida. Ah! que fé, que confiança eu tinha na grande mentirosa!

Voltei pobre, a pedir esmola, com o coração em farrapos, extenuada da longa viagem. Mas é sempre doce voltar, encontra-se a saudade: um boccadinho ainda do bem perdido...

Estou quasi installada. Sobre a mezinha antiga, junto ao tinteiro de prata, antigo tambem, um mimo da tia Maria Victoria — «Já que a menina passa a vida a escrever, sabe Deus que tolices!...» — tenho rosas, rosas formosissimas, tão frescas, tão perfumadas, que me appetece beijal-as... Colhi-as ha pouco no jardim. São da roseira do muro, a roseira tão minha conhecida, que nunca se cançava de dar flôres, como a minha alma não se cançava de dar-me esperanças... Cançou-se ha muito a minha alma.. Ella, porém, coitada, tão velhinha já, com o tronco carcomido, ainda se cobre de rosas! E' a unica que resistiu á sede, ás privações, a unica que enfeita ainda o jardim abandonado.

Plantaram-se as que tu mandaste. Tractarei d'ellas piedosamente, em memoria das outras que já morreram... *Os mortos vão depressa*... Bem vês, o meu coração desmente o dictado... A tudo me agarro, de tudo me lembro. Com que enternecida saudade procurei o velho cedro, que enchia de sombra todo um canto do jardim e onde, cada primavera faziam ninho as toutinegras! Já lá não está. João mandou-o cortar e plantou uma palmeira. — Arvore mais moderna, mais *chic*...

— Arvore de brazileiro rico, resmungo eu.

E as latadas, as deliciosas latadas, onde os ramos das glycinias e dos jasmineiros abraçavam os ramos das videiras e os cachos pendiam, doirados, entre flôres... Tiraram-n'as tambem. Escureciam a sala de jantar.

— Assim está outra coisa.

Sim, está outra coisa... E tenho vontade de chorar...

Graças a Deus — oh! infinitas graças! — a tia Maria Victoria oppoz uma resistencia de ferro aos melhoramentos com que João pretendia aformosear a nossa velha casa. Encontrei-a quasi como a deixei. A saleta, onde estavamos sempre, conserva todos os seus queridos moveis disparatados; o lindo armario hollandez, que guardava as appetitosas taças de doce da tia Maria Victoria, o grande sofá de cretone azul, a que tinhamos estragado as molas, o piano, instrumento de supplicio para a pobre Piedade, que a mãe condemnava a matracar escalas durante horas, a estante dos livros, com a terrivel grammatica, a mil vezes mais terrivel arithmetica e aquelle velho, prolixo Ollendorff, que eu sabia de cór: — Tem elle o meu canivete ou a saia do escossez? Tem você dois garfos ou a espingarda do visinho?... — Sobre a commoda o ingenuo presepio, ladeado de jarras com flôres de pennas, horrenda obra prima da nossa parenta freira...

E, na grande arca, lá está ainda, envolvido em frescos linhos, o vestido de noiva da tia Maria Victoria, côr de garganta de rolla, enfeitado de preciosas rendas, amarellecidas pelos annos, exhalando aquelle cheiro a antigo tão exquisitamente evocador!

Como já começa a fazer frio, accende-se todas as noites a brazeira.

E, entre as coisas inttmas, que me viram crescer,

eu tenho ás vezes a illusão bemdita de que o tempo não passou... Jamais sahi da minha provincia, da minha casa... Não soffri. Não envelheci. Sou ainda a mesma endiabrada pequena, que roubava o doce da tia Maria Victoria e architectava na ardente cabeça, o plano tenebroso de lançar fogo ás flôres de pennas, horrenda obra prima da nossa parente freira.

Bomfim — 30 d'outubro

Minha prima. Eu nunca disse, nunca escrevi que Mademoiselle de Lespinasse era feia. Foi Scudéry que chamei estafermo e com conhecimento de causa.

Sabe decerto, Clarinha, que essa preciosa ridicula nunca poude aproveitar o seu itinerario do *Pays du Tendre*, porque lhe faltou companhia e o *Tendre* é sitio onde ninguem vae só. — Está provado, provadissimo que o idyllio com Pellisson foi inventado por aquellas divinas besbilhoteiras de Sévigné e de Lafayette... O pobre homem teve outras culpas, que o levaram á Bastilha, mas d'essa cá estou eu para o justificar. —

Julie de Lespinasse, ao contrario, habitou constantemente as tão doces paragens.

Ser feia, minha prima é... não ser amada. *La beauté de la femme c'est l'amour qui la regarde.* O duque de Mora morreu por Julie e o pobre d'Alembert fez, o que eu considero muito mais difficil ainda: Viveu por ella e para ella.

Ser feia, minha prima, é não ter encanto, não ter graça... Nunca vi o retrato de Julie, mas imagíno-a deliciosamente expressiva. Anatole France descreve a *tendre et moqueuse*. Devia ter uma d'essas encantadoras physionomias do seculo XVIII: olhos serios, sonhadores, bocca maliciosa...

Quanto a Guibert estamos d'accordo. Tambem eu o detesto. Não porque fez soffrer tanto a pobre, grande apaixonada... Soffre-se sempre quando se ama como Julie sabia amar, mas porque o acho pretencioso, enfatuado, ridiculo, insupportavel...—Lembra-se, Clarinha como todo Versailles bocejou diante da sua famosa tragedia?... —

Preferia, decididamente, que Julie, depois de ter soltado aquelles gritos magnificos de amor pelo fiel Mora, se remettesse ao silencio, ou então, fazendo grande empenho em continuar, gritasse pelo pobre d'Alembert, que, n'um corpo feio, escondia uma alma *exquise*... Mas lá o disse Pascal:—adora-se muitas vezes quem não merece ser adorado... E escusava, Pascal d'incomodar-se, participando o que toda a gente sabe...

Acha me certamente um monstro de ingratidão, minha prima. Deveria ter começado por agradecer-lhe as lindas coisas que, diz na sua ultima chronica, á amiga alemtejana. Sua lisongeira! E... mesmo que fosse verdade, que um bocadinho do endiabrado espirito da marqueza du Deffand, habitasse o meu cerebro, como queria, Clarinha, um salão *dix huitième* na nossa Lisboa, em pleno seculo XX, nas immedia-

ções do Chiado ? ! Quem substituiria Walpole e a sua verve mordaz, onde iriamos buscar a Marechala de Luxembourg, com as suas grandes maneiras e até aquella maravilhosa aptidão de dar bofetões a proposito nos *Sires* de Tressan — esses não faltariam, são de todos os tempos... — onde está a duqueza de Choiseul, a doce e fragil avosínha, tão cheia de espirito e de razão, que sabia *tenir tête* a Voltaire e confundir o erudito Principe de Beauvau ?

Clarinha, já morreu o Cavalleiro de Boufflers, deixando para sempre de lucto a graça e o Abbé Barthélemy, passeia, nos Campos Elysios, entre sombras illustres... Lembre-se, minha prima, que chegava ás vezes, em plena ceia, uma carta de Voltaire e que, no salão de S. Joseph se escreveu aquella gentil missiva, em que madame de Sevigné, Nossa Senhora de Livry, mandava o seu retrato a Walpole, missiva de que foi auctora a velha marqueza, mas que Walpole, lá se vê, preferiu attribuir a Luiza de Choiseul, que era nova e bonita.

Prima Clarinha, a minha alma habita com delicia o passado, jamais terei um salão n'este feio seculo.

Bomfim — 1 de Novembro

Santos! Dia de *pão por Deus* e d'alegres magustos... Toda a manhã os pobres teem batido á nossa porta, levando uma larga esmola. Mas não ha no céo uma só nesga d'azul e o meu coração está negro e triste como o céo.

Conheces coisa mais melancholica, mais desoladora que uma cidade de provincia nos dias de inverno? A chuva cae, lenta, monotona, teimosa... O tedio invade as almas...

Therezinha recomeçou os seus estudos. Therezinha vae fazer exame Pobre pequena que tamanha negação tem para as lettras! Passa agora os dias com os livros na mão... E' verdade que olha para elles o menos que pode... A cada instante ouve-se a voz de trovão da tia Maria Victoria, perguntando:

— O que é a materia?

Therezinha responde como um papagaio:

— Materia é a substancia de que os corpos são

formados... etc., etc. — Oh! quanto ella deve odiar as sciencias naturaes!

Recebi hontem de manhã, a *Rôtisserie de la Reine Pédauque,* já a devorei de fio a pavio, com a minha habitual soffreguidão... A *Rôtisserie* n'esta casa, de sociedade com os santos da tia Maria Victoria, que tremendo disparate! Oh! se a minha tia fosse capaz de lel-a, o que julgo pouco provavel, e de comprehendel-a, o que julgo menos provavel ainda, quem assava era a rainha e n'um bom lume!

Eu, confesso, adorei o livro de France. E' irreverente? Talvez, um bocadinho... Mas, assim Deus lhe perdoe como eu lhe perdoei. Tudo se permitte a tamanha graça... Os livros salvam-se pela graça como as almas. Lê-o e prometto-te que jámais esquecerás *Monsieur* d'Astarac, o magico, o amante das salamandras e o pequeno Jacques Tournebroche e sobretudo, sobretudo aquelle mil vezes delicioso Jérôme Coignard, que tão bem sabia acommodar as regalias da terra ás maximas severas do catholicismo. Sentirás a suavidade da noite na ilha dos Cysnes, quando *Monsieur* d'Astarac, prometteu a Jacques o amor d'uma salamandra e tal doçura vinha do céo que parecia misturar-se leite á claridade das estrellas...

Sentirás o encanto d'aquella tarde de verão em que Catharina ensinou a Jacques, quanto um beijo enfeita, embelleza, flori a bocca d'uma mulher... Conhecerás Jahel, que sobre o amor, tinha as mesmas theorias da nossa amiga J.

E, não me chamarás talvez muito maçadora se eu

te pedir que me envies mais alguma coisa de France. As Opiniões de Jerôme Coignard ou os Contos de Tournebroche. Demoro-me ainda por aqui. Preciso de livros.

Bomfim — 4 de Novembro.

Continua a chover... Piedade, muito constipada, toda encolhida debaixo d'um enorme chaile escuro, estende as pallidas mãos ao calor da brazeira... A pobre Therezinha, martyr da sciencia, está hoje a braços com a historia de Portugal; triste, murcha, a cahir de somno, decora os feitos heroicos de D. Affonso o Gordo. *Maluca* enroscou-se aos meus pés. A voz da tia Maria Victoria troveja na cosinha. Eu trabalho n'aquelle eterno *crochet*, que é quasi a teia de Penelope e, a alma penetrada d'uma suave melancholia, folheio o querido livro do passado...

— Piedade, lembras-te, quando mandámos pôr a gata branca na roda do convento de Santa Clara?

— A gata branca, tu vaes buscar cada coisa, Luzia!...

— Sim, a *Puss*, que tinha a mania de metter-se com os gatinhos, dentro da arca da tia Maria Victoria...

— E quando eu escalei o muro das Sequeiras para ir buscar uma joeira?...

— E o nosso primeiro baile no salão do theatro?... O meu desgosto porque a tia Maria Victoria me prohibiu de dansar uma polka com o João, que era progressista... Agora, depois da republica, acabaram, decerto, essas divisões...

— Acabaram. Já todos os monarchicos polkam juntos.

— Dize, Piedade, ainda se faz o Mez de Maria em S. Bernardo? Ainda se offerecem a Nossa Senhora, aquellas lindas coroas de botões d'oiro e amores perfeitos?

Piedade tem um gesto de desolação...

— Onde vae tudo isso, Luzia! Fecharam o Seminario. Fecharam a egreja. S. Bernardo é um quartel.

Ah! que tristeza! Revivo as longas tardes brancas, esgazeadas... O sol, cahindo a prumo, sobre a poeirenta Corredora... A tia Maria Victoria, imponente no seu mantelete de seda preta, recommendando-nos que não olhassemos para os meninos do Lyceu... Depois, na velha egreja, o doce cheiro das açucenas, os canticos suaves que desciam do côro... A extranha imagem da Divina Pastora, que as mordomas vestiam á moda... E a minha pura, ardente devoção, misturada aos loucos acessos de riso, que me valiam tantas vezes, tremendos beliscões da tia Maria Victoria... Depois, á sahida, o passeio até á Senhora da Penha .. jógos, correrias na larga estrada, que bordavam os altos, perfumados eucalyptos...

— Lembras-te, lembras-te, Piedade?

Mas Piedade, mais encolhida no seu negro chaile, já não me ouve, reprehende mollemente Therezinha, que poisou sobre os joelhos a historia de Portugal...

— Então, minha filha, estuda... E' para o teu bem, para a tua felicidade...

Com um profundo suspiro Therezinha recomeça a decorar o remoto reinado do sr. D. Affonso, o Gordo, que tanto deve concorrer para o seu bem, para a sua felicidade...

E chove, chove... O céo está cinzento, a rua cinzenta, cinzenta a luz que illumina frouxamente a nossa velha saleta... Evoco ainda outras horas do querido passado... Mas Piedade não responde. Piedade mergulhou n'um dos seus teimosos silencios. Os olhos fecham-se-lhe n'aquelle entorpecimento que dá a brazeira.

Procuro então um livro... O que se hade ler em dia assim tão triste, tão morno?

Rodenbach. Eis uma ideia! Para não desmanchar esta symphonia *en gris*... Por felicidade tenho aqui *Bruges-la-Morte*...

A tarde já. Horas de Vesperas. Calou-se a trovejante voz da tia Maria Victoria. Certamente a minha tia recolheu ao oratorio. Quando não ralha, reza. Atravez a janella olho a rua silenciosa, deserta... Ao fundo, esbatidas na bruma, desenham-se as torres de S. Lourenço...

Sim. E' um canto de Bruges, a cidade morta... Faltam os canaes... Que pena! Mas vae talvez

passar uma *béguine*... Leio... Começa a escurecer... Piedade adormeceu. Therezinha fechou a historia de Portugal, livre emfim do sr. D. Affonso, o Gordo e das suas immortaes façanhas. Na brazeira o lume esmorece sob uma cinza fina. O sino de S. Lourenço toca as Trindades. Therezinha levanta as mãosinhas, murmura: — O anjo do Senhor annunciou a Maria... Ah! quem disse que eu não estou no convento, que não sou uma freira, uma *béguine* de Bruges?

Mas accendem-se as luzes... João entra com os jornaes. Passo a vista distrahidamente pela politica. Constato que a epidemia diminue. Encontro o teu nome em todas as descripções das festas de Cascaes. Estiveste ante hontem no baile, ganhaste o premio do torneio de *tennis*, organisaste um *pic-nic* no pinhal Moser. E, emquanto eu começo mais um tranquillo serão, tu voltas talvez da Parada, trazes aquelle vestido côr de malva, que te fica tão bem... Maria, tu decerto não queres trocar a tua vida de elegante pela minha vida de provinciana... Pois eu tambem não troco...

Bomfim — 12 de Novembro.

O armisticio, a victoria, a abdicação do Kaiser, a imperial Allemanha do nosso amigo Topsius a dar vivas á Republica, todo o velho mundo de pernas para o ar... Uf! que deliciosa trapalhada!

Queria estar em Paris. Vi-a soffrer, a grande cidade, heroica, cheia de fé na França immortal, que não podia morrer... Queria vel-a hoje, em plena victoria...

No Bomfim a alegria do armisticio, confundiu-se á alegria doce dos magustos. Esteve lindo o dia de S. Martinho. Nós fômos passear á serra e, junto ás ruinas do castello dos Moiros, que rodeiam doirados castanheiros, ouvimos as trez salvas festivas, que atroaram montes e valles, annunciando a victoria... Ao fundo a cidade estendia-se n'aquelle geito lindo, em que parece espreguiçar-se, entre jardins, soutos e olivaes, tão pittoresca, com as suas velhas grejas, os seus trez castellos, altos e negros e as

torres da Sé, que o sol enfeitava de oiro e pedrarias ...

N'uma quinta, á sombra dos castanheiros, senhoras faziam um magusto. Toda a terra resplandecia em honra de S. Martinho e em honra dos alliados. Percorremos lindas estradas, depois, uma azinhaga que foi caminho romano e, pela instabilidade das grandezas da terra, passou a ser caminho... de cabras, levou-nos, com que difficuldades! ao antigo convento de Santo Antonio, n'um dos sitios mais bonitos do Bomfim. O convento conserva a capellinha pittoresca, onde ha uma curiosa imagem do santo, no dia da sua morte, rodeado por numerosa fradalhada. Quantas vezes ali ajoelhei, pedindo a Santo Antonio, que me restituisse alguma coisa perdida ou me deparasse um noivo, segundo o meu coração! Conserva tambem o seu bonito claustro e, no pequeno tanque, em forma de concha, a vozinha doce d'um repuxo... E a deliciosa horta, com as ruasinhas bordadas de rosas de todo o anno, as frescas latadas, a cisterna da Samaritana, onde é velho uso os namorados irem beber agua, pelo mesmo copo... *cela va sans dire*... e escreverem os nomes, em lettras entrelaçadas... Mas a casa — que já foi uma fabrica! — pertence agora a uma familia rica, que vive em Lisboa no inverno e ali passa os mezes de verão. O refeitorio transformou-se n'uma alegre sala de jantar. Jarras cheias de rosas enfeitam a mesa. Sobre uma commoda bojuda uma palmeira abre as folhas luzidias... E, nas cellas onde os monges tiritavam de

frio, meditando as verdades eternas, raparigas sonham com as ephemeras mentiras da vida.

No terraço do velho convento, tão querido da minha mocidade, saudei o pôr do sol, glorioso como competia a um sol de victoria.

Quando entrámos na cidade uma manifestação ruidosa atroava o Rocio. Toda a garotada de Bomfim batia em latas, gritando: — Viva a Republica! — Mais adiante, na velha rua dos Canastreiros, um bando de patriotas esganiçados, cantava: — *Heroes do Mar*... N'uma *vitrine* de sapateiro surgiu o retrato de Affonso Costa, symbolo do triumpho das democracias, mas interveio a auctoridade e o sapateiro demagogo substituiu a effigie do seu heroe, por um soberbo par de botas, da cano alto, á militar...

Em casa da minha familia houve uma pequena *soirée*. Abriu-se a sala, tiraram-se as capas brancas das cadeiras. Puzeram-se crysanthemos nas jarras e velas nas lindas serpentinas. Cobriu-se o decrepito piano com um magnifico chaile de cachemira da India. A tia Maria Victoria vestiu-se de seda preta, o seu pallio rico. Um grande laço azul enfeitou o cabello loiro de Therezinha. Illuminaram-se as janellas, como em sexta feira santa, para ver passar o Enterro do Senhor... Jogou-se animadamente o *bridge*. As senhoras cochicharam de roda da brazeira. *Maluca*, aninhada n'um canto do sofá, entre almofadas de damasco, rosnava ás visitas. A's 11 horas serviu-se um explendido chá, com as tradicionaes castanhas assadas, em honra de S. Martinho... E, quando o velho

relogio de S. Bernardo deu as doze badaladas da meia noite, estavamos todos na cama. Assim cahiu o Kaiser, assim triumpharam os alliados n'uma velha cidade da velha provincia portugueza...

Bomfim — 15 de Novembro.

Maria, minha inglezadissima amiga.

«*Hurrah! for merry England!*» Pois bem, acabou-se... não te zangues. Tambem eu grito *hurrah!* com todo o enthusiasmo de que posso dispôr n'esta occasião... E, dou-te os parabens, muitos, immensos parabens! Está emfim vencida essa colossal Allemanha! Britannia fica só em campo. *Britannia rules the waves...* Ninguem mais lhe atravancará os mares, nem as terras... Ninguem ousará vender mais panno cru do que ella vende. Ninguem! Tudo lhe pertencerá. Vamos todos ser inglezes. Tu já o eras por devoção... Passas a sel-o por obrigação, como todo o mundo... Ah! pobre mundo!... Isto é: desculpa... O excesso da honra, da ventura, transtorna-me as ideias. Eu queria dizer: feliz mundo!

E a nossa Lisboa, traduzida em inglez?... Adeus pittoresca desordem! Odoriferos caixotes de lixo, esquecidos pelos cantos das ruas, oriental porcaria do

Aterro, gatos esfaimados a devorarem espinhas de peixe, expressivos palavrões de carroceiros, dolentes, cantantes pregões de varinas, turbulentos comicios, em que os successores do sr. Dr. Affonso Costa, grenha ao vento, convidam á revolta!... Ponto final, ponto final em tudo isso! Inglaterra ama a ordem, a lei, o silencio. Lisboa passará a ser quieta e ordeira. Quando muito, em dias de regozijo... nacional — anniversario do nascimento ou do casamento de Loyd George — permittir se ha ao povo cantar: *Ta ra ra boom di a*: ou qualquer outra canção mais moderna, inspirada na graça britannica.

Quanto aos nossos habitos de desleixo e de preguiça... eram uma vez tambem. Lisboa não mais prolongará as suas regaladas somnecas até ao meio dia. Lisboa hade levantar-se cedo, para bem da sua saude e da sua *business*. E hade ser ponctual ao *lunch*. A' uma hora em ponto comerá a sua *mutton chop with potatoes* — Adeus nacional sardinha com pimentões e tu, bife de cebolada!... — Sentar-se-ha depois n'uma boa cadeira e com o *Times* sobre os joelhos, dormirá a sésta.

A's 4 horas, de calças brancas arregaçadas, jogará o *tennis*, o *foot-ball*, ou qualquer outro jogo estafante. A's 5 horas beberá o seu chá .. com leite — se não gostar, tenha paciencia, hade habituarse... — A's 7 tomará um banho — ainda que sinta, pela agua, o classico horror latino — porá um *smocking* e entalará os pés em sapatos de verniz — embora lhe doam os callos. Depois do jantar jo-

gará o *bridge*, em religioso silencio, despejará varios copos de *whisky and soda* e ali pelas onze da noite. quando era seu... mau costume partir para o Monumental ou para os Patos, recolherá á cama... com pyjamas, já se vê, que a camisa da noite fica irrevogavelmente banida.

Minha querida Maria, muito divertido vae ser!...
Hurrah! Hurrah! for merry England!

Bomfim — 18 de Novembro.

Querida Joanninha. O verão de S. Martinho não quer acabar, prolonga-se triumphalmente pelo inverno fóra, tal e qual como a mocidade da nossa amiga B...

Joanninha, na sua condição elegante de citadina, já decerto escolheu os seus vestidos de inverno e, com um molho de violetas a perfumar-lhe o regalo, desce gentilmente o Chiado, gozando a doçura da tarde azul, esquecida de que, n'um canto de provincia, eu lhe quero bem ainda.

Os ausentes são sempre culpados. E eu eternisome por cá... Tudo me falta. Acabou-se-me a Agua de Colonia e os saes d'alfazema. Não tenho vestido de inverno. Ando de chapéo de palha no fim de novembro. E parece-me que me sinto melhor assim, que simplifiquei a vida... Perfumo as mãos com folhas de limonete, ponho uma camisola debaixo do meu *tailleur* de verão e, quanto ao chapéo ...*on se passe*

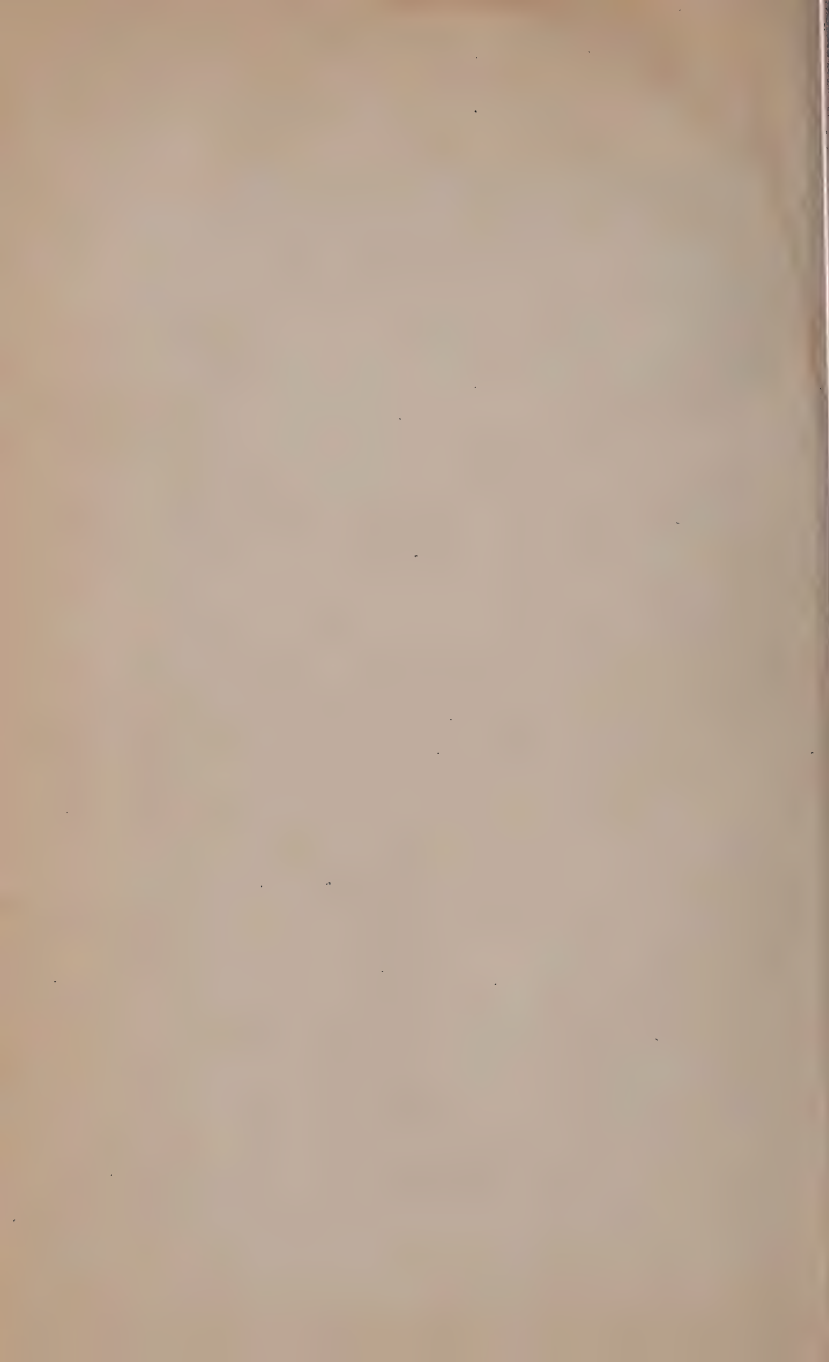
de tout, Joanninha, menos da graça de Deus e, difficilmente tambem, de noticias das amigas. Por isso lhe peço, com interesse, as suas.

Tumultuosas são as que me vêem do mundo, ao som das triumphaes fanfarras da victoria. Abalam espavoridos os velhos reis, com a corôa ás tres pancadas. Retira o Kaiser para a Hollanda, magestoso ainda, no meio do seu brilhante estado maior — Guilherme não podia fugir como toda a gente... — Wilson offerece á velha Europa, juntamente com um sacco de *dollars*, a liberdade, deusa turbulenta... (queira Deus não se arrependa do presente).

E eu desejava estar em Paris no dia em que os exercitos victoriosos descerem a avenida da *Grande Armée*.. Que lindo deve ser, Joanninha! As cinzas de Napoleão estremecerão de orgulho...—Para fazerem uma careta depois, quando virem os inglezes...—

Aqui os dias succedem-se, monotonos e suaves como as Ave Marias do terço que rezamos á noite, na capella... Tenho saude: a do corpo e a outra, ainda melhor, essa saude da alma, que se chama: a paz. Todas as tardes dou lindos passeios. E penso vagamente em comprar uma casa no Bomfim... Projecto, sonho, que ha de desfazer-se como outros sonhos. A quem espalhou tantas saudades pelo mundo é difficil escolher canto para o ninho, porque, todos os logares attrahem ao mesmo tempo e nenhum contenta... A lembrança d'este estraga aquele. No Alemtejo eu teria a nostalgia da viçosa Madeira, no inverno da Madeira, cheio de flôres e de sol, lembrar-me-

hia dos Pyrineus, sob o seu manto de neve... E em toda a parte — Ai de mim! — heide soffrer da minha extranha dualidade, a minha alma decadente de civilisada, hade luctar com a outra, a minha alma simples de provinciana...

Nâitre, vivre et mourir dans la même maison! unico destino invejavel, como dizia Sainte-Beuve!

Lisboa, Hotel Durand — 27 de Novembro.

A civilisação outra vez! Deixei o Alemtejo por uma doce manhã, a que leves brumas davam o encanto mysterioso que dá um véo transparente e fino á pelle d'uma mulher bonita. Gelei na estação de Castello de Vide, esperando o comboio, atrazado uma hora... Na carruagem, para onde me icei, com o meu «necessario», o rollo das mantas e o cesto do copioso farnel, abancava já uma numerosa familia: papá, mamã e meninos. Metti-me n'um canto, fiz-me o mais pequena que pude, para que não dessem por mim e me deixassem só com a minha saudade. Mas, d'ahi a pouco, *Monsieur*, um advogado muito conhecido em Lisboa, dirigia-se-me amavelmente. E... foi preciso conversar. Em Torre das Vargens almoçámos. Depois entrou um airoso mancebo, filho de Marte, garbosamente envolto no seu manto azul horizonte. A menina mais velha sacou logo d'um espelhinho, polvilhou-se abundantemente, avivou a côr

dos labios, endireitou e chapeo e tomou posições de namoro, mas o juvenil guerreiro nem lhe deu um olhar e cinco minutos depois adormecia, com o *képi* sobre os olhos...

Horas arrastaram-se lentas, desesperadoras, sem fim... O comboio mais parecia uma pileca cançada .. No Entroncamento encalhámos.

Das duas ás cinco da tarde, passageiros nervosos, enervados, subiram e desceram das carruagens, gesticularam diante do chefe da estação, que permaneceu indiferente, fleugmatico... O joven militar continuou o seu somno pezado de justo. Eu, paciente e triste, contemplei os altos eucalyptos, lembrando os outros, que, na minha terra, bordam e perfumam as largas estradas. Depois, até Lisboa foi a invasão brutal, em cada estação... Homens, mulheres, malas, subindo atabalhoadamente, pizando-nos, empurrando-nos, installando-se no nosso collo, surdos a todos os protestos... Um horror!

Acordou com a barafunda Marte e de novo a menina tomou posições d'ataque, sem o minimo resultado, coitadinha!...

A noite desceu sobre o campo lindo do Ribatejo. Jantámos. *Madame* offereceu-me pasteis de bacalhau. Eu offereci-lhe bolos de amendoa. Em Braço de Prata o comboio encalhou outra vez. Ouviu-se emfim a voz do formoso alferes, exclamando impaciente: — Que serviço!

Todos repetimos: — Que serviço!

A's 10 horas, na estação do Rocio, não se via um

palmo adiante do nariz... E eu, rodeada por uma multidão brutal, que me empurrava sem dó nem pena, gritava por Antonia, que, á porta da sua carruagem de segunda classe, se debatia, entre carregadores, com uma mala em cada mão.

Perto das onze estavamos emfim n'um quarto do velho hotel Durand...

— Haverá baratas? — perguntei aterrada.

— Baratas no inverno!...

E Antonia encolheu os hombros, com aquelle alto desdem que lhe inspiram as minhas tremendas ignorancias.

Assim voltei á civilisação.

Lisboa — 5 de Dezembro.

Data gloriosa... Foguetes, musica e... viva Sidonio, o Grande!

Lisboa anda ha dois dias envolvida em nevoeiros, a fingir de londrina. Está em gréve a electricidade. Muito pittorescas as ruas, de noite, ás escuras... Quebram-se braços, pernas, cabeças... Ha attentados contra a virtude e contra a algibeira...

Hontem, no Avenida Palace, o corpo diplomatico, predominando o elemento britannico-americano, dansou á luz frouxa de trez vellas e dois candieiros de petroleo. Nem por isso o baile perdeu a sua alegria. Toda a gente saltou no meio da sala. Não ha como as raças saxonicas para se divertirem simplesmente, sem essa noção, esse terror do ridiculo, que, a nós latinos, paralysa tantas vezes... Nós... temos tanto espirito, precisamos de tantas coisas! Somos terrivelmente exigentes porque somos terrivelmente decadentes...

O commandante do navio de guerra, a quem foi offerecido o baile, um homem novo, de cara rapada, expressão energica, sympathica, o peito coberto de condecorações, riu toda a noite como uma creança e dava prazer, dava saude á alma vel-o rir! Mrs. X, americana gorda, anafada, côr de tomate, valsou delirantemente. Conta cincoenta e... muitas primaveras, que lhe importa? Gosta de dansar... Dansa. Tem razão Mrs. X. Assim é que todos deviam ser.

A ceia esteve animadissima. Correu o *Champagne* abundantemente, qual fonte de alegria... Houve brindes, houve discursos. America fez um *speech* a Gran-Bretanha, que, por sua vez, brindou America... *Hip! Hip! Hurrah!*

E que cordialidade, que meiguice, que harmonia! Ah! quem as viu e quem as vê!

— A Portugal. Ao Presidente.

Ao Presidente?! Esvaziámos, cheias de enthusiasmo, de devoção, os nossos copos. Bernardo de Albuquerque, o juvenil ajudante de Sidonio, agradeceu.

— Diga-lhe que todas nós o adoramos, que todas nós morremos por elle, exclamou impetuosamente Margarida.

— Dir-lhe-hei, minha senhora.

Acabada a ceia as dansas recomeçaram com mais *entrain*. Mrs. X foi arrebatada nos braços herculeos d'um americano apopletico. A linda generala D. rolou no chão, arrastada pelo par, que o Champagne deixára n'aquele ditoso estado em que se não sabe onde se tem a cabeça nem onde se põem os pés.

Ao lado de Martha, muito elegante, muito bonita, no seu vestido cinzento, com um cinto côr de turqueza, eu diverti-me immenso a ver *rigoler* as nações vencedoras.

Agora, querida Joanna, deixa-me dizer-te que recebi a tua carta. Gostei muito de ter noticias tuas. As saudades são reciprocas. Irei talvez ver-te na primavera, quando estiverem em flôr as tuas roseiras de S. Roque.

Lisboa — 8 de Dezembro.

Dias passaram, inuteis... Tivemos nevoeiro como em Londres. Depois, na tarde da parada em honra de Sidonio Paes, o sol abriu no azul o seu sorriso d'oiro... Houve um attentado contra o Presidente. Um rapaz de vinte annos apontou-lhe uma pistola que não disparou, felizmente. E, resposta magnifica! — Sidonio atravessou a cidade, em triumpho, aclamado por uma multidão delirante. Hontem choveu, mas as festas continuaram. O Presidente mostrou-se em toda a parte, risonho, impávido, cavalleiro *sans peur et sans reproche*, a quem pertence o coração de Lisboa, fiel enfim.

Escrevo-te ao som alegre dos foguetes. A manhã está indecisa, clara, escura... Ora chove, ora faz sol. Mas é preciso que Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, nos mande um lindo dia. Faz hoje um anno que triumphou Sidonio, Principe de milagre Os sinos repicam festivamente. Ha alegria em toda a terra portugueza.

Avisto da minha janella a mancha vermelha duma bandeira. Oh! Eu preferia que ella fosse azul e branca, dizia melhor com o nosso céo, com as nossas tradições, com o manto da Virgem que nos protege, mas, por amor do Presidente, já todos perdoámos á bandeira. E, Nossa Senhora da Conceição reconheceu-a certamente pela dos seus, quando a viu, heroica e ensanguentada, nos campos da Flandres.

Dias passaram, inuteis... Cancei-me. Provei vestidos. Comprei um chapéo. Tratei as mãos, queimadas, estragadas pelo sol da minha terra. Ondiei o cabello. Perdi dinheiro ao *bridge*. Disse e ouvi tolices. Disse e ouvi mentiras. Bem vês, já retomei todos os meus habitos de civilisada.

A Lisboa, minha conhecida, continua no seu *ram-ram* habitual, com mais um cabello branco, mais uma prega de velhice, ou de cansaço, sob o *henné* e sob o pó de arroz.

A nossa amiga I. está de novo apaixonada. Agora é que é a valer, diz ella. E a nossa amiga M. despediu o seu docil, humilde, segisbeu. Não quer mais nada com o amor! Ponto final, diz ella tambem. Eu imagino que é apenas ponto e virgula...

A. a gorda A. triumpha. Conseguiu ter, no seu ultimo chá, o velho conde de L. Ficaram pois, emfim consagrados os tão insipidos chás.

Assim vae o mundo, minha querida Laura... Preciso que me falles da tua calma ventura.

Lisboa — 12 de Dezembro.

«Os dias seguem-se e não se parecem.»

Hontem, na manhã toda azul e oiro, emquanto Lisboa, a odalisca, ria ao sol, eu desejei viver. Hoje o nevoeiro voltou, a odalisca encolhe-se, tiritando de frio, a humidade penetra até á alma. Sinto-me triste, triste e é a morte que eu desejo outra vez. A morte em que descançarei emfim... Suave bem amada que traz as mãos cheias de papoulas, a flor do esquecimento.

«Os dias seguem-se e não se parecem.» Penso nos mortos. Penso nos vencidos.

Morreu Rostand. Parece-me ainda ouvir a voz musical de Coquelin, cantar a graça sonora, o encanto heroico de Cyrano...

E que foi hontem que eu vi a divina Sarah conquistar ao *Aiglon* todos os corações de Paris. E que, hontem ainda, a *Princesse Lointaine* era uma visão de sonho, desfiando como um colar de perolas, as estrophes lindas :

—Les lys sont purs et blancs.
Les grands lys sont troublants...

Mas, calou-se para sempre a voz doirada de Coquelin, a divina Sarah é uma mutilada apenas e já morreu Rostand...

Os jornaes da noite de hontem annunciavam, no seu brutal laconismo, que o Kaiser, o grande vencido, a figura mais tragica, mais dilacerante da historia, tentou suicidar-se. Maria, alliada feroz, ferocissima, não me fulmines, se eu te confessar que tenho pena do Kaiser...

Ando pelo mundo d'elmo de Mambrino na cabeça' a lastimar os infelizes, a defender os opprimidos, diziam-me hontem.

Ah! quem me dera que fosse verdade!

Pudesse eu trocar aquelle banal chapéo de velludo que me custou uma fortuna, pelo heroico, luminoso elmo de Mambrino! Sucessora de D. Quixote, do meu heroe!

Porém D. Quixote, flôr de cavallaria, era um sublime visionario, que nada poude contra as injustiças da terra. E eu, o que sou? Um coração de piedade, doloroso e inutil...

Lisboa — 27 de Dezembro.

Foi triste o dia de Natal, cortado de bruscos aguaceiros. Em toda a cidade as bandeiras continuaram a meio pau e o povo lá seguiu para Belem, para os Jeronymos, na habitual peregrinação... E' enternecedora e linda, consola... de resto, a saudade do povo. Emquanto os politicos intrigam, desenvolvem todas as suas manhas estreitinhas, emquanto os parlapatões fazem discursos á porta da Havaneza e da Marques, os humildes, os pobres, os que verdadeiramente amaram Sidonio Paes, vão chorar junto d'elle.

Entre flôres, sob as magestosas arcadas, o Presidente repousa, emfim. Desfez-se como um sonho este anno de justiça e de gloria e de nobres ambições... Nas tardes luminosas jámais veremos passar o cortejo triumphal: entre o seu luzidio estado maior, a figura esbelta de Sidonio, aclamado por um povo em delirio...

Tudo como d'antes. E eu aposto que no fundo os

politicos estão satisfeitissimos, porque voltaram á vidinha que lhes agrada... Calumniar, intrigar, fazer comicios. Os jornaes já andam n'uma bulha de senhoras visinhas. O *** despediu-se do partido. O *** ataca os monarchicos. O *** faz insinuações e o *** conta, muito em segredo, aos intimos, que o *** nunca foi de confiança. . muito intelligente, Oh! intelligentissimo! mas é bom a gente não se fiar n'elle. .

Cavalheiros apopleticos, com o coco cahido para a nuca, exclamam: — Isto não pode continuar assim!

Meninos imberbes, gesticulam, berrando:—Eu não admitto...

E ha os mysteriosos, os que estão no segredo, os que sabem tudo, e, em voz baixa, com olhares desconfiados para a direita e para a esquerda, annunciam: — O golpe d'estado, zaragata para ámanhã, a morte de Magalhães Lima...

Policias circulam, importantes, magestosos. Ouvem-se vozes esganiçadas de garotos, apregoando: — O retrato do Sr. Dr. Sidonio Paes, a trez tostões para acabar...

Passam regimentos, ao som de marchas funebres. Pergunta-se avidamente: —Aquelles são pelo governo ou pela junta? São monarquicos ou republicanos? — D'antes eram todos por Elle... E eu tenho a amarga, a dolorosa sensação que de nada serviu o sangue que o justo derramou por nós.

São tristes para mim todas as festas, mas parece-

me que nunca, em dia de Natal, arrastei um tão fundo desalento.

Sahi cedo para a missa. Depois fui ver a pobre Clementina, tão velhinha, tão sumida, alheia a todas as revoluções, vivendo só da lembrança do seu querido José, da saudade resignada, calma, quasi doce, que é como a continuação da sua calma ventura. Está muito doente, dizem, porém nunca se queixa, mal falla de si e eu penso que ella hade morrer como viveu, fina e discreta, sem fazer barulho, com medo de incommodar...

Lembrei-me depois que era o dia da recepção da minha amiga Margarida, e que, sempre intelligente, pittoresca, inedita, ella conseguiria talvez distrahir o meu negro coração.

Fui encontral-a na sua linda sala verde *reseda*, decotada, os braços nús, com um vestido bordado a vidrilhos, esguio, de longa cauda, que mais fazia resaltar a sua ondeante, serpentina elegancia. Vestido de baile em plena tarde! — Mas uma pessoa tem de pôr luto, não achas? E é este o meu unico trapo preto.

As jarras transbordavam de cravos. Margarida acordara essa manhã entre cravos. Todos os seus amigos, esquecidos de que ella só ama as rosas — unicas flôres intelligentes, pensantes — a tinham enchido de cravos.

Por ser dia de Natal, talvez, dia consagrado á familia, estava pouco concorrida a recepção. Apenas dois ou tres intimos: Ruy, Alberto, a espiritucsa con-

dessa de I. e Heliodoro, aquelle pobre homem que com um ar tão infeliz e espavorido, recebe, executa as ordens da nossa caprichosa amiga e tão humilde, convicto, abaixa a cabeça, de cada vez que, peremptoria, no seu tom que não admitte replicas, Margarida lhe declara:—Heliodoro, você não passa d'um idiota...

Discutia-se, ou antes, elogiava-se ardentemente a ultima chronica de Clarinha sobre o enterro de Sidonio, pagina mais bella que traçou a penna d'oiro, honra e gloria do "Nacional". Mas a condessa, bocejando, achava que já se tinha repisado de mais assumpto tão tetrico. Ella, decididamente, tinha a sua conta de enterros e de heroes. Estava morta por que passassem mais umas semanas... — Quando pensam vocês que se poderá dansar?

Margarida não sabia. Parecia-lhe que nunca mais sahiriam d'esta atmosphera lugubre. Ella, pelo menos, só tinha ideias tristes, gostos tristes... E lembrou a Marcha funebre á memoria d'um heroe, que servira de thema á chronica de Clarinha. — Dera-lhe para adorar essa sublime marcha!

— Heliodoro, abra o piano... Mas, veja lá, afaste a colcha com cuidado, não vá entornar-se a agua das jarras...

Heliodoro precipitou-se para o piano.

Eu exclamei: — Explendida ideia, Margarida. Toca-nos um bocadinho de Beethoven. Beethoven faz bem á alma.

Os primeiros accordes da Marcha á memoria d'um grande heroe, vibraram graves, sob as mãos finas

de Margarida, mas a condessa supplicou: — Pelo amor de Deus, filha, acaba com essa maçada triste... Toca antes um fadinho...

E... — oh! miseria! — á triumphal musica de Beethoven succedeu o fado canalha.

Cerraram-se languidos os olhos da Condessa. Em surdina, felizmente, a sua voz cantou: — Oh! Ai! Oh! linda!

— Já agora, Margarida o tango, pediu Alberto.

Mas Margarida, declarou, muito séria, que o tango era de mais. Podia ouvir-se na rua... Ella não queria historias...

Dulce entrou, grande, branca, marmorea e, logo depois, como seguindo o rasto d'uma estrella, Luiz...

Serviu-se o chá. Accenderam-se os candieiros que espalharam na sala uma doce luz rosada. Dulce annunciou, negligentemente que estava para breve a volta do sr. D. Manuel. Houve uma exclamação de incredulidade e surpreza. Mas logo Margarida, muito grave, confirmou a sensacional noticia...

— Sim, era verdade... Sabia-o ella melhor que ninguem. porque entrava na conspiração...

— Tu conspiras?

— Conspiro, para fazer alguma coisa, emquanto não parto para a minha grande viagem...

— Vaes viajar?

— Durante muitos annos. Os necessarios para esquecer esta pasmaceira.

Porém ainda não estava bem decidido o itinerario. Ou partia com o Ruy...

— Comigo ?! — perguntou Ruy pasmado.

— Perfeitamente, comsigo, para a China, onde nos vestiremos de chinezes e você usará rabicho que lhe ha de ficar tão bem! A não ser que eu opte por um longo *séjour* no deserto, a sós com um camello e com Heliodoro...

Todos riram. Todos desataram a dizer extravagancias.

A minha tristeza cresceu mais pezada, mais densa. Despedi-me. Margarida acompanhou-me até á porta, atirou-me ao pescoço os seus braços — os mais lindos de Lisboa — murmurou n'um queixume de creança:

— Volta. Vem mais vezes. Sou tão tua amiga!

Tão minha amiga?! E' verdade? Não é? *chi lo sa?* Talvez que nem ella...

3 de Janeiro

Que te escreva, que te escreva, que te escreva!.. E que te conte minuciosamente tudo o que vae por cá...

Ah! Laura, já é preciso ter mau gosto!

Pois, na paz da ilha formosa entre todas, gozando os doces *far nientes* na varanda, defronte do mar, o mar da Madeira, o mar mais azul, podendo tão deliciosamente ignorar ou esquecer — unicas coisas invejaveis — tu deveras, queres noticias d'esta cidade de luto e desordem?

O que vae por cá? Vae, que hoje estamos peior que hontem e ámanhã, decerto, estaremos peior que hoje.

E depois, chove... Emquanto na tua dôce terra se enchem de flôres aquellas trepadeiras d'um tão lindo amarello alaranjado, *beguenonias vetustas*, as primeiras da estação, Lisboa afoga-se em lama.

Eu leio. Tu sabes que os livros são de ha muito

os meus grandes amigos, os meus consoladores e o meu supremo refugio, torre de marfim onde me fecho a sete chaves.

Felizmente pedes-me tambem que te falle das minhas leituras. Ah! isso farei eu, com prazer.

«*Quand on a vécû quelques années d'étude avec ces images charmantes d'il y a cent ans, on est comme dépaysé dans ce temps ci...*» diz Bardoux, n'um estudo sobre o delicioso,—aliaz tempestuoso — fim do seculo dezoito e o delicioso, e não menos tempestuoso, principio do seculo dezenove. A historia triste e enternecedora de Delfina de Custine, filha da Condessa de Sabran, uma das minhas amigas espirituaes, que já te apresentei decerto.

Interessa-me mais a mãe porque a conheço melhor, porque adoro as suas cartas ao Cavalleiro de Boufflers, porque estou mais á vontade no seu tempo, no seu meio, talvez que tambem porque é, ás vezes, um nadinha maçador e mette muita politica — a odiosa politica! — o livro de Bardoux; entretanto, como me seduziu, que saudade me deixou essa linda e melancholica figura de mulher!

Bardoux tem razão: *on est dépaysé dans ce temps-ci.* E eu sinto-me cada vez mais presa, mais attrahida pelo encanto do passado.

Leio agora poucos romances. Parece-me exaggerado, falso, tudo o que elles dizem. Prefiro as memorias, romances vividos. E, de por muito longe que ellas venham, sinto-as perto do meu coração. Porque a existencia repete-se. Não ha nada de novo sobre a

terra. Em cada ser humano floriem e morrem as mesmas illusões. Todos conhecem a vã esperança e o negro desengano. Todos vivem sós, incomprehendidos. E, desde sempre, para amar e chorar, nasceram as mulheres. Tributo amargo que a marqueza de Custine pagou largamente. A ella, melhor que á mãe, poderia applicar-se o epitaphio, composto pela condessa de Sabran, para a sua sepultura:

> *«A la fin je suis dans le port*
> *Qui fut de tout temps mon envie,*
> *Car j'avais besoin de la mort*
> *Pour me reposer de la vie.*

Françoise de Sabran teve a felicidade de inspirar um grande amor aquelle terrivel, endiabrado Cavalleiro de Boufflers, heroe de não sei quantas mil aventuras, que com ella aprendeu a doçura da fidelidade, o encanto das affeições que duram...

Começou o idyllio por uma d'essas ternas camaradagens, caminho perigoso que leva direitinho ao amor. Tinham os mesmos gostos, as mesmas ideias, as mesmas opiniões. Esqueciam-se a conversar. Boufflers guardava muito tempo, entre as suas, as finas mãos da condessa. Françoise sorria, chamava-o serenamente: Meu irmão.

Vieram depois as deliciosas, perturbadoras horas, quando já se sabe e... ainda se não disse e se tem tanto medo das palavras e se tem ainda maior medo do silencio. As horas melhores, na minha opinião.

Ignoro qual seria a d'elles, mas ia jurar que a condessa de Sabran pensava como eu. E veio emfim o momento em que elle fallou. Françoise, que pintava lindamente, lembrou-se de fazer o retrato de Boufflers. O modelo deixou um dia sobre o cavalete estes versos:

«Sur mon secret votre talent
Vous instruira bientôt lui même
Quand mon portrait sera parlant
Il vous dira que je vous aime!

Assim partiram para esse longo amor que foi o mais lindo romance do seculo XVIII.

Mas os fados crueis, inexoraveis, vingaram-se cruelmente sobre a filha, da rara ventura concedida á mãe. Delfina nunca foi feliz em amor, nunca foi feliz em coisa alguma, parece-me. Com pouco mais de vinte annos, viu morrer na guilhotina o marido, Armand de Custine, filho do General de Custine, que foi guilhotinado tambem. Era assim que a republica franceza pagava aos que mais ardentemente a amavam, mais fielmente a serviam. Tal e qual o que se passa entre nós, com uma pequenina differença apenas, substituiu-se a guilhotina pelo tiro, processo mais simples, mais rapido.

Porém voltemos ás nossas amaveis francezas. Tenho o retrato d'ambas. Prefiro a physionomia espirituosa e fina, o *minois chiffonné* de Françoise, mas a marqueza de Custine é incomparavelmente mais bo-

nita. Por causa da frescura, da transparencia, do viço da sua pelle, chamava-a Boufflers: rainha das rosas. Por causa do esplendor do seu cabello loiro, chamava-a Chateaubriand: herdeira das longas tranças de Margarida de Navarra.

Ah! voz de Chateaubriand, perigosa como a das sereias! Ouviu-a de mais a linda Delphina e acreditou n'ella... tantas acreditaram!

René, o bello, o pretencioso, o enfatuado, o irresistivel, o egoista René, não podia encontrar uma mulher formosa sem lhe dizer que a amava. Disse pois a Delphina que a amava. Ella deu-lhe em troca e para sempre, o presente real do seu coração.

Era no tempo em que Chateaubriand se deixava adorar por madame de Beaumont, aquella deliciosa Pauline, a quem gentilmente chamavam a *Andorinha*. A *Andorinha* estava muito doente, moribunda quasi.

Para... procurar um lenitivo á sua magua, René começou pois a contar *fleurette* á loira Rainha das Rosas. Emquanto ella não lhe cedeu, que ternas, que apaixonadas são as suas cartas! «*Je ne vis plus que dans l'espérance de vous revoir...*» «*De grâce un mot, un seul mot, pour m'aider a passer la journée...*»

E mais isto e mais aquillo... Emfim o que elles todos costumam dizer e que, com mil vezes maior lábia, sabia dizer Chateaubriand.

Depois... ah! depois, oiçamos a resposta de Delphina a alguem que, no seu castello de Fervacque

lhe perguntava: — «*C'est doncici qu'il a été à vos genoux?*

— *C'était peut être moi qui étais aux siens...*

E, de joelhos, aos pés de René, no cruel martyrio dos que amam e não são amados, viveu e morreu a marqueza de Custine.

Minha querida Laura, devemos dar infinitas graças a Deus que nos livrou do sr. de Chateaubriand.

13 de Janeiro.

Inverneira e revolução! Em Lisboa os acontecimentos resumiram-se n'um ataque a infanteria 33, o commandante gravemente ferido, gritos, correrias, etc., etc. E n'uma insubordinação de marinheiros, essa sem que se disparasse um tiro.

Sobre toda esta desordem a chuva cahiu torrencialmente e despenharam-se tambem os mais pavorosos boatos, que teem trazido a cidade alarmada e deliciada, no seu appetite hysterico de bisbilhotice terrorista.

Mas é mais grave o caso em Santarem onde se concentraram todas as tropas revoltadas. Quem vencerá? Ah! ninguem sabe, ninguem pode prever!

Jogava-se hontem o *bridge*, n'aquelle bonito *appartement* do Avenida Palace, a que Martha soube dar um conforto, uma graça tão pessoaes, Harry rugia contra um dos meus doidos sem trumfos, que nos valera cinco *cabides*, quando Alexandre entrou, elegante, irreprehensivel, a lapella florida d'um cravo

branco e, muito negligentemente, com o seu arsinho desdenhoso de quem tanto se lhe dá como se lhe deu, annunciou os mais tetricos acontecimentos. Não sei quantos regimentos revoltados, varias e variadas mortes e, d'aqui a pouco, se é que não começaram já, saques em toda a cidade...

Eu exclamei: — Brr!!!...

E Martha, com o seu tranquillo sorriso: — Póde lá ser!

Antonio encolheu os hombros. Nada o espantava já. Se lhe dissessem que um d'esses senhores, julgando-se Nero — elles julgam-se tantas coisas por ahi além! — mandára lançar fogo á cidade, acreditava. E achava natural, naturalissimo...

Harry continuou a dar cartas, marcou copas, pediu que não fizessem barulho, com barulho era-lhe impossivel jogar. Mas Marianna ficou logo fóra de si, berrou, gesticulou, telefonou á policia, aos ministerios, aos quarteis, quasi requisitou um regimento para acompanhal-a a casa.

— Socega. Entre mortos e feridos alguem ha-de escapar... — aconselhei eu.

— Bem se vê que não és mãe, Luzia!

— Os teus filhos não estão em Lisboa.

— E que tem que não estejam? Estou eu. Se me assassinarem ficam elles orphãos.

— Mais uma razão para não te ires embora. Aqui não corres perigo, observou Martha.

Marianna retorquiu logo impetuosamente:

— Bem se vê que não tens armarios, Martha!

— Armarios ?!...

— Sim, os meus preciosos armarios antigos de charão. Se não quizer dizer-lhes adeus, heide escondel-os em logar seguro. E, sabe Deus se a esta hora já carregaram com elles...

— Para onde ?!...

— Ora! Para onde ? Para casa do Affonso Costa ou d'outro figurão qualquer.

E, todos os nossos argumentos foram escusados, inuteis, vãos. Marianna corria da porta para a janella. Parecia-lhe ouvir no corredor palavras suspeitas... gente, com cara de caso, a conversar... E achava tambem um aspecto extraordinario, desusado á Avenida. Passavam menos electricos. Um automovel atravessara n'uma desordenada pressa, fazendo um barulho exquisito com a busina.

— Ora se havia alguma coisa e d'alto lá com ella! Ah! que terra! que selvagens! que brutos! que monstros! que feras!

Decididamente ia para casa. O peior é que tinha quasi tanto medo de ir como de ficar. O perigo estava em toda a parte. Pediu a sua carruagem, queria á força que Harry lhe emprestasse uma bandeira ingleza. O cocheiro leval-a-hia desfraldada na mão que costumava brandir o chicote e, só assim ella se sentiria segura, e francamente a Inglaterra que nos deve tantos favores, tambem pode aquecer-nos as costas de vez em quando. Mas Harry não possuia nenhuma bandeira. Marianna teve de contentar-se com a companhia forte de John, o escudeiro inglez, que

fleugmatico, imperturbavel, se installou ao seu lado, no estreito *coupé*. Assim recolheu a penates a nossa amiga e nós podémos emfim continuar o *bridge* turbulentamente interrompido.

A' meia noite, sem pressa e sem medo, subi o Chiado, a caminho do meu hotel, philosophando sobre a fragil existencia humana, que não vale a pena guardar nem defender, porque, como diz Shelley:

— *Death is here, death is there, death is busy every where...*

E, como diz tambem a minha sagaz tia Maria Victoria: — A gente só morre quando Deus manda.

Não ha pois de que ter medo... Mas cança, enerva esta atmosphera de desordem, de boatos. Todos os dias e todo o dia: — Morreu este... Assassinaram aquelle... — Nem se tem tempo de dizer: — Que a terra lhe seja leve... — Já a outro racharam a cabeça... E rebentou uma bomba no Carmo e foi assaltado o Governo Civil... Todos á porfia, acusam Tamagnini Barbosa, os democraticos de entendimentos com os monarchicos, os monarchicos de vergonhosas transigencias com os democraticos...

E cada um puxa para o seu lado, cada um procura o seu interesse, só, só o seu interesse!

Ah! por bem pouca coisa, tu sacrificaste a vida, meu grande Sidonio!

Lisboa — 16 de Janeiro.

Sim, é verdade que acabou esse amor, de tão longa duração já, que parecia desafiar toda a instabilidade, toda a inconstancia dos amôres da terra. Serão como Philémon e Baucis, pensavamos nós.

Minha querida Maria, Philémon e Baucis não se repetem. Já é milagre que alguma vez existissem ou que alguma vez os inventassem. E se, por uma acertada medida de prudencia, Shakespeare não matasse Romeu e Julietta na flôr dos annos, vel-os-hiamos seguir, cada um para seu lado, trauteando a aria do Barba Azul: — Novos amores escolherei pois...

Porque foi que Constança se aborreceu de Roberto?

Roberto tem, como tu tão enthusiasticamente proclamas, todas as qualidades, e da melhor qualidade era o seu affecto, feito de terna indulgencia, de carinho, de dedicação, querendo dar sempre muito mais do que recebia.

— Nunca me causou um desgosto, nem sequer uma contrariedade — diz a propria Constança.

Mas, tu deves sabel-o, não é esse o genero de sentimento que encanta e prende as mulheres. Quantas vezes, nos dias em que Roberto dispendeu mais largamente o seu espirito de abnegação e de sacrificio, Constança repetiria aquellas profundas palavras do *Lys Rouge* : — «*Est-ce qu'il ne m'aimerait pas assez pour me faire souffrir ?*»

Somos todos inimigos da perfeição. Lembra-te de Ulysses, na ilha de Calypso. — Cito-te, como vês, todos os exemplos e opiniões celebres. — O amor de Roberto era d'uma tão monotona perfeição! Sentindo o tedio, a fartura de Constança, que ella não escondia, aliaz, estive até para aconselhar o pobre namorado : — Homem, inquiete-a, rale-a, atormente-a, faça-lhe uma infidelidade, seja authoritario, bata-me com esse pé no chão!

Mas, não aconselhei. Era inutil, decerto. E aconteceu o que fatalmente havia de acontecer. Constança archi-aborrecidissima disse-lhe que sentia muito, que tinha muita pena, que achava, na verdade, muito mal feito, porém que... que estava até aos olhos!

Roberto desesperado foi viajar. — A gente quando não se suicida vai sempre viajar...

Se eu acho que elle hade consolar-se ?! Hade, pois então não hade? Mais dia, menos dia todos se consolam. A desconsolar-se e a consolar-se passa a humanidade o seu tempo.

E se é certo que Constança — a ironia do nome!

— tem um novo... capricho? Sim, é certo, certissimo. Por X? Perfeitamente, por X. Mas quem te disse? Deus do céo, como as noticias voam!

Este hade dar-lhe tractos de polé. Vae Constança saber finalmente em que consiste a felicidade no amor! Pensas que estou zombando? Ai de mim! Não estou. *La femme n'aime que ce dont elle souffre*... opinião dos Goncourts, outra opinião illustre, que é tambem a da tua amiga.

Lisboa — 18 de Janeiro.

Apoz a revolução, um baile: os eternos contrastes da vida! E foi A. de B., um dos juvenis guerreiros de Santarem, que mais denodadamente atacou as valsas e os impetuosos *two steps.*

Quando ás sete da manhã, hora a que acabou o baile — digam lá que a humanidade já se não diverte!—a linda condessa de V. — aquella francezinha delgada, d'olhos garços, que tu admiraste tanto, lembras-te ? — sahiu dos braços do moço official, sentia-se decerto tão vencida, tão amarfanhada como as tropas democraticas depois da refrega.

Mas S., o nosso S. não se portou peior. Atirou-se com igual bravura á dansa e ás mulheres, entre as quaes teve um doido successo.

— Não achas que se parece um pouco com Napoleão ? perguntava-me Leonor.

— Sim. Napoleão em Austerlitz. E que o diga a bonita generala B...

Na sala vistosamente enfeitada com as bandeiras das nações victoriosas, inglezas, entre os quinze e os sessenta annos, voltejavam imperturbaveis. G. de V. pallido, esgrouviado, com aquella extraordinaria, hirsuta grenha, cahindo sobre os negros, magnificos olhos, lembrava um *apache*, arrastando para o crime, a esculptural N. M. vestida de odalisca. Uma mulher muito gorda, de saias pelos joelhos, saltava, com methodo, nos braços fortes d'um homem alto e vermelho.

O conde de L. aprumava a sua elegancia de *vieux beau*.

Madame D. decotada, caiada, penteada, calçada, enluvada no rigor da moda, declarava com desdem, que os vestidos das diplomatas eram todos do anno passado. — Realmente essas senhoras tinham obrigação de vestir-se melhor!

Margarida, envolta em sumptuosos brocados côr de oiro, estava com um humor de cão. Mal se lhe arrancavam duas palavras. Nem sequer quiz conhecer o vencedor d'Austerlitz...—De vencedores andava ella farta. E depois, Napoleão assim tão bonito, tão cuidado, de tão irreprehensivel elegancia, era estupido, com certeza, estupido como o pavão do seu jardim.

Inutilmente defendi a intelligencia, o espirito do nosso amigo. Nada, nada, ella já os conhecia á legua! — E se pensas que não tenho a minha conta de patetas!

Na confortavel sala dos H. jogou-se um alvoroçado *bridge*. Entre dois *sem trunfos* dava-se uma

volta na sala de baile, onde o lindo vestido de Martha e a brancura lactea do seu collo, logo attrahiam todos os olhares.

A' uma hora deixei a festa. A condessa de C., fina e esbelta. valsava encostada ao amoroso peito de C.

S. offerecia mais uma taça de *champagne* á generala, que ria n'uma meia *griserie*.

E, em todos triumphava a alegria de viver. Decerto, porque sou uma eterna fazedora de penas, de lembranças tristes, pensei então no tenente Aguiar, morto em Santarem, e que, n'aquella hora estava ainda estendido na egreja, com uma cruz tosca sobre o peito, vellado pelos soldados...

Janeiro — Um domingo (não sei a data).

Tem estado doente, querida Mathilde. Penso em si, cheia de sympathia e pena. Queria que dependesse de mim dar-lhe o que lhe falta para ser perfeita: a saude. Mas, sabe que nada ha mais inutil de que o nosso querer, apezar do celebre dictado: *querer é poder*. — Os dictados, ai de nós! fizeram-se para desmentir o que dizem. — Assim só me resta pedir a Deus as suas melhoras.

O tempo vem lindo! Tanto sol e tanto azul e uma tal meiguice de clima hão-de, certamente, ajudar a sua convalescença.

Mal empregado sol e mal empregado azul e ainda mais mal empregada meiguice em paiz tão desordeido! Antes chovesse a potes sobre as esquentadas cabeças, para lhes refrescar os miólos . . .

Minha querida Mathilde, ando cançadissima de toda esta barafunda, queria fugir. Mas para onde? O mundo todo está louco, parece-me.

Hontem refugiei-me no campo. Digo mal, refu-

giei-me n'uma linda visão do seculo XVIII. A quinta da Marqueza de F, em Bemfica. Que encanto!

Durante umas horas esqueci politica, maçonaria, desordem, jornaes. Impregnou-me a alma o delicioso perfume do passado.

Ah! quem pudesse ficar para sempre entre aquellas coisas supremamente elegantes e lindas! Eu faria, já se vê, uma grande fogueira de todos os *bibelots* das Caldas, almofadas de matiz e molduras *arte nova*, que deshonram profusamente a nobre harmonia do palacio, não esquecendo as vistosas esporas d'oiro, com que foi mimoseado o retrato do primeiro senhor da Fronteira. Encheria os jardins de pavões, ave aristocratica. E a minha imaginação saberia resuscitar a condessa da Ega, passeiando a sua fina belleza loira, entre os alegretes de cravos. Mas oh! sonho vão, inutil desvaneio! Só a minha saudade ficou no palacio encantado, presa á graça de Alcipe, apaixonada pela elegancia d'aquelles doze cavalleiros, que nos seus fogósos corceis, partem a defender as damas opprimidas. E com as estatuas, vestidas de musgo e com as camelias brancas, que, no lindo terraço, se desfolham tristemente, diante d'um horrendo lagarto das Caldas.

Voltei ás cinco horas para Lisboa. Tomei chá no Avenida Palace. Era soturno o aspecto da grande sala, quasi deserta. Apenas duas senhoras, uma forte, trigueira, de grandes olhos negros, vestida de velludo verde — côr mal escolhida, permitta-me dizer-lh'o, as trigueiras jamais deviam usar verde — a outra loira

e tão delicada, tão franzina, tão quebradiça, que, a cada instante eu receiava vel-a fazer-se em bocados, como ha dias aconteceu a Phryné, a minha querida estatueta, vestida de velludo preto, com um abuso, sim, minha senhora, um abuso de pelles ricas, — não se deviam sobrecarregar hombros tão frageis de abafos tão sumptuosos, tão pezados! — tomavam chá ao meu lado.

Queixava-se a dama trigueira do morno aborrecimento em que jaz Lisboa. Não se encontra ninguem. Não ha occasião de pôr um vestido de *soirée*... Ah! quem lhe dera estar no reino do Porto!

— E que julgas tu que se faz de tão divertido no reino do Porto? — perguntou, com certa ironia, a dama loira.

— Pelo menos encontra-se gente conhecida. Com certeza não se toma chá n'uma sala, ás moscas... E dizem que foi tão animada, tão enthusiastica a recita de gala! As senhoras acenavam com lenços...

— Emquanto os republicanos não lhes acenarem com balas... — E encolheu desdenhosamente os hombros a senhora quebradiça. Mas a outra, a trigueira forte, depoz a chicara que ia levar aos labios, respondeu irritada: — Se pensas assim és republicana.

— Perdão. Eu penso assim porque não sou tola.

E... zás! Ahi tinhamos a questão, a inevitavel questão politica. Não pude ouvir tudo o que diziam as duas elegantes senhoras. Fallavam ambas ao mesmo tempo. De vez em quando baixavam a voz, com olhares desconfiados para a minha pessoa. Ignoro se me tomaram por *formiga* ou por *trauliteira*, por uma

partidaria de Tamagnini ou por uma emissaria de Couceiro... que justamente tinham passado a discutir. A senhora trigueira, cuja face affogueava um furioso rubor, accusava a senhora loira, que a raiva tornava mais pallida, livida quasi, de *catavento*. Sim, de *catavento*, isso ouvi eu muito bem.

— Porque ainda me lembro — oh! graças a Deus tenho boa memoria! do tempo em que, na tua opinião, Couceiro era a espada mais valente, mais leal, o cavalleiro d'outras eras, o guerreiro da idade media, das cruzadas... não sei mais d'onde.

Mas a senhora franzina não percebia onde estava a contradição. Certamente ella dissera e... continuava a dizer que o Regente do Porto era um guerreiro d'outras eras. — Por isso mesmo, minha rica filha, deslocado n'este tempo... Ora põe-me tu Giraldo Giraldes, o Sem Pavôr...

— Sem pavôr é que elles se querem — rugia cada vez mais vermelha a dama de velludo verde (cheguei a receiar que lhe désse uma apoplexia. Para pessoa assim tão sanguinea são perigosas as discussões.)

— O resultado hade ser bonito... No momento em que o paiz precisava de socego, arranjarem uma carrapata d'estas que pode comprometter a nossa situação na conferencia da paz!...

— Tu fallas pela bocca de X. (Aqui um nome muito conhecido no nosso meio politico e litterario.)

— Ora essa! Pensas que tens diante de ti algum papagaio?!... — respingou a senhora loira, atirando-se furiosa a um *choux à la crème*.

— Oh! filha! Papagaio, não... longe de mim! Mas lá que te deixas influenciar, que vaes atraz de certas cantigas...

— E a ti? Ouvir-te é como se ouvisse aquelle grande parlapatão do X. (Aqui outro nome muito conhecido no nosso meio militar.)

— Pois n'esse caso adopto as opiniões d'um homem de brio, que se bate... (E a senhora possante sublinhou fortemente as palavras *brio* e *bate.*)

Logo, esganiçada, retorquiu a senhora fragil: — Quando o proprio Rei...

Bem! pensei eu. Ahi vae mais uma vez para a berlinda o Sr. D. Manuel!

E foi. O que elle fez, o que elle não fez, o que elle devia ter feito... E porque é intelligente e porque não é... E porque tem medo e porque não tem...

Ah! que eloquencia, que riqueza de argumentos! Republica de Lisboa, reino do Porto, Couceiro, Giraldo Giraldes o Sem Pavor, a opinião d'este, a opinião d'aquelle, o Rei, etc., etc., etc, tudo discutiram essas senhoras! Isto é: tudo não. Um detalhe — oh! de somenos importancia! — lhes escapou. Os soldados que se batem e morrem pela causa monarchica ou republicana, com fé alguns, olhos postos n'um ideal, n'uma bandeira, inconscientes outros, como os animaes que vão para o matadoiro, miseros joguetes de ambições que ignoram, de interesses que jamais partilharão, pobre, indefesa *chair à canon*...

Porém, já se vê, esses não podem, nem devem preocupar tão elegantes, sumptuosas senhoras.

Lisboa — 12 de Fevereiro

As gloriosas tropas fieis continuam a desbaratar as desmoralisadas tropas revoltosas. Pela pressa com que os trauliteiros fogem, já deviam estar em Petrogrado, mas... ainda estão no Porto, onde, segundo informações officiaes, sargentos e soldados choram copiosamente, com saudades da republica.

Na rua e na minha alma chove...

E continuo a divertir-me, para justificar talvez a opinião, de que a vida seria supportavel sem os divertimentos.

Queixam-se as minhas amigas da falta dos ditos. — Não ha nada. Não se vae a parte alguma... — Parece-me que exaggeram. Se não ha bailes (realmente aquellas a quem pula o pé para dansar estão mal) chás, *bridges*, *bluffs*, não faltam. Já se vê, sendo sempre os mais animados, os mais alegres, em casa de Leonor.

Tristezas não pagam dividas. Foi uma pena que

Monsanto falhasse, maior pena será se a Monarchia do Porto falhar tambem. Ninguem mais que Leonor estimaria que voltasse para cá a familia real, de quem é tão amiga, de quem tem tantas saudades, mas por causa d'essas coisas uma pessoa não se hade matar. E tambem ninguem os mandou metterem-se em semelhante alhada!

Emfim, Leonor encara os acontecimentos com resignação e philosophia.

Ultimamente, depois d'aquella questão desagradavel entre o C. e o M. decidiu, que na sua sala, não se fallaria mais em politica. Politica é bulha certa.. quem quizer bulhar vá para o Rocio ou para o Parlamento.

E, seja nas suas formidaveis, tumultuosas *matinées*, em que, no salão Imperio, sob as doiradas aguias dos tremós, se acotevellam *high life*, corpo diplomatico, alta finança, litteratos *chics* e uma ou outra amiga obscura.. das menos comprommettedoras, seja nos seus deliciosos jantares intimos, de quatro gatos, como ella lhes chama, não dá licença que se pronuncie uma unica palavra sobre o assumpto que actualmente mais preoccupa os espiritos. A este ponto... calcula tu. Hontem Rodrigo citou Robespierre. Leonor perguntou logo quem era esse sujeito. E, mal lhe fallaram em revolução franceza, zangou-se, declarou que todas essas trapalhadas se relacionavam e que revoluções, monarchicas ou republicanas, serviam apenas para ralar a vida de cada um.

Tem razão a minha amiga Leonor, tem muita ra-

zão. Ora, por exemplo, vê tu, se o pobre do Guilherme não faria melhor conservando se quietinho. Mas tu naturalmente não sabes o que aconteceu ao Guilherme. Sabes ao menos de quem se tracta, não é verdade? Aquelle bonito rapaz que inspirou uma tão doida paixão á Magdalena... Parece mesmo que tencionavam casar na proxima primavera, quando as flôres e os rouxinoes... Mas isso é outra historia. Se me embarco n'ella perco o fio á primeira e, em bisbilhotice como em tudo, deve haver methodo. Temos pois que um bello dia, ou por outra um funesto dia, Guilherme appareceu solemne, mysterioso e d'uma distracção! enganando-se repetidas vezes no *bridge*, marcando paus quando tinha quatro figuras na mesma mão em espadas, pondo o az sobre o valete quando bastava a dama para fazer vasa, etc., etc., e depois, na despedida, ao doce, ancioso: — Até ámanhã — de Magdalena, respondeu cabisbaixo, soturno: — Até á volta... se eu voltar!

Partia para o Norte, para a grande batalha! Magdalena chorou, sobresaltou-se, desesperou-se... tanto e tanto que até se esquecia de pôr aquella pomada que dá á sua pelle uma tão linda côr de petala de rosa e de servir-se d'aquella tinta que dá ao seu cabello um loiro tão fulvo. Assim ficámos sabendo que a pelle e o cabello de Magdalena são falsos como Judas, o que certamente já constou a toda Lisboa, porque as amigas intimas logo comunicaram a extranha descoberta a outras amigas intimas, que por sua vez a transmittiram a amigas de igual intimidade.

E a respeito de noticias de Guilherme : nicles ! Isto é : noticias directas. Os boatos, os negros boatos choviam. — Tinha encontrado morte heroica em Chaves, ao som do Hymno da Carta. Outros insinuavam caso mais nefando : Suspeito d'alta traição, fôra enforcado no Porto, á ordem de Couceiro. Outros que estava no hospital, com as duas pernas cortadas, uma orelha de menos e um olho vasado. Outros que partira para Londres n'uma delicada missão. Outros, que tudo aquillo era uma historia. Guilherme jamais estivera no Porto, safara-se para Madrid com uma hespanhola.

E a pobre, febril Magdalena arrancava os poucos cabellos que lhe restavam. (Digo poucos, porque se apurou tambem : as doidas, revoltas madeixas que lhe cahem em tão artistico desalinho, sobre a pensativa fronte, são postiças, o que ha de mais postiças, compradas em Paris, no Noirat. Vio-as a Marianna em cima da commoda, teve-as na mão !)

Até que, emfim, chegou por via mysteriosa uma carta ! Dizia apenas : — Engaiolaram-me estes amigos de Peniche...

Não havia que duvidar. Guilherme jazia nas masmorras da republica... ou do Rei. — Vão lá descobrir quaes...

Elle escrevia *amigos*, logo não podiam ser os republicanos, achava Leonor.

— Sim, mas tambem dizia de Peniche e então não podiam ser os monarchicos — observava Marianna.

E Margarida, em maré de desencantamento, era de

opinião que, a respeito de... Peniche, cá e lá mais fadas ha.

Mas todas estas supposições nada adiantaram e o caso é que Guilherme, o noivo gentil, o adoravel par de tango — oh! tu havias de ver como elle dansava o tango e o maxixe e as outras dansas modernas! — continua decerto, a ferros e é capaz de lá passar o resto dos seus dias.

Por isso eu acho tão sábia, tão prudente a attitude de Leonor. Deixar lá essas barafundas de Couceiros e Viscondes do Banho e Abeis Hypolitos e heroes do mar e heroes da terra. O que tem a gente com isso? Elles que se arranjem. Quem as fez que as desfaça.

Vamos jogando o nosso *bridgesinho* e o nosso *bluff* na paz do Senhor. Paz do Senhor... é maneira de dizer... porque, aqui muito entre nós, as partidas teem andado bastante tempestuosas. Tu nem calculas! A Eugenia está cada vez mais malcriada. Não sabe perder. Disparata. Insulta os parceiros. Olha que não ha paciencia que resista. Até o Conselheiro A. — o mais cortez, o mais inoffensivo dos homens, coitado! — já lhe pespegou: — Se não fosse o sexo fragil a que V. Ex.ª pertence, creia que eu sahía dos meus habitos pacificos e rachava-lhe a cabeça...

A Leonor farta-se de annunciar: — Na minha casa nunca mais aquella grande regateira põe os pés!

Mas, já se vê, como ha falta de parceiros — tanta gente presa! — torna a convidal-a. E, tambem se deu um caso aborrecido no *bluff*. Parece que foi encon-

trado no collo da Ermelinda, um *Joker* [1] de procedencia duvidosa, suspeita. Ella defendeu-se, protestou, jurou que o *Joker* tinha saltado do baralho. Porém todos desconfiaram. E a Cacilda, que tem aquelle genio açodado, chegou a insinuar: — Por essas e por outras é que tu ganhas todos os *potes.*

E, conta-se ainda mais uma historia algo escabrosa. A Prazeres, com a mania dos decotes... — Ella sempre abusou das modas. Quando as saias eram compridas, enrolavam-se-lhe nos pés. Quando as gollas eram altas usava-as até aos olhos, nem podia voltar o pescoço!... Agora que as saias são curtas, não te conto nada! E a respeito de decotes... vê-se-lhe a alma... — Pois lembrou-se d'ir assim vestida, isto é... despida, a uma partida em casa d'aquella *beatona* da Maria Francisca — (*beatona* chamam-lhe ellas, eu adoro-a e os seus lisos bandós e a claridade dos seus olhos e a claridade da sua alma.) — Mal se installaram na meza do jogo, a *beatona,* muito doce, muito serena, declarou que o tempo andava tão desagradavel, tão aspero! Por mais que mandasse accender o fogão achava sempre frio e... — Tu, Prazeres, vaes certamente constipar-te. Ora, faze-me um favor. Põe sobre os hombros a tua *écharpe.* — Prazeres lançou fogo pelas narinas (segundo me contaram, eu não vi) mas... poz a *écharpe.* E ha quem pretenda que talvez lhe aproveite a lição.

---

(1) *Joker* figura do *bluff.*

— Venha de lá uma boa dose de besbilhotice al facinha — pedias-me na tua ultima carta. Julgo que não terás razão de queixa. Besbilhotei.

Em troca, quando me escreveres, falla-me das *bougainvilles* do teu jardim, que devem estar em plena floração. Sim, falla-me muito de flôres. Para purificar...

Lisboa 20 de Fevereiro.

Se eu não partilho a tua indignação?

Não partilho, decididamente. A faculdade da indignação gasta-se, como de resto, todas as outras faculdades.

Tu ainda não tens trinta annos. Eu... oh! pôr aqui, em lettra redonda a minha idade, eis um acto heroico de que me sinto incapaz. Dir-te-hei apenas: Sou muito velha já. Tenho visto, tenho ouvido tanta coisa! Tenho consumido, desperdiçado tantos espavoridos, escandalisados *ohs!* Os poucos que me restam guardo-os para as grandes occasiões. E francamente o teu caso... nefando...

Ora vejamos: G., que é... que devia ser, accrescentas tu, monarchico *enragé*, convidou para almoçar (foi para almoçar? A tua elegante caligraphia ingleza atravessava tamanha crise nervosa, que não pude decifrar bem de que refeição se tracta). L. republicano, democratico, peior...

Seguem se as tuas queixas vibrantes. A esse almoço, na bonita sala, janellas abertas defronte do Tejo, sereno e manso, a Outra Banda destacando, nitida, no céo azul, o sol brincando sobre as velhas tapeçarias, onde aquella dama de cintura quasi tão delgada como a tua, no tempo em que sa usavam as cinturas delgadas, afaga, com mãos, que teem a brancura das tuas mãos, o doirado, heraldico galgo, e, sobre a meza se espalham rosas... vermelhas talvez, em honra do extranho convidado, tu attribues uma larga parte das desgraças que affligem o paiz e a bem amada causa, cujas desditas tantas lagrimas arrancam aos teus olhos formosos. E ruges, protestas, barafustas! — Não tem desculpa, nem sequer tem explicação!

Tem explicação, tem, minha pobre Maria e tão simples! E' que, para o monarchico *enragé* um soberano existe, que elle preza, que elle serve, muito acima, muito mais do que o Rei de Portugal.

E o republicano, o democratico... peior... sauda tambem, com a mais larga barretada do seu barrete phrygio, esse mesmo soberano. Estás morrendo por saber o nome de tão poderosa Magestade? Vou já dizer-te. E'... sua omnipotencia o Dinheiro. G. precisa de L. para qualquer... delicada operação financeira, que a ambos interessa mil vezes mais de que o Sr. D. Manuel ou o... futuro Presidente da Republica. (Escrevo futuro porque o Sr. Canto e Castro, está de emprestimo, de levante). Mas, descança, querida Maria, terminada a operação, o teu amigo G. voltará a ser o incorruptivel realista, que jamais...

oh! jamais! transigiu com republicanos e L, o muito puro, fraternal, igual e livre representante do povo, que jamais — oh! nem por sombras! — manchou as vermelhas mãos em contactos azues e brancos.

E nenhum merece o tempo, a indignação que com elles gastas.

Querida Maria, se deixassemos a politica e aproveitassemos esta precoce doçura de primavera, para um dos nossos deliciosos passeios nas lindas azinhagas de Bemfica, onde talvez, por engano, já começassem a florir os espinheiros, não achas que seria mil vezes melhor?

Lisboa — 27 de Fevereiro.

Monsanto foi um desastre, a monarchia do Porto com o seu regente, as suas bandeiras, as suas recitas de gala, etc., etc. desfez-se como uma bolinha de sabão. Temos os democraticos á porta. Certamente Bernardino ensaia já defronte do espelho o penacho da Presidencia, que tão bem vae ao seu typo de belleza...

E, como amavel diversão a tantas tristezas, dir-te-hei que Godofredo e Amancia, os nossos viscondes de Pé Fresco, exultam, positivamente exultam!

Do mal de alguns nasce o proveito d'outros. Graças á derrota monarchica, porque o sangue e as lagrimas correram, porque muitos tomaram o caminho do amargo exilio e outros jazem nas negras prisões, os Viscondes conseguiram, emfim, trepar o ultimo degrau que lhes faltava para se installarem definitivamente nas glorias do *high life*.

Ah! Muito lhes custou, coitados! Que heroico, que renhido, que trabalhoso cerco! E ainda haver quem

falle na sublime teimosia dos exercitos allemães no ataque a Verdun! Onde fica a teimosia germanica comparada á admiravel pertinacia dos Viscondes! A prova é que os do Kaiser jamais conseguiram metter o nariz na tão cubiçada fortaleza e Godofredo — ou não tivesse elle um nome de guerreiro, de vencedor! — vio abertas, de par em par, as portas a que durante tanto tempo, batera em vão.

Minha querida Maria, já não ha *Turris Eburnea*. *Turris Eburnea* passou a chamar-se *Domus Aurea*.

— Eu livrarei sempre os meus velhos Arrayolos da odiosa pata de Godofredo e jamais as horriveis sedas, ultima moda de Amancia, roçarão os meus pallidos damascos!

«Ah! Maria, a tua amiga e parenta Marqueza de X deve ter chegado á amarga conclusão de que n'este mundo ninguem pode dizer *sempre*, ninguem pode dizer *nunca!* Os destinos crueis, ironicos, zombam das nossas inabalaveis resoluções.

Ahi tens como as coisas se passaram:

Sabes decerto que, logo apoz o desastre de Monsanto, a Marqueza tornou-se a mais devotada, a mais incansavel protectora dos presos pobres. Sem barulho, sem espalhafatos, com aquella serenidade que é apanagio das almas fortes, ella pensou em tudo, acudiu a todos. Dispendeu largamente, profusamente, o seu dinheiro, a sua energia, a bondade do seu coração.

Já se vê, Lisboa elegante e sobretudo a que se dá tamanho trabalho para parecer elegante, correu a aju-

dar, em tão nobre tarefa, tão nobre e alta senhora. Mas a generosidade dos nossos Viscondes ultrapasseu todas as generosidades. Os donativos choviam, precipitavam se aos pés da Marqueza. Flôres raras, *bonbons*. . Amancia até mandou uma caixa de luvas, luvas de Suède, compradas na Alexandrine, para as mulheres dos presos calçarem quando fôrem á Trafaria ou a S. Julião! A Marqueza resistiu ainda. Agradeceu por carta, laconicamente. Mas, ao ultimo casal de perús, gordos, anafados, magnificos, verdadeiros perús de millionario, que acompanhava um bilhete com as armas e a divisa de Godofredo: — *Quero, logo posso!* — pedindo respeitosamente a S. Ex.ª, dois ou tres minutos de audiencia, para melhor combinarem a maneira de auxiliar e alliviar as victimas da infame democracia, a pobre senhora rendeu-se... Tanto zelo, tanta dedicação mereciam realmente um premio!... — Que viesse pois o Visconde, recebia o, com muito prazer e, está claro, a Viscondessa tambem. (O sacrificio tinha de ser completo).

— *Quero logo posso!* — Repimpou-se Godofredo na sala oiro velho, defronte do retrato d'aquelle formoso antepassado, cujos olhos, segundo me contaste, são tão vivos que até mudam de expressão e de côr. Verdes, ironicos, perversos ás vezes, outras languidos, dolentes, amorosos, d'um negro profundo, outras...

Ora eu sempre gostava de saber, que côr e expressão tomaram os olhos do formoso antepassado quando viram Godofredo entalar o monoculo, cruzar a perna

roliça e Amancia, a irritante, almiscarada Amancia, receber das mãos fidalgas de Mafalda, a sua chicara de chá...

Triste espectaculo para esse senhor de Noronha, de Correia, de Almeida, de Henriques, de Menezes e muitos nomes mais!

Todo o novo mundo triumphando do velho, as finas silhuetas, a altivez das cabeças empoadas, a nobreza dos gestos, a linda graça das maneiras, os suaves, quasi imperceptiveis perfumes de *Maréchale*, cedendo o seu logar á burguezia gorda, córada, luzidia, espaventosamente vestida, empestando a *Tréfle Incarnat*.

Ah! meu pobre senhor, o que tu devias ter soffrido! Para que estava guardada a teimosa vida dos teus olhos!

10 de Março.

Obrigada pela tua carta. Quanto aos parabens... ah! Maria, eram pezames que devias mandar-me! Pois julgas assim tão divertido fazer annos?

Ainda não lhes sentes o pezo, bem se vê. Estás n'aquella radiosa idade em que não se olha para traz e mal se comprehende o que é a saudade, o que é a pena do tempo passado, do tempo perdido! Imagina-se sempre que ha tempo de sobra... O futuro parece-nos o thesouro immenso, inexgotavel... Mais um anno, menos um anno, que importa na doirada esperança dos annos que hão-de vir?

Porém envelhece-se, Maria, e os annos, os dias, as horas até, tornam-se como perolas d'um colar muito precioso; uma só que se perca, representa tanto! Envelhece-se... Oh! Quando tu aprenderes toda a amarga significação d'esta palavra! Envelhece-se... E se fosse rapidamente, se, ao menos, viesse d'uma vez, essa negra velhice, tragica antecessora da morte!

Mas leva tanto tempo, vem como tão longos requintes de crueldade! Os annos passam. Já se não é nova e não se é velha ainda, como n'aquella hora em que o dia se despede, já se não vê e ainda não está escuro. A claridade teima em luctar com as trevas que lentamente a invadem. Em cada instante foge um pouco de luz. Cada instante rouba-nos um pouco de encanto... Encanto physico, encanto moral. Belleza, graça, elegancia... Tudo se estraga, tudo se fana. Até a sensibilidade, até o coração! Ha velhos felizes?! Talvez os que teem filhos e tornam a viver n'elles e por elles, com mais doçura ainda. E talvez os outros, de quem se diz que estão na segunda meninice, os que já não se lembram, os que já não esperam Porque da vã lembrança e da vã esperança é que vem a maior tortura.

Mas, não faças caso do que eu escrevi, Maria. Lembras-te quando eras pequenina e eu te contava a historia do Papão? Ouvias me muito attenta, os grandes olhos azues, cheios de curioso interesse, pregados nos meus olhos; depois, quando eu acabava, dizias a sorrir: — Isso não é verdade, pois não?

Quero que tornes a rematar a triste historia, que hoje te contei, com o mesmo risonho, incredulo: — Isso não é verdade, pois não?...

Approxima-se já a primavera, a precoce primavera de Lisboa. Ninhos palpitam. O ar impregna-se de vagos, mysteriosos perfumes. Torna-se mais limpida, mais azul essa divina turqueza: o céo. Tão doces e macias são as tardes, que, dentro em pouco, se qui-

zeres continuar a pôr a tua sumptuosa capa de castor, terás de fazer como o Ega, com a sua rica peliça. Tudo vae renovar-se. Quem sabe se até os velhos corações, por engano, darão flôr outra vez?

Mas, tu pensas em deixar-nos. Estás farta de boatos e de revoluções. Resolveste acompanhar a Pau, a tua amiga neurasthenica. Perguntas-me se essa cidade convirá aos doentes, exgotados nervos de Christina. Eu julgo que sim. Todos os que teem a alma magoada, os nervos cançados pela formidavel tarefa de viver, deviam ir a Pau.

Todos os que soffreram e precisam aprender a resignação deviam ir a Pau.

Todos os que amam as coisas discretas, a discreta luz, o discreto silencio, o discreto, calmo decorrer do tempo, sem choques, sem pressas, deviam ir a Pau.

Se eu não soubesse que foi Bruges, julgaria ter sido Pau que inspirou a Rodenbach aquelle verso triste e lindo:

— «*On souffrait dans son âme on souffrait dans sa chair*
Mais il aavient qu'un peu de joie encore pleuve
Avec le carillon intermittent dans l'air...
C'est là qu'il faut aller quand on a l'âme veuve.»

Como hotel recomendo-lhes Gassion, frequentado em geral por velhas inglezas, cujas candidas almas impregnam a atmosphera da mais casta simplicidade. Ao seu contacto adquire a gente habitos sãos, methodicos. Levanta-se cedo. Passeia antes do almoço. Toma chá com leite. E deita-se ás onze horas, depois

d'um *bridge* innocente e economico, em que jamais alguem conseguiu perder para cima de dez francos. *Bridge* retemperante para os nervos e para a bolsa.

O elemento masculino de Gassion pertence como o feminino á classe *respectable* e inoffensiva da nação ingleza que viaja.

Veste *smocking* para o jantar, fuma graves cachimbos e joga o *bridge* com mais innocencia ainda do que ellas. Mas repito, para convalescer d'uma doença nervosa não ha companhia mais sedativa.

Quanto á tua outra pergunta: se gostarás de Pau? Eu sei lá, Maria! Tudo é tão relativo! A mim parece impossivel que alguem não fique encantado com a doce cidadesinha bearneza. Porem o encanto está sobretudo nos olhos de quem vê.

Aimer c'est embellir... como disse Anatole France. Talvez nos meus olhos resida em parte a belleza que lhe attribuo.

Em todo o caso peço-te: Não a julgues á primeira vista. Ella não agrada á primeira vista. Decerto nunca inspirou um *coup de foudre*... E' um pouco altiva um pouco timida, um pouco mysteriosa. Não revela logo os seus thesouros. E é uma delicada tambem. Despreza a brutal, fugitiva paixão. Ao fulminante *ver-te e amar-te*, prefere a ternura que vem devagarinho, *soft and sweet* e nunca mais se vae.

Desejas saber tambem que attractivos poderás encontrar na vida de Pau. Mas isso ainda é mais relativo, querida Maria! Se estiveres em disposição mundana faze-te apresentar á muito elegante e muito

cosmopolita sociedade que habita essas *villas* de sonho, nas maravilhosas *routes* de Morláas, de Bordeaux, de La Pieta. E passarás a não ter um minuto de repouso, porque a estafa... sociavel é a mesma em toda a parte. Depois d'uma *soirée*, um chá, depois d'um chá, uma partida de jogo, depois do *tennis*, uma volta de valsa. E os *flirts*, as bisbilhotices, a eterna correria das senhoras de idade atraz da juventude que lhes foge, etc., etc.

Queres afastar-te, queres abstrahir-te d'essa turbulenta, aliaz monotona comedia?

Toma aquella ruasinha estreita e silenciosa que leva ao Castello, onde Joanna d'Albret, de corajosa memoria, cantava quando deu á luz Henrique IV:

«Notre Dame du bout du pont
Qu'elle me délivre vite
Qu'elle me donne un garçon!»

Percorre as lindas salas que rescendem ao aroma do passado e guardam as deliciosas tapeçarias celebres em toda a França.

Repara... aquella — n'um bosque de outono, um bosque côr de oiro que se desfolha, scisma, a fronte encostada á mão, uma mulher. — inspirou a decerto a Rainha Margarida, a perola das Margaridas, ou quem sabe?... Foi talvez Gabriella, Gabriella d'Estrées, muito mais do que a Perola amada. Depois, tens o parque largo, profundo como uma floresta. Conheço-o apenas no outono, quando, á semelhança do

tapeçaria, elle se desfolha em oiro, mas deve ser lindo tambem na primavera! E silencioso, e solitario. N'elle poderás julgar-te *la belle au bois dormant*. Beaumont — o parque moderno — a que as sumptuosas caudas dos pavões roçando os longos taboleiros de relva, as azas brancas dos cysnes deslizando nos lagos, as grinaldas de rosas suspensas dos troncos e a nobre elegancia dos cedros dão graças de jardim aristocratico, é tambem encantador, sobretudo ao cahir da tarde. Já o abandonaram jogadores de *tennis*, creanças, *nurses*, etc. N'aquella hora doce, entre as mais doces horas de Pau, quando canta o sino de Saint Martin e responde o sino de Saint Jacques... — Gostarás como eu de ouvir cantar os sinos?

Mas, quantos logares propicios á meditação, ao sonho e quantos passeios e quantas excursões poderia recomendar-te! Dentro, em volta da cidadesinha mysteriosa, joia do Béarn, e para lá, n'esses brancos Pyrineus onde fica Lourdes, a rosa mystica...

11 de Março.

Entrudo. Sob o céo côr de chumbo uma multidão sordida, que guarda ainda o aspecto sinistro das ultimas revoluções. Vem da rua um ullular confuso. Não sabe a gente se é de ameaça, de soffrimento ou de gozo.

— Que miseria! Que relice! — dizia-me ha pouco Leonor.

E, muito murcha, muito desconsolada, as pennas de gallo do seu extraordinario chapéo, cahindo-lhe tristemente para a testa, recordava os divertidos entrudos de outr'ora. O Chiado, aquellas ardentes, loucas batalhas das janellas do Turf para as janellas do Tauromachico, as noites de S. Carlos, quando se atirava areia, tremoços, milho, agua, batatas. Ah! bom tempo! Elegante tempo! Civilisado tempo!... — Um profundo suspiro fugiu-lhe do succulento peito...

Mas, emfim, o anno passado ainda isto se supportava. Foi animada... se foi! a celebre *soirée* em

que a Maria da Luz appareceu vestida de freira. — Ah! Eu nunca vi successo assim! Aquella grande sonsa arranjou um olhar de Santa Thereza capaz de illudir o proprio Papa. — *On lui donnerait le bon Dieu sans confession!*... — como dizia o secretario da Belgica. Este anno é o peior de todos. Lá como este nunca houve! Se vale a pena viver para semelhante infamia! Porque chega a ser infame. Não poder a gente pôr um *dominó*, uma mascara!

E, vibrante de indignação, Leonor contou-me a terrivel aventura por que passou hontem o Gastão, coitadinho! No louvavel intuito de distrahir a nossa amiga, que ultimamente tem andado tão nervosa, — receia até ficar neurasthenica! — lembrou-se esse excellente rapaz d'ir intrigal-a, vestido de Carmen, com mantilha branca e uma camelia vermelha na cabeça. E, como móra a dois passos e só tinha de atravessar a rua, julgou que podia entregar-se impunemente a tão inoffensiva brincadeira... Pois logo lhe sahiu ao encontro um sujeito de barba, com um carão patibular... — Ai! parece que o carão era de deixar uma pessoa sem pinga de sangue! — e ordenou-lhe, aos berros, sacudindo-lhe o braço direito, que puzesse já para ali a bomba de que era portador. Só depois de revistado e apalpado por todos os lados — até a camelia lhe tiraram, podia conter explosivos!... — conseguiu o pobre rapaz que o deixassem!

Diz a Leonor que não se calcula o estado em que elle entrou, quasi sem falla, com palpitações... Tiveram que dar lhe agua de flôr de larangeira e ether

— tu sabes, aquella mesma receita que démos ao Lóló, no dia de Monsanto — friccionaram-lhe o braço, etc.

— E é isto que vês, rematou tristemente Leonor. Esses senhores matam, esfolam, enforcam... Ninguem os incommoda, ninguem os impede de se divertirem como querem. Mas vá lá um thalassa vestir-se de Carmen! Traz logo bomba, explosivos, apanha empurrão, fica com um braço negro! E, muitas graças ao Altissimo, se não é mandado d'esta para a melhor!

Ah! Clara, como a historia se repete! Atravez dos seculos somos sempre iguaes. No tempo da revolução franceza era em nome da santa fraternidade humana, evocando as mais doces, amoraveis razões, que Robespierre e Marat, inundavam de sangue a França. Pois entre nós tambem jamais se fallou tanto na pacificação da familia portngueza. Ainda ha poucos dias, uma intelligente senhora republicana, explicava me a inutilidade da policia armada por Sidonio Paes. Na opinião d'essa illustre dama todos os apparatos de força deviam desapparecer. Somos um povo cordato, civilisado. Ah! somos · que o diga o pobre Gastãosinho! Comigo, felizmente, as cordatas authoridades republicanas não poderão implicar por causa das folias carnavalescas. Terão d'arranjar outro pretexto. Sempre detestei o Entrudo. Para mascaradas basta-me a da vida. D'antes, n'estes dias de folguedo obrigatorio, ia para o campo, com um livro, a melhor das companhias. Lembro-me ainda de certo Entrudo da Madeira, que eu passei no Monte, n'aquelle patriar-

chal hotel da D. Philomena, em que encaixa tão mal o embirrento, sumptuoso nome de Palace. Reinava no Funchal grande animação. Izabel organizara uma *garden-party*, com batalha de flôres. Havia officiaes russos. A loira Princeza de S. fazia furor, vestida de Primavera.

E eu, muito socegada, na paz deliciosa do solitario Palace, lia as Memorias da Côrte de Luneville, a côrte do bom Rei Stanislau, que tanto se divertiu e foi tão gordo e tão amigo de Voltaire...

Ha quantos annos já isso vae! Certamente uma grande parte dos elegantes officiaes que se bateram com flôres nos jardins da Vigia, morreu ás mãos dos bolchevistas. Contam-me que a loira Princeza de S. trabalha, n'uma casa de modas, em Paris, para ganhar o pão de cada dia. Izabel já não organiza festas. O mundo aborrece-a. Só eu não alterei os meus habitos. Faço o que tenho feito sempre. Leio. Sou a mais feliz, afinal.

12 de Março.

De que formidavel e honrosa missão me incumbes, querida Martha!

Como não podes ir agora a Paris e não queres vir a Lisboa, eu é que heide escolher o teu primeiro vestido de primavera.

Tomei nota de todas as tuas recomendações. Desejas, em primeiro logar, que elle não te faça gorda e depois que seja o mais bonito, o mais elegante, discretamente, *sans avoir l'air*, já se vê, de forma a que possas dizer, com negligencia e desprendimento: — A gente agora nem sequer se veste...

Folheei todos os jornaes da modas que me mandaste, esse extranho *Vogue*, em que ha mulheres esguias e longas, mulheres que nunca mais acabam, de feitio de serpentes e do feitio de peixes — teem decerto pretenções a sereias — a elegante *Art et la Mode*, o muito caprichoso *Chiffon*, a odiosa, asserigaitada *Femme Chic*. Concentrei-me. Evoquei a tua

adoravel silhuetta, os teus hombros descahidos — os hombros de *Madame de Grignan* —aquelle penteado repuxado, que te descobre a linda fronte e mais sublinha a forma arqueada das tuas sobrancelhas.

Cada um deve usar o que lhe fica bem. E' já muito antigo o conselho, que, aliaz, poucos seguem. — Mas, levada por elle, arredei irresistivelmente os peixes da *Vogue*, as bonecas da *Femme Chic*, abri: «A moda no seculo XVIII» grosso volume que te diverte tanto folhear. Ali é que eu queria escolher o teu vestido n'uma d'aquellas côres de nomes tão suggestivos: desmaio de rosas, desespero de opala, coração de pomba ferida, Narciso despeitado.

Porém o teu desmaio de rosas, exigia, como *pendant* Marquez desespero de opala, bofes, punhos de rendas, phrase rendilhada tambem e... infelizmente andam encasacados de negro, usam monoculo, dizem-te você, os senhores que te acompanham... Foi pois forçoso voltar á realidade... apezar dos teus hombros descahidos — os hombros de madame de Grignan — e do teu penteado repuxado, á linda maneira do seculo XVIII, reconheci que não havia remedio tinha de metter te n'um vestido da epocha.

Depois, vamos lá, a moda não é tão feia como isso. Nem ha modas feias para as mulheres bonitas. As actuaes saias, apertadas e curtas, são ingratas apenas para as senhoras que soffrem de elephantiase aguda. Quando ouvires uma dama iracunda — d'aquellas que fazem odiar a virtude — soltar imprecações contra as saias curtas, olha-lhe para os tornozellos. Está claro,

devemos fugir dos exaggeros, guardar na nossa *toilette* essa sabia *mesure* que seguem as francezas, mesmo para evitar dissabores, como um a que assisti na Rua Augusta. Defronte da Sapataria da Moda, duas exaggeradissimas *travadinhas* esperavam o electrico.

Passou um carro aberto. Uma d'ellas mediu, com anciosos, inquietos olhos a altura do estribo, disse para a outra:

— Este nem pensar n'isso é bom...

A outra gemeu: — Evidentemente...

Passou um carro fechado. De novo os olhos das duas senhoras, avaliaram anciosos e graves, a altura do estribo. A mais magra que me pareceu pessoa de decisão, exclamou: — Eu agora não espero mais. Ou vai ou racha! E dirigiu-se corajosa, denodadamente para o electrico. Levantou o pé. A saia deu um estalo secco, mas resistiu... Houve segunda arrojada tentativa, segundo estalo, segunda resistencia...

Descorçoada a senhora desistiu. A outra, coitadinha, nem teve tempo de experimentar! O conductor fez retinir nervosamente a campainha e veloz... tal um meteoro, tal uma illusão, o inacessivel electrico fugiu, rua abaixo...

Tragica, sombria como a fatalidade, a travadinha mais magra, perguntou:

— E agora?...

Soturna, murcha como a resignação, a travadinha mais gorda, respondeu:

— Agora, á pata, d'aqui até á Estrella...

E lá seguiram, nos passos acanhadinhos que lhes permittiam as saias.

Mas, para ti, feliz mortal, que vives longe da Rua Augusta e dos electricos, este caso não tem importancia e nem eu sei porque t'o contei. Vamos ao que interessa. Constou-me que havia grande exposição de modelos primaveris na casa Pinto, uma das mais afamadas do Chiado — nossa rua de la Paix, com algumas differenças... oh! pequeninas!...

E, vê a quanto obriga a amizade. Por tua causa lá perdi duas boas horas... isto é: não perdi, que o espectaculo foi divertido e curioso.

Uma grande sala luxuosamente atapetada. Cortinas. Luz discreta. Vasos com begonias artificiaes. Em cadeiras estofadas, formando circulo, como nos antigos bailes do teu adoravel *Club* funchalense, muitas senhoras, predominando as do mundo novo rico, as que pagam caro e n'isso fazem *filé*... Como novidade, os manequins. Manequins de carne e osso... *ma chère!* elegantes, flexiveis, bem tractados, bem espartilhados, sabendo andar, sabendo mover-se, em estudados gestos, cuidadosos e miudinhos, para não romper os estofos, tal e qual como em Paris!

E teem tambem suggestivos nomes os modelos da casa Pinto. Oh! estamos longe dos romanticos Narcisos e das desesperadas opalas! Estes dizem com a epocha, são bem do nosso tempo. Nomes de combate, de opereta, nomes foliões, guerreiros, ternos, maliciosos...

Veuve joyeuse, robe de Fifi, grande fantaisie militaire (capriche du Général Joffre). Tu me plais! — Je me moque. Non! ce que tu m'agaces!...

Quando entrei o manequim mais gentil apresentava, com airosos requebros, á admiração da assistencia, a grande phantasia militar (capricho do General Joffre). Amavel e importante Pinto explicava: — Em sarja azul, uma d'essas maravilhosas sarjas que se apertam na mão, com tanta *souplesse*, como se fossem *chiffon*. A saia não faz uma ruga, não admitte uma prega. O casaco *galonné en rouge et or...* Mas a grande novidade, a *allure* está nas dragonas. Chamo a attenção de V. Ex.as para as dragonas...

As senhoras pareciam suspensas dos carnudos labios de Pinto. Trocavam-se baixo algumas impressões. Havia quem achasse aquella phantasia atrevida de mais para o Chiado. Porém duas meninas de aspecto debil, lymphatico, a pedir Emulsão de Scott, mostravam-se enthusiasmadas com tamanho apparato militar. Quizeram apalpar a sarja. Perguntaram se as dragonas não se enferrujariam com o ar do mar, quando estivessem a banhos. (Eram certamente *habituées* de Espinho ou da Figueira).

E, no caso de se resolverem pela phantasia, com que chapéo deveriam leval-a, redondo ou *toque?*

Pinto informou logo, que o genero Képi acabava de ser lançado, julgava o o melhor para complemento d'aquella *toilette* e sem duvida, qualquer dos seus illustres confrades em chapéos, poderia fornecel-o.

Houve depois a meia voz uma discussão sobre pre-

ços. Pinto começou por exclamar que não queria... oh! não queria ouvir fallar em preços! Era o que menos importava. Trabalhava sobretudo pelo amor da arte. Até lhe parecia um crime pensar na parte commercial d'aquelle *chef d'œuvre*.

Porém como as meninas insistissem com risinhos e graciosos: — Não: que depois é que são ellas para o Papá pagar! — Pinto curvou-se, disse um segredinho ao ouvido da mais lymphatica. A menina protestou alto, indignada. Achava uma exorbitancia, uma barbaridade! Para ficar com o capricho do General haviam de fazer-lhe um bom abatimento.

Pinto defendia-se: — Não posso, juro lhe que não posso! Eu já não ganho cinco réis. E' só pelo amor de arte. Vendo-lhe um Joffre authentico, o da Poiret.

Entretanto, o Joffre authentico desapparecia, subtilmente, como nos contos se evaporam as fadas e de novo triumphante, afflautada, sonora, a voz de Pinto annunciava:—*Oh! Non ce que tu m'agaces!*... creação de Jenny.

E o vestido em cereja vivo, simples e justo, cingia, com volupia, o fino, voluptuoso corpo do fino manequim. Olhei em roda a assistencia. Defronte, no grupo das B., Margarida sorriu-me. E logo eu pensei que era feita de proposito para a sua ousada, modernissima elegancia, aquella moderna, ousada, indiscreta... luva de setim.

Mas — oh! eternos disparates da vida! — foi uma senhora de volumosissimas dimensões, orçando pelas cincoenta e... varias primaveras, que se informou

junto do sr. Pinto, em primeiro logar do titulo da *toilette*... que não entendera bem e depois... se lhe serviria, ella tinha nutrido ligeiramente o anno passado. (No preço não falou). E, após, um curto e intimo colloquio, Pinto ordenava ao caixeiro:

— Reserve... *oh! non! ce que tu m'agaces!* para a Madame Rebollo.

Outros modelos desfilaram. A todos os bonitos manequins emprestavam a graça da sua mocidade em flôr. Os mais garridos, os mais picantes, eram, já se vê, preferidos pela parte mais grave, mais idosa da assistencia. Uma senhora triste, de suissas e bigode, escolheu o *Je me moque: étamine* côr de oiro, côr do sol, côr de trigo maduro, côr de malmequeres de maio, a rir em cada prega. E a *Robe de Fifi*: mussellina branca, bordados brancos, laços brancos, innocencia de primeira communhão, foi logo appetecida por uma matrona enorme, typo de porta-machado.

«Como ellas se mascaram» eis um profundo thema de psychologia feminina, que eu lembro aos nossos Paulos Bourgets.

A' minha direita duas lindas raparigas, cujos olhos brilhavam de enthusiasmo e cubiça, faziam combinações economicas. Não tinham vindo para comprar, essas... queriam apenas saber o que era moda, apanhar aqui e ali um detalhe, calcular se, com as mangas do anno passado e a saia de ha dois annos, poderiam imitar as mangas do General Joffre, a saia do *Tu me plais*. E suspiravam contra a injustiça da sorte que dá tantos e tão lindos vestidos a algumas e quas

reduz outras á simples, primitiva folha de parra. 'A minha esquerda queixava-se tambem uma senhora do genio exquisito do marido, depois que andava neurasthenico era uma pegagice por tudo, um intrometter-se com as minimas coisas: desde a panella até á *toilette.* Assim achando ella a *Veuve joyeuse* um verdadeiro encanto, com tanta novidade e ao mesmo tempo tão pratico, exactamente o que lhe convinha para as *soiréesitas* das Avelares, não se atrevia a compral a, o Antonio veria logo n'aquelle nome um agoiro, uma allusão, sabe Deus se até um desejo de mandal-o d'esta para a melhor.

No grupo das B., a que acabei por juntar-me, conversava-se, ria-se animadamente. Oh! bastava a alegria, a vivacidade d'aquellas bonitas, elegantes mulheres para logo se constatar que não eram novas ricas. Nenhuma vergava ao pezo de recentes milhões. E nenhuma fixara ainda a sua escolha de vestido. Não tinham pressa de comprar. Tinham vindo sobretudo para divertir-se, ver gente, fallar em trapos e em politica, *potiner*, passar o tempo que tão triste e seccante se tornou n'esta Lisboa de revoluções.

Margarida, em maré de telha, entabolára já conversa com uma senhora corada e prasenteira, uma d'essas senhoras muito dadas que, nas lojas, nos electricos, no Gésar, no dentista e no corredor do sr. Doutor Costa Néry, abordam a gente, com um amavel sorriso, perguntam se a porta fechada ou a janella aberta não incommodam e, apoz estes preliminares,

estabelecida a intimidade, desabafam sobre a carestia da vida, descompõem a republica.

— O que mais me revolta é a contradança em que andam os nomes das ruas. Nem dão tempo á gente para fixal-os. A minha já teve o nome de quatro trastes... perdõe-me V. Ex.ª a expressão. Isto nunca se fez em parte alguma. Creio que nem no Mexico.

Margarida observou que, em França, no tempo da revolução, ainda foi peior. Não se contentaram chrismando a Praça Luiz XV, de Praça da Concordia...

— A Concordia, como V. Ex.ª não ignora decerto, era onde os monarchicos — a gente conhecida — aprendia por intermedio da guilhotina, a concordar com a republica. — Até os nomes dos mezes foram banidos!... Assim, pelo calendario de 93, vamos brevemente entrar em Floréal, minha senhora. E não mais celebraremos o nascimento e o martyrio dos nossos devotos santos. Robespierre ou Marat, um d'esses trastes, como V. Ex.ª tão apropriadamente lhes chama, da revolução franceza, substituiu por flôres e legumes, os santos.

A senhora ouvia attenta e grave. O divertido sorriso de Margarida punha-lhe uma deliciosa covinha ao canto da bocca travessa.

E, no seu luxo de emprestimo, os pobres, gentis manequins circulavam, repetindo os mesmos estudados gestos. Ah! fosse eu moralista, muitas considerações faria sobre a influencia perigosa d'esse ephemero luxo; a cubiça, a inveja, as tentações despertadas, ao seu contacto, na alma das raparigas, que, por

officio, o exercem. Mas... é difficil moralisar. Quasi tão difficil como escolher um vestido para ti! Vê lá: em duas horas e n'uma tão vasta colleção, eu não consegui decidir-me!

Pinto, quando soube que se tractava de *toilette* para a mais elegante senhora madeirense, pediu-me que voltasse d'ahi a dois ou trez dias. Esperava outros modelos de Paris. E, entre elles, uma verdadeira maravilha, a *«Je m'en fiche» robe style* usada pela Prévost na ultima peça de Wolf. Sympathisei com o nome. Evoquei a graça da Prévost. Prometti voltar.

Eram 6 horas, quando, de novo, me encontrei no Chiado. Uf! Tinha a minha conta de *toilettes* e modas! Porém tão impregnada vinha d'ellas que julguei sentir ainda na doçura do ar, o doce, macio contacto dos setins. E me pareceu feita de *chiffon* a transparente nuvem, que, por esse lindo fim de tarde, brincava no céo.

Lisboa, 15 de março.

Minha linda senhora.

Sim, a sua carta encontrou-me ainda... *viajando na minha terra*, guiada por aquelle divino espirito, percursor do espirito do Eça, Pude assim, com a maior facilidade, desempenhar-me da sua missão.

— «Mil coisas amaveis da minha parte..» E, como resposta, como agradecimento a tão gentil recado, o *dandy* que assarapantou a nossa pacata sociedade lisboeta com a côr audaciosa das suas casacas, o poeta elegante que ensinou o *flirt* — graça do amor — ás burguezinhas romanticas e, com o mais soberbo topete de que reza a historia dos topetes humanos, declarou, em pleno parlamento: — Sempre padeci, Senhor Presidente, de ter coração de mais...» — Garrett, que cantou o Valle de Santarem e deu a Joanninha aquelles inolvidaveis olhos verdes, quer que eu lhe diga, senhora dos olhos doirados: em primeiro logar, que, achando-a perfeitamente a seu gosto, da

melhor vontade trocava a immortal companhia do Padre Antonio Vieira, de Bernardim Ribeiro — julgo que até a de *Menina e Moça* que elle deve considerar d'um *vieux jeu!* — e outros vernaculos illustres pelo prazer mortal da sua doce, fugitiva companhia.

Depois, que lhe deseje uma feliz viagem até esse Paris onde, segundo a sua opinião, meia hora de existencia valia dez annos de ser rei em qualquer outra parte do mundo. — Longe estava de suppôr que vida negra se tornaria a dos reis.

Poeta, namorado e janota, Garrett não podia esquecer que, desde sempre, foi galante costume offerecer flôres ás mulheres bonitas... Pediu me, pois, tambem, que depuzesse entre as suas mãos, um ramo d'aquelles lyrios de oiro, que gloriosamente floriam os eternos jardins.

Ouso juntar-lhes algumas ephemeras rosas e com ellas os meus votos, tão sinceros como os de Garrett, para que a Cidade da Luz lhe reserve lindos, deliciosos dias.

Vae encontral-a muito americanisada, dizem-me. E n'um delirio de dansas selvagens, ao som de furiosos *jazz bands*, que se estende desde o *King George* na Place Vendome, até aos pavilhões do Bois, — abertos ao surgirem os primeiros rebentos rosados dos castanheiros...

Divirta-se muito n'esse Paris exotico. Aprenda as novas danças, que, aliaz, se me affiguram horriveis, mas a minha opinião não conta...

—Sou quasi tão *vieux jeu* como *Menina e Moça!*

Aproveite todos os mil caprichos da ultima moda para realce da sua elegancia e prazer (ou desprazer!...) das amigas que dirão coisas estupendas dos seus vestidos... depois de lh'os pedirem emprestados...

E, se entre o King George e Madeleine Madeleine, lhe ficar um momento livre, faça, por minha intenção, algumas doces romarias ao velho Paris, de discreto encanto, que amou Garrett.

19 de março.

Dia de S. José, parece-me. E dia dos annos d'aquella querida Irmã Maria de Sales, que amámos tanto. Vem-me uma saudade das Salesas. Ah!. foi o melhor tempo! Ignoravamos o mal. Acreditavamos no bem. Pensavamos que a vida podia resumir-se n'essas duas tão doces coisas: rezar e sonhar! Lembras-te?... Em março, as tardes grandes já... Ainda fazia sol á hora do terço. No jardim do cedro havia ninhos. No jardim da sachristia enfeitavam-se de cachos brancos as accacias. Pelas largas janellas do nosso dormitorio entrava um cheiro bom de campo, de herva fresca, de rosas... A primavera começava... Outras conheci em jardins explendidos, onde desabrochavam as mais raras, preciosas, exoticas flôres, arvores abriam radiosos braços de verdura e o sol doirava os lagos azues; nenhuma me pareceu tão perfumada, tão bella, tão festiva, como as primaveras que sorriam no pequeno

jardim do meu convento... E nunca a minha alma respirou melhor de que entre as suas paredes sombrias e altas. Expulsaram as minhas freiras. Morreu no exilio a querida, santa irmã Maria de Sales Nunca mais juntarei as mãos defronte da imagem de Nossa Senhora, na nossa capelinha branca...

Para olhos indifferentes, que decerto nem sequer as vêem, entreabrem-se as margaridas da cerca, e, no penetrante aroma das laranjeiras, discute-se agora a liberdade (?!!) do pensamento... Mas, que importa? Na minha imaginação o convento vive ainda. E' ainda o refugio suavissimo onde descança a minha alma magoada...

Estou triste, Maria. Vou partir mais uma vez. Tu dirás que incessantemente eu me queixei d'esta cidade de sangue e de desordem, de luxo e de miseria, de politica e de parlapatice; que declarei ser meu unico desejo deixal-a quanto antes, fugir para nunca mais voltar. Sim, declarei, senti tudo isso... As eternas contradições do coração humano! Bastou que me resolvesse a partir para que os meus olhos vissem Lisboa sob um outro aspecto e logo lhe descobrissem mil encantos, mil razões de querer-lhe mais e melhor...

Fecharam-se os meus ouvidos á algazarra malcreada da desordem Ouvem apenas o doce, melancholico pregão que me acorda cada manhã, e a dolente voz da guitarra que, alta noite, na rua, soluça um fado...

E foi como se desapparecesse a miseria, a negra

miseria, que acotovella o insolente, descarado luxo...
Do céo de Lisboa — o céo mais azul — desce a mais clara, a mais formosa luz. Ha oiro e diamantes em cada janella de trapeira e, cada tarde, antes de morrer, o sol ergue palacios de sonho, com torres côr de rosa e torres côr de violeta e torres côr de chamma sobre as mansas aguas do rio.

Vesperas de partida, odiosas vesperas de partida! O meu quarto, cuja ordem habitual faz o teu encanto e a tua inveja, parece um revolto campo de batalha. Chegam encommendas de toda a parte. Embrulhos grandes, pequenos...

Antonia troveja: — Mas onde vamos pôr tudo isto, Deus do céo?! Nem que tivessemos a arca de Noé!...

E succedem-se os desastres... Um masso de livros despenha-se sobre a copa fragil d'um chapéo. Margarida, a irrequieta Margarida, senta-se sobre o embrulho de pasteis de nata, os pastellinhos de Belem, com que eu tencionava regalar-me a bordo. Um frasco de ambar entorna-se sobre as rendas côr de marfim d'uma blusa.

Antonia quer que eu lhe diga onde hade metter o meu vestido de musselina para que não se amarrote e se o vestido de setim póde ficar entre a capa de velludo, e se a *écharpe*...

Ah! inutil traparia com que a gente atravanca as malas e a existencia! E ainda mais inutil afan de viagens, de mudanças, quando seria tão facil, tão simples, ficar, seguir o *ram-ram* dos dias eguaes!...

Irresistivelmente penso na ultima viagem, aquella

que me levará para um canto de que não mais sahirei, para... a *minha casa*, onde, entre os meus, descançarei emfim...

«Il y a quelque part une blanche maison,
Óu sont tous mes parents réunis. C'est-là-bas,
Ils ne se savent pas si voisins sur leurs terres;
L'appartement des morts ne communique pas.
La maison n'est pas laide: on y va le dimanche,
Et je la trouve un peu semblable à la première,
Car la porte de plâtre encore la fait blanche...
Un soir, en revenant tout seul d'un beau voyage,
Quelqu'un sans réveiller personne des anciens,
Ouvrira doucement la porte de l'étage,
Nul bruit: un petit pas discret... voilà. Puis rien.
Quelqu'un dans cette nuit, quelqu'un sera venu.
Mais ceux qui dorment, ceux qui ne dérangent plus.
Ni la rafale ni la bise de décembre
Ne s'éveilleront pas aux choses de ce monde.
Rien ne sera changé dans la maison profonde,
Votre enfant seulement aura repris sa chambre. (1)

(1) *Le beau voyage* — Henry Bataille

Funchal, Bella Vista Hotel — 4 d'abril

Querida Maria — Chove e faz sol. O céo está cinzento, azul, côr de rosa, verde, doirado... Um céo inverosimil, sobre uma terra inverosimil, onde se pisam flôres... E toda a Madeira rescende como o teu lenço, Maria.

Estou talvez no Paraizo... Sim, foi certamente aqui que Adão e Eva comeram aquella deliciosa maçã que tanto lhes amargou depois...

Aqui os nossos antepassados venerandos trocaram a monotonia da perfeição sem fim, pela doce vida imperfeita, onde as rosas são mais bellas porque se fanam, onde a hora é mais querida porque foge, onde se tem sêde de eternidade porque se morre...

Aqui conheceram a mortal tristeza e o mortal amor...

Por isso os madeirenses andam sempre enamorados de... seja lá de quem fôr, que a gente afinal gosta é da illusão que põe n'um qualquer:

I know that I love thee
Whatever thou art...

Mas sinto a tua falta, Maria. Tenho saudades dos nossos passeios, das nossas interessantes palestras. Porque não vens á Madeira ? Podias trazer aquelle que, de ha tanto e sem esperança, soffre por ti... se não dispensas esse bem. E aquelle por quem tu soffres, se esse mal te é indispensavel. Ambos te acompanhariam com prazer, estou certa. Resolve-te. Prometto-te que não te arrependerás.

E' facil e doce a nossa vida. Não corre mais tranquillo um rio manso.

Somos elegantes. Temos boas maneiras e habitos civilizados. Fallamos baixo. Não gesticulamos. Em Lisboa vive-se na rua, na Garrett, nos animatografos, no theatro, nos automoveis. Nós preferimos viver nas nossas casas, que sabemos tornar bonitas e confortaveis, sem gastar uma fortuna. Têem uma incomparavel frescura as flôres das nossas jarras. Não fômos buscal-as ás *vitrines* do Chiado. Vieram dos nossos jardins, humidas ainda do orvalho que as beijou.

Servimos o chá segundo as nobres tradições do chá inglez, tão mal comprehendido na capital. De resto fazemos tudo á ingleza... (Os nossos melhores hoteis são inglezes, pagos em inglezissimo dinheiro, inglezes os nomes das nossas melhores lojas, inglez o nosso assucar, inglezas as nossas companhias, inglezes os nossos baralhos de cartas e os nossos par-

ceiros de *bridge*, inglezes os nossos pudins e os nossos bolos... e etc., etc., etc., etc.)

Depois, que brandura de costumes!... Que bom, que humilde — a cem leguas do povo soberano — o povinho da Madeira!

Habituada á altiva independencia dos meus rendeiros alemtejanos, que me tratam de igual para igual, confesso-te que fico enternecida — um pouco confusa, envergonhada tambem — quando um caseiro de Santa Cruz me deposita aos pés o seu cestinho d'ovos — nenhum apparece sem presente — com tamanhas genuflexões, que nem que eu fosse o Papa... E sempre de chapéo na mão: «Senhora ama», para cá, «Senhora ama», para lá...

Até a sociedade, Maria, a temivel sociedade, que em toda a parte constitue a camada mais feroz do genero humano, é relativamente mansa. Ninguem pretende endireitar o mundo... torto de nascença. Ninguem diz: — Não admitto...

Bisbilhoteia-se — oh! já se vê que se bisbilhoteia! Pois em que havia a gente de passar o tempo? — Mas com uma certa meiguice. As mais graves e iracundas senhoras, limitam-se em lançar, de vez em quando, a sua excommunhão sobre qualquer saia mais curta, qualquer chapéo mais exaggerado, qualquer brancura de pelle que surja mais indiscreta do decote ou da manga d'um vestido.

Nunca fallamos em politica. Ignoramos as instituições que nos regem. Desconhecemos o cavallo marinho, o revolucionario civil e a senhora thalassa

conspiradora. Não fazemos discursos ás portas dos cafés. E' nos completamente indifferente o problema nacional e o futuro das colonias. Jámais percebemos que Bernardino existe. E d'aqui a pouco, Maria, quando eu olhar para o retrato de certo gentil cavalleiro que desembainha a espada, n'um gesto de perfeita elegancia, decerto já mal saberei em que ingrata terra o conheci, se elle realmente soffreu e morreu ou foi apenas o heroe duma d'essas maravilhosas lendas que a pobre humanidade inventa para consolar-se... da humanidade.

Queres esquecer, queres ignorar? Queres pôr, entre os teus olhos e o feio mundo, aquelle radioso véo da phantasia com que o Eça enfeitou a rude nudez da verdade? Vem á Madeira. E, se tão amaveis milagres não conseguirem seduzir-te, outro maior, melhor, te prometto ainda. Queres ficar eternamente nova, eternamente menina? Vem á Madeira.

Tens pouco mais de vinte annos, bem sei. Mas, em cada breve dia que passa, na breve existencia, cahe uma folha, fana-se uma flôr... E' curta a primavera. Uma illusão apenas o sol do outono. E, todos os caminhos, alegres ou tristes, escuros ou luminosos, levam-nos para a velhice. Só na Madeira — terra mil vezes abençoada! — a gente pode ter dobrado o cabo perigoso dos trinta e mesmo o cabo tormentoso — tormentosissimo! — dos quarenta e creio que até aquelle em que se deixou toda a esperança, como na porta do inferno de Dante, o dos cincoenta.

Desde a criada que nos serve, o carreiro que con-

duz o nosso confortavel carrinho, a mulher da Camacha que nos vende flores e o caixeiro que nos vende bordados, todos nos chamam: — Menina!

Assim é perfeitamente em vão, que, cada manhã o meu espelho me annuncia mais uma ruga, mais um cabello branco. Entra a creadinha, tão fresca no vestido muito engommado, diz-me na sua extranha toada madeirense:

— Bons dias menina (*menaina*). E eu logo me convenço: Foi o espelho que mentiu... E' um espelho maldoso, calumniador. Sou nova outra vez... Sou *menaina!*

Funchal — Hotel Bella Vista — 10 d'abril.

Maria leu te a minha carta. E dizes-me que ficaste muito satisfeita porque d'ella deprehendeste que a linda Madeira estava ainda como ha annos a deixaste. O que escreveria eu a Maria? Lembro-me que celebrei a nossa radiosa paisagem, o perfume, a frescura das nossas flôres, a mansidão dos nossos costumes, a nossa confortavel indifferença em materia politica e talvez aquelle superior não te rales, deixa andar, corra o marfim...

Se accrescentei que, n'esta terra, nada tinha mudado, que nos conservavamos livres dos vandalismos do progresso... Ah! Margarida, não foi então da Madeira que eu escrevi, mas d'aquelle doirado paiz da Illusão, onde, por vezes, habito. Porque infelizmente está bastante mudada, bastante .. *adiantada*, a nossa ilha. Quando aqui vieste, já as redes, as pittorescas redes, que tanto te divertiam, andavam

um pouco fóra de moda, mas eram ainda os confortaveis, sympathicos, *amorosos* (como lhes chamavas) carrinhos de bois, que, ao som d'aquella arrastada cantilena: — Cá para mim, boisinho, para mim! Cá para mim Muriano! Para mim Bonito! (*Bonaito*) — nos levavam aos jantares da condessa da Torre Bella, ás *soirées* da condessa de Ribeiro Real, aos *bridges* de Mrs. Blandy... Ia-se em passo pachorrento. Muriano e Bonito sempre ignoraram a odiosa azafama, a vulgar pressa. E, antes d'uma pessoa se lançar nas doidas valsas ou nos febris *sans-atous*, tinha tempo de sobra para dormir uma d'essas deliciosas somnecas, tão reparadoras do systema nervoso.

Agora ha os banaes automoveis e os *side-cars* horrendos que atroam a cidade com os seus esganiçados assobios. Não se dobra uma esquina sem perigo de vida. Não se atravessa a d'antes tão quieta, silenciosa e... de todo repouso rua das Aranhas sem o Credo na bocca!

As minhas amigas, muito estrangeiradas, muito modernas, adoptaram logo, com enthusiasmo, este novo meio de locomoção... Mary B. — aquella loira tão fina, tão bonita, que achavas parecida com o retrato da Duqueza de Devonshire e fazia o teu encanto, quando passava no seu carro, negligentemente encostada ás almofadas de cretone azul pervinca, côr dos seus olhos — tornou-se uma... um desembaraçado, emerito *chauffeur*. Vestida de sarja escura, o cabello escondido sob um véo cinzento, enormes luvas de camurça, deformando-lhe as esguias mãos, vemol-a

constantemente no arduo trabalho de concertar um pneumatico...

Do automovel surgiram as primeiras discussões no sympathico *mênage* dos J. Marido e mulher guiam. O marido pretende dar conselhos á mulher, que, por sua vez, já se vê, dá sota e az ao marido. D'ahi um constante: «dize tu, direi eu...»

Daisy — a ingleza com um ar muito garoto, muito arrapazado, que usava monoculo, lembras-te? — está inconsolavel. Por causa da sua vista curta — e nós a pensarmos que o monoculo era de vidraça, muitos juizos temerarios se fazem n'este mundo! — recusaram-lhe a carta de *chauffeur... Is n'it dreadful?*

— Então já não se vê um carrinho, um amoroso carrinho?!...

Ainda se vê, mas... ai d'elle! Foi tambem victima d'essa doença da pressa, que, apoz ter invadido o mundo, chegou á calma Madeira. Já ninguem quer andar .. a passo de boi. Duas possantes mulas substituiram o doce Muriano, o manso Bonito...

Passando a outra especie de... melhoramentos: Não esqueceste, decerto, aquelle velho passeio da Constituição, onde se festejavam com musica e illuminações de vidrinhos de côres, todas as nossas datas gloriosas e á sombra de cujas lindas, frondosas arvores, era moda sentarem-se as elegantes do bom velho tempo... Pois o fino gosto dos nossos governantes não poude supportar velharia tão inutil, in-

commoda, atravancadora e, ainda por cima, attentatoria do regimen... Arvores que ouviram o hymno da Carta, onde, porventura tremularam bandeiras azues e brancas, são arvores suspeitas, criminosas. E as grandes figueiras da India e as nobres magnolias tiveram o destino de tudo o que, no nosso paiz, é grande e nobre.. Cahiram assassinadas. Defronte da velha Sé escancara-se agora uma larga avenida, genero modernissimo, genero grande cidade! — Estás a ver como diz bem com o resto... — A pobre egreja tem o ar arrepiado, envergonhado d'alguem que os malfeitores deixaram nu em plena rua...

Outras coisas se fizeram, outras mais extraordinarias ainda se farão... A colossal avenida que, por'ora, graças a Deus, chega apenas ao Jardim Novo, deve prolongar-se triumphalmente por S. Lazaro fóra... Grandiosos são os projectos! .. Oh! quando se trata de embellezar os nossos governantes não olham a despezas! Do antigo Funchal, dentro em pouco, não restará uma pedra. Moinhos das Mercês, Convento das Capuchas, beco das Almas, que a doce capellinha guardava e protegia, beco das Cruzes, sombrio entre os altos muros floridos de *bougainville*, velhas quintas, velhas, discretas casas, cantos mysteriosos onde morava o silencio, quebrado apenas pelo chorar das fontes, tudo emfim, que conservava ainda um pouco de pittoresco, um pouco de poesia, o que emprestava ao banal presente o magico encanto do passado, durará apenas, no dominio da nossa saudade, o breve tempo que nós durarmos.

Funchal — Hotel Bella Vista — 15 de abril.

Perguntas-me se voltei para aquella deliciosa quinta, que tinha um tão lindo nome e cheirava tão bem a daturas e a jasmins... Não voltei.

Ha muitos annos já ella deixou de ser minha. Alugou-a um syrio, negociante de bordados. Ignoro se as longas corollas das daturas, e as delicadas corollas dos jasmins continuam a exhalar os seus capitosos aromas.

Mas as roseiras plantadas por mim, *Elie Beauvilain*, a muito perdularia, que atirava festões de rosas por todo o jardim, *Beauty of Glazenwood*, mais avara dos seus thesouros, florindo só na primavera, e aquellas pequeninas, de toucar, que vestiam de brancas grinaldas o muro da estrada, já lá não estão... Mandaram-n'as cortar. Cada um a seu gosto. O syrio prefere as paredes nuas. Nos canteiros, junto á varanda, que, cada mez de fevereiro, se transformavam em perfumados tapetes de *echsyas* e, cada

mez de maio, eram como um bosque em miniatura onde cresciam e se enroscavam e transbordavam, doidas de seiva, as ervilhas de cheiro, medram agora fartas couves...

Ah! Margarida, teem razão os livros santos quando aconselham o desapego de todas as moradas da terra. E teem razão os passaros a que qualquer ramo serve para descançarem as azas.

Comtudo, ninguem lhes ouve o conselho, ninguem lhes segue o exemplo. Pobres caminheiros da curta jornada da vida, teimamos em procurar o immutavel, atravez tudo o que muda, imaginamos eternamente nosso o que, por um instante só, nos emprestaram, queremos demorar-nos, ficar, onde passamos apenas! Mas eu não vou fazer philosophia triste... Deixo isso a Schopenhauer. Está um tão lindo tempo! Oiço rir, tão alegre, a agua das levadas! E é hoje o dia da moda, dia de dansa e chás elegantes na quinta Pavão. Eu embirro algum tanto com os dias da moda. Attribuo-lhes uma influencia malfazeja. Parece-me que são sempre aquelles em que a gente mais se aborrece, exactamente pelo divertimento se tornar obrigatorio. Porém, tenho um convite para o chá da minha amiga Mary. Vamos, pois, ao Casino.

. . . .

Como d'antes o jardim está cheio de flôres. Ha sobretudo petunias, uma doida, quasi inverosimil profusão de petunias, desde as brancas, apenas tocadas de manchas lilaz, até ás côr de violeta e ás d'aquelle

roxo avermelhado, que tão bem vestia a tua amiga Veva, no ultimo acto da *Borboleta*.

A grande sala de baile conserva os berrantes velludos encarnados que faziam o meu horror. E, nos mesmos bancos, as graves mamãs perfilam se, chaperonando as meninas que dansam... Mas os pares do meu tempo contavam todos, pelo menos, dezoito ou vinte annos. Agora, Senhor do Céo! dir-se-hía que se mudou para a sala do Casino a classe da sr.ª D. Elisa Costa, onde, agarrada ao braço d'uma cadeira, eu aprendi... ou antes, nunca consegui aprender as tres posições de dansa... Meninas de dez a doze annos, valsam e tangam com meninos de egual... menoridade. Ambos tão compenetrados do seu papel! As pequenas um pouco pretenciosas, *coquettes* já!! E, decerto, galantes os rapazes...

Penso na minha vida de creança, n'aquellas doidas correrias pela quinta, o cabello desmanchado, o bibe sujo, as mãos feridas pelos espinhos dos silvados... E, nas grandes batalhas, em que não poucas vezes deixei um pedaço do vestido. Penso em toda a minha endiabrada infancia e vem-me uma grande pena d'aquella triste infancia, que, ante os meus attonitos olhos, dansa tão bem... Na sala de jogo o espectaculo não mudou. Em volta da roleta faces empallidecem, boccas comprimem-se, olhos interrogam, n'uma ancia, mãos nervosas distribuem moedas sobre o panno verde. E lá surge a inevitavel discussão! Uma senhora, cuja vez treme, reclama a sua aposta,

que, outra senhora... por engano... — oh! a ironia que ella põe n'essa palavra engano! — recolheu...

— Eu nunca me engano, replica a outra. O meu jogo é conhecido de toda a gente. Quatro cavallos. Pleno e linha...

— Pois d'esta vez enganou-se. O pleno é meu, muito meu...

E a voz monotona, indifferente dos *croupiers* vae dizendo os numeros... O dois em que jogava, com a sua elegante, imperturbavel serenidade, a minha amiga Martha, o vinte e nove que custou toda uma fortuna aquella viuva de tão lindo olhar e tão dolente voz... E o cinco, Margarida, o cinco, a que eu confiei tantas esperanças e tantos massos de notas, que, ai de mim! elle não me restituiu jamais...

Fóra, no terraço sobre o mar, estão postas as mezas, reluzem as pratas nas toalhas muito brancas, entre jarras de rosas. Mary espera-me já... Vestida de preto, lembra mais do que nunca aquella fina Devonshire, que immortalisou o pincel de Gainsborough... Mas eu ia jurar que á muito aristocratica ingleza faltava a graça maliciosa, a linda, alegre vivacidade, raio de sol, do quente sol latino, que illumina a physionomia da minha amiga.

E' delicioso o chá. Ha bolos da Felisberta. Bolos de mel e queijadas e morgadinhos e rapaduras de coco. Somos seis convidados. Porém, d'ahi a pouco todos os *dandies* rodeiam a nossa meza — ou não fosse ella a meza de Mary!... Accendem-se cigarros. Suzanna diz me: — Como vês, Luzia, aqui podemos

fumar em publico. Graças a Deus estamos em terra civilisada. -- E logo, violenta, brusca, passa a atacar o atrazo, a hypocrisia — sobretudo a hypocrisia — dos costumes lisboetas...

— Vocês fazem tudo ás escondidas...

— E' para nos saber melhor, Suzanna... Damos assim a qualquer innocente peccadilho honras de grande crime...

Fred, que engordou bastante... (Dize-lhe, dize-lhe para elle ficar furioso... aconselha-me Suzanna) e perdeu algum cabello, annuncia a sua proxima partida.

— Vão vocês preparando os lenços para enxugarem as lagrimas...

— Lenços acho pouco... Lençoes...

E Clara sorri, com uma dôce ironia — recordando talvez antigas lagrimas desperdiçadas...

Muriel descreve a maravilhosa profusão das glycinias nos jardins de Santa Luzia, quer que eu fixe já uma tarde para ir vel-as... — Oh! hade ser quanto antes! Amanhã ou depois... Porque tu sabes, a flôr da glycinia dura quasi tão pouco como essa outra flôr, mais do que todas ephemera: a belleza da mulher...

— Muriel! Muriel! Tu não tens razão de queixa! — exclamo com um admirativo olhar para os suaves, gracis encantos, em que os annos, tantos já! — aqui muito entre nós Muriel é da minha idade — nem de leve se permittiram tocar...

Porém desabusada e triste, ella responde-me como

Santo Agostinho: — Tudo o que deve acabar é curto!...

Ruth — a dos magnificos olhos e dos irrequietos, tempestuosos gestos, que começou por sentar-se sobre o chapéo de Gabriel, continuou por entornar uma chicara de chá sobre uma perna de João e acabou por espalhar sobre a toalha todas as rosas d'uma jarra, organisa um *pic-nic* no Monte, para mostrar-me as giestas selvagens que nada ficam a dever ás civilisadas glycinias:

— Vae se d'automovel. Volta-se de carrinho. Levam-se machetes...

— E cartas de *bridge*... A Luzia diz que não vae sem *bridge*...

— Suzanna eu não disse nada...

— Pois se não disseste, pensaste...

O doutor T, o mais pittoresco e original dos nossos Janotas, depois de felicitar-me pelo meu regresso á *haute gomme* funchalense e pela elegante abundancia das minhas malas, que, certamente, conteem thesouros *dernier cri, last fashion*, convida-me, para no proximo baile, o grande baile da Paschoa, fazermos juntos... alguns kilometros de valsa...

Gabriel pede a Clara que o acompanhe á roleta:

— Vamos experimentar a sorte já que... não temos amor... E você conhece o dictado: Infeliz...

Mas Clara protesta vivamente: Pela parte que lhe toca não se sente nada infeliz. Ao contrario, acha que a maior, ou antes, a unica ventura em amor é... não o ter... Ah! deliciosa paz dos corações sem

dono! Não se depender d'um fulano qualquer para nos tornar a vida amarga ou doce... quasi sempre amarga...

— Mas em que se hade então passar o tempo?— pergunta Mary.

E, eis que a proposito do amor, assumpto eternamente palpitante, cuja ultima palavra jamais será dita, todos desatam a fallar ao mesmo tempo...

A algazarra cresce... Risos chocam-se frescos, alegres, como um telintar de crystaes.

Entretanto os meus olhos de myope vão percorrendo o terraço, tentando descobrir, aqui e alli, uma cara conhecida...

Reparo em duas senhoras — uma muito baixinha, de face rosada, rosada até o inverosimil, com um altissimo chapéo encarrapitado no ponto mais culminante da cabeça, a outra trigueira e magra, d'olhos muito negros e espessas sobrancelhas, que, n'uma pequena meza ao lado da nossa, discutem, tão abespinhadas, tão nervosas, que realmente temo vel-as chegar a vias de facto!

Pergunto baixo a Suzanna: — O que têem ellas?

— Andam n'aquillo ha uma semana. Já trocaram cartas, descompõem-se pelo telephone..

— Rivalidade?

— Sim, de fidalguias...

Ah! Margarida, mais uma coisa que eu tinha esquecido! Em Lisboa quando senhoras se engalfinham trata-se sempre de homem ou de vestido... Pois na Madeira ninguem se incommoda por coisas de tão

somenos importancia e tão faceis de substituir.. Olhamos para mais alto. E' mais nobre a origem das nossas pendencias.

Pergaminhos, titulos, morgadios, e acima de tudo descendencia, parentesco, ar de familia com o Zarco — nosso grande cavallo de batalha — eis o que disputamos, o que pretendemos arrancar umas ás outras!...

Lá está, como ha oito annos a deixei, loira, branca, vestida d'azul celeste e coroada de myosotis, Mrs. B., aquella ingleza, que ha mais de meio seculo honra a Madeira com as suas invernaes visitas e as suas primaveris *toilettes*...

— Suzanna, Mrs. B. assombra-me. E' um portento de conservação.

— Tal e qual como se a tivessem empalhado.

— Ainda dansa?

— Assim tu dansasses!...

— E quem são aquellas duas lindas irmãs?

— As trigueiras baixinhas, vestidas de preto?

— Não, acolá .. As outras, fortes e brancas, que se parecem com a deusa Juno.

— Eu não tenho o honra de conhecer a deusa Juno.

— Nem eu, mas anda lá, dize...

— Não são irmãs. São mãe e filha.

— Qual é a mais nova?

— Dou-te um doce se adivinhares...

— E o homem que as acompanha?

— V. Está millionario, como decerto já te conta-

— Um novo rico, que pena!

— Não sei se é novo, se é velho rico. Sei que merecia ser quatro, cinco, seis, oito, dez, vinte vezes millionario. Pudesse eu ir buscar todos os thesouros do mundo, que os punha nas suas mãos generosas.

E zás!... Ahi temos Suzanna embarcada n'um d'aquelles doidos enthusiasmos, onda impetuosa que tudo arrasta! Ha maravilhas de fabula, de milagre, no que ella me conta sobre a caridade do Crésus madeirense. Esmolas como não as deram os Reis!...

Já o sol se põe. Crésus magnifico tambem, vae fazendo milagres de luz no horisonte. Cada nuvem é um pedaço de oiro. Chove oiro sobre o céo, chove oiro sobre o mar...

E a voz de Suzanna continua, n'um crescendo de enthusiasmo: — Nem S. Luiz, rei de França, nem Santa Izabel, rainha de Coimbra e das rosas...

Funchal — Hotel Bella Vista — 25 d'Abril.

Cheira a chuva e a flôres murchas...

Durou trez dias o ramo de lilazes que, com uma encantada surpreza — são rarissimos os lilazes na Madeira — eu descobri no fresco cabaz da minha fregueza da Camacha. Trez dias! Não se pode pedir mais a uma flôr. Foi uma parcella de belleza, de perfume, de graça. Agora é apenas uma pobre coisa que vae morrer, em que a podridão já tocou.

Ah! Maria, como a vida anda cheia da morte! Vamos sempre, entre agonias, a caminho do cemiterio. Cada dia enterramos uma illusão. Cada dia vemos morrer e um pouco de nós morre tambem... Estou triste Porquê, não sei... Tristeza vaga, sem causa, que é muitas vezes a peior. O tempo, talvez... Está um dia pezado, negro. E tive esta manhã a minha lição de inglez. Metteu se me na cabeça aperfeiçoar o meu pessimo inglez! Ambição formidavel! Quero lêr o genial Shakspeare — que as traducções deshonram e não quero fazer vergonhas quando converso com as graves *ladies*, que aspiram

tão aristocraticamente os *h h* e dizem *yes*, do peito, com um ar tão compenetrado.

Escolhi para meu mestre um respeitavel *clergyman* que me faz lêr alto a Biblia e me ensina a recitar poesia epica: *Ye mariners of England!* emquanto elle bate o compasso gravemente com a caneta... Não ha perigo que nos esqueçamos de voltar a folha, como Paulo e Francesca. Desde que estas lições começaram tenho um unico desejo: ver-me livre dos *Mariners of England* e do *clergyman*, mas já que me metti a instruir-me, sem que me occorresse certo prudente dictado portuguez, heide continuar.

A tua carta deu-me a melancholia muito doce, que nos vem d'uma saudade boa. — Porque ha saudades más, tu bem o sabes... São da melhor qualidade, marca *super* fina, as que tenho tuas. Porém, áquelle teu affectuoso: «Quando voltas? Não te agarres. Tu és de cá, não és de lá.» só posso responder: — Maria, eu já mal sei d'onde sou... Como certas plantas em todos os terrenos deito raizes... onde chego, julgo sempre que vou ficar. E a verdade é que, apezar de faltar-me a tua querida companhia e outros habitos doces da minha vida lisboeta, vou-me de novo adaptando aos quietos habitos d'esta ilha. Sinto-me já *amadeirada*. — Não tarda que eu te chame *Maraia*.

Compareço em todos os chás e jantares elegantes que, com um pouco menos de barulho e um pouco mais de flôres, se assemelham aos de Lisbôa.

Tenho o meu logar em todas as mezas de *bridge*;

as inglezas, muito graves, onde se joga segundo os tractados, com todas as regras, a solemnidade d'um rito e em religioso silencio e as portuguezas onde, ao mesmo tempo se marcam loucos *sans atous*, se dobra e se redobra e se conta o *potin* do dia e se discute litteratura e se combinam vestidos e se projectam viagens. Ah! quantas coisas nós podemos fazer ao mesmo tempo!...

Perienço a todas as associações desde a de S. Vicente de Paulo, para acudir á pobreza envergonhada, até á Protectora dos Animaes, que tem por presidente *Miss* G. — N'um corpo anguloso a mais amoravel alma, imbuida d'aquelle *milk of human tenderness* de que falla o poeta... carinho, respeito, piedade, como só sabem sentir os da sua raça — repara que eu nem sempre digo mal dos inglezes — por tudo o que é infeliz e fraco, desde as creanças e os velhos até os pobres animaes indefesos. — *Miss* G. que inventou um modelo de... calças para defender contra as picadas das moscas as pernas dos miseros burros e se levanta de madrugada para esperar no *calhau* os bois, que veem do campo, a que a sua presença consegue poupar alguns dos numerosos maus tractos.

Ha quem censure *Miss* G, quem a ache d'um ridiculo exaggero.

A esses eu gostaria de lembrar que S. Francisco d'Assis, o mais adoravel dos santos, chamava os passaros seus queridos irmãos e recommendava á piedade dos homens tudo o que respira e vive.

Aqui mesmo, pegado ao hotel fica o hospicio D.

Amelia. E, já que te conto os meus habitos madeirenses, dir-te-hei que se tornou um dos mais queridos a visita ao hospicio. Gosto de sentir-me na pura atmosphera d'aquella casa de Deus. Gosto de constatar quanto podem os fracos, humanos corações, ao serviço do seu amor. Em cada hora, em cada instante que passa, as Irmãs enfermeiras realisam o mais formidavel milagre: esquecer-se de si, viver para os outros. Os outros... não aquelles a quem é doce servir, tractar, porque a nossa sympathia os escolheu; mas todos, mas qualquer — desde o doente que agradece, até o doente que amaldiçôa...

Ah! Irmãs do Hospicio, santas irmãs de Caridade, nos dias em que o seu sorriso me acolhe tão calmo e tão lindo, sob as azas brancas das *cornettes*, parece-me que anda comigo a graça do Senhor!

Mas visto que te fallo em associações e casas de beneficencia, deixa-me contar-te como nasceu e se fez a casa dos Pobres Desamparados, aquella que na Madeira mais honra a generosidade, a piedade dos homens, ou, por melhor dizer, d'um Homem. (O H grande sahiu irresistivelmente dos bicos da minha penna). Ha muitos annos já um operario, que possuia apenas como riqueza o thesouro do seu coração, encontrou, cahido na rua, ao abandono, um faminto, esfarrapado velho... Levantou-o, levou-o comsigo, matou-lhe a fome, vestiu-o e, como elle não tinha para onde ir, deixou-o ficar. — No lar dos pobres ha sempre logar para um pobre. — Dias depois encontrou de novo, sobre as lages da rua, outro faminto, esfar-

rapado velho. E nem lhe ocorreu a lembrança de que, para o pão de cada dia, ganho com o seu trabalho, tantas boccas havia já. Como ao outro, levou-o, matou-lhe a fome, vestiu-o e... porque elle não tinha para onde ir, deixou-o ficar. Porém aquelles dois velhos, que a sua caridade acolhera, traziam-lhe á imaginação outros — tantos! vagueando pela cidade, sem um tecto que os abrigasse. E, na sua alma de eleição, um projecto, uma chimera aflorou, nasceu, cresceu. Tornou se o seu sonho, o seu ideal, a sua obsessão... alugar uma casa onde pudesse recolhel-os, em que cada um encontrasse o cobertor para defender-se do frio, o pão para defender-se da fome, o seu logar emfim no vasto mundo que contem todos os palacios dos ricos e onde tantas vezes não cabe a humilde cama d'um pobre! Porque a caridade faz milagres como o Amor — e o que é ella afinal senão Amor? — porque muito podem os que muito querem e mais ainda os que põem ao serviço d'uma nobre causa o seu muito querer, realisou-se o sonho. Pequena, humilde, installada n'um armazem, appareceu um dia a Casa dos Pobres Desamparados.

Eram tres, eram quatro a principio. Mas foram vindo, foram vindo... velhinhos cobertos de andrajos, de vermina que, logo com as suas proprias mãos, Veloza — ahi vae o nome, um nome para abençoar, para não esquecer nunca mais! — lavava, limpava, vestia... E não só do corpo lhes cuidava. Levantava-lhes tambem a alma, embrutecida pela miseria; aos que podiam ainda trabalhar ensinava o trabalho, aos que já se ti-

nham esquecido de Deus, ensinava a rezar... Lembra-me que entrei uma vez na Casa dos Pobres Desamparados á hora em que Velloza, rodeiado pelos seus velhinhos, dizia o terço. Era ao cahir da noite. Um candeeiro de petroleo illuminava frouxamente o armazem. Ao fundo, na parede, um Christo abria os braços de magua e misericordia. As pobres vozinhas titubeantes já, como as vozes das creanças, iam murmurando a oração entre todas doce: Santa Maria, Mãe de Deus... Encheram-se-me os olhos de lagrimas, de certas lagrimas consoladoras, que faz tanto bem chorar, que são para as resequidas almas, como é, para a terra, a chuva. Velloza ignora decerto que eu lhe devo uma das melhores emoções da minha vida. Pois, embora tardio, aqui lhe fica o agradecimento.

Pensas talvez que só conheceu auxilio e protecção, caridade tão perfeita. Como te enganas! O grande amigo dos pobres, foi calumniado, perseguido... Authoridades zelosas entenderam que aquella instituição não estava dentro da lei, conforme a lei — realmente faltava-lhe muito... faltava-lhe tudo, o que, nesse tempo, como agora, como em todos os tempos, costuma acobertar a lei. — Vieram um dia prendel-o na sua propria casa, entre os seus velhinhos, que, com fracos, impotentes braços, tentavam defendel-o!

Mas isso passou-se ha muitos annos e eu não quero escurecer com tão feia, negra lembrança, a pura claridade d'esta historia que, naquella tua gentil, amavel, suggestiva maneira de contar, tu repetirás, peço te, para remedio de todos, que desesperam da humanidade e já não acreditam no Bem...

Funchal, Bella Vista Hotel — 4 de maio.

No seu delicioso *Visage Emerveillé* pede a condessa de Noailles a protecção do Senhor contra a doçura perigosa do mez de maio. Ah! que diria madame de Noailles se conhecesse maio nos exaggerados jardins da Madeira... o desatino dos perfumes, a febre das rosas!

Felizmente, que eu saiba, nenhuma das minhas amigas se deixou contaminar, embora seja tão contagiosa a doença e ellas tão intimas das rosas. Nenhuma sentiu o quente, pezado beijo da primavera, E a bebedeira dos perfumes que á noite exhala a terra... Teem tido mais que fazer, interesses, divertimentos, novidades que muito mais as apaixonam. Porque a primavera afinal é a mesma coisa todos os annos. Já a gente a sabe de cór. E... Mrs. Mulberry, Dolly, a illustre hospeda, que New York, nos remetteu de presente, com valiosas cartas de recommendação, é inedita, é unica! Quem ousaria reparar no

mez de maio, eternamente florido e lindo, quando chegou Dolly ?

Desde que n'uma d'essas incomparaveis, divinas manhãs da Madeira, ella desembarcou d'um paquete da *Castle Mail*, seguida por setenta malas, dois *caniches* brancos, um macaco alaranjado e a governante d'oculos, que segurava cuidadosamente uma gaiola com um periquito, ninguem mais teve um momento de socego. Mrs. Mulberry, Dolly, é uma senhora americana, viuva do millionario Thomas Mulberry. Deve orçar pelos seus quarenta e... mais alguns. Conserva bons, optimos restos da sensacional formosura, que andou reproduzida em todos os *magazines* elegantes e até nas caixas de phosphoros e foi cantada por poetas de varias nacionalidades.

Talvez por causa do seu nome Mulberry (amora) ou porque o marido tinha certas analogias de... intemperança, com o velho Sileno, celebrado na ecloga de Virgilio — Tu nunca leste Virgilio... Eu... tambem não, de resto, mas conheço-a, como se a tivesse visto, a scena, entre todas pittoresca e linda, quando, sob os grandes carvalhos da floresta, a formosa Naiade lambuza de amoras o rosto do Sileno adormecido — um menestrel, genero antigo, comparou-a á Naiade. E ficou-lhe o nome.

Da sua mocidade reza a chronica que Dolly se divertiu loucamente...

Tommy, coitado, é que parece não se ter divertido nada. Docil e passivo, dizendo sempre "*Oh! yes!*", defronte de um copo de *whisky and soda*, atraves-

sou, como uma sombra, o mundo, onde a mulher irradiava como uma estrella. Mas, um bello dia lembrou-se de cumprir esse supremo acto, que engrandece os mais humildes: morreu. E Mrs. Mulberry, que jamais dera pela sua apagada existencia, lembrou-se de reparar na sua morte. Quiz talvez offerecer-se o luxo d'um desgosto, unico que desconhecia ainda. Tão ardentemente como cultivara o prazer, desatou a cultivar essa outra voluptuosidade : a dôr. Foi de estrondo ! Os seus queixumes, os seus gritos levaram a palma aos da propria Niobe, com uma differença apenas: longe de transformar-se em rochedo, como a dolorosa rainha de Thebes, a Naiade desenvolveu a maior actividade.

Tommy foi logo rodeado d'um luxo explendido, real... Para guardar os seus preciosos restos, Mrs Mulberry fez erigir um mausoleu soberbo, com cinco andares e um jardim no telhado. Para que todos os dias elle se banqueteasse, em espirito, amontoaram-se defronte do seu prato vasio, perus, faisões, veados, galinholas e pyramides de fructos raros...

Para as libações nocturnas abriam-se, á cabeceira do seu leito, duzias de garrafas de *whisky*. E, na ante camara, vinte creados de libré aguardavam solicitos, a hora do seu passeio, para lhe metterem a bengala na mão e o chapéo na cabeça. Ah! jamais houve defunto que levasse tão regalada vida!

Mas tudo parecia pouco á Naiade para contentar a sua sollicitude, para mitigar a sua saudade! Queria sentir-se mais perto de Tommy, queria fallar-lhe, ou-

vir-lhe a voz... Foi então que recorreu ao espiritismo, e, por intermedio d'uma meza de pé de gallo, encetou demorados colloquios com Tommy.

— *Tommy darling, do you feel comfortable?* E, por ahi adiante um alluvião de affectuosas perguntas. A Naiade tinha que desforrar-se de tantos annos sem dirigir uma unica palavra a Tommy. Porém Tommy, escravo do habito, nunca foi alem d'aquelle docil e insosso: «*Oh! yes!*» que resumira, na terra, toda a sua eloquencia. E descorçoada, Dolly abandonou a meza de pé de gallo, desistiu de conversar com Tommy.

Procurou antes vel-o, trazel-o outra vez para casa. E recorreu á metempsychose. Apoz varias pesquizas, consultadas superiores authoridades na materia, descobriu-se que esse pacifico, esse excellente *yankee* fazia a sua decima transformação mettido no envolucro d'um pequeno e irrequieto periquito...

Mrs. Mulberry comprou logo o periquito. E, dentro da sua gaiola doirada, Tommy ouviu os mais ardentes protestos de tardio amor e tardia fidelidade. Porém tudo cança depressa o caprichoso, instavel coração humano e muito particularmente o coração d'uma senhora americana destrambelhada e millionaria. A Naiade logo sentiu que não podia passar o resto da sua preciosa existencia, jurando amor e fidelidade a um periquito. Tommy, na sua decima transformação, continuaria rodeado de todo o luxo e confortos modernos que lhe eram devidos, mas para isso lá estava a governante, a cuidadosa Polly, ella passaria a occu-

par-se exclusivamente da parte invisivel e mais alada de Tommy: do seu espirito... Foi então que lhe occorreu a luminosa ideia de inventar uma religião em honra de Tommy, que lhe permitisse chorar mais scientifica e superiormente a perda de Tommy e ao mesmo tempo levasse a confiança e a luz a tantas almas que, n'este mundo, em materia de fé, jazem ás escuras.. Tudo o que já existia como religião, mesmo na America, onde bastante se tem produzido ultimamente, desde o *new thought* até a *christian science*, parecia-lhe tão defeituoso, d'uma tão ridicula insufficiencia!...

E Dolly poz-se logo em campo. Dolly não é mulher que recue diante do mais alto commettimento. Começou por emprehender uma longa viagem de estudo e investigação. Percorreu reconditas, longiquas, quasi inexploradas regiões da Africa selvagem, onde só por milagre escapou á guloseima anthropophaga d'um imperador preto. Meditou Buddha e o seu calmo *nirvana*, aprofundou um idolo muito feio de nariz e orelhas furadas, mergulhou no sufismo indio e n'aquelle tão nobre culto dos antepassados que pratica a mysteriosa alma anmamita, gritou por Allah, em cima de varios telhados da Turquia, e d'ahi, n'um arrojado salto, transportou-se a Paris, aos exoticos bairros, onde imperam o symbolismo, o mystosophismo, o esotorismo, etc., etc. Até que, de volta ao seu palacio de New York, com a paciencia e o methodo que caracterisam a sua forte raça, Dolly agarrou em toda esta trapalhada, poz *houris* no *nirvana* para do-

mesticarem Buddha, empoou o severo idolo preto de esoterismo côr de rosa, modernisou os remotos àvós annamitas, e com mais uma *retouche* aqui e ali, compoz emfim a sua famosa religião: *The up to date very high, spiritual cathedral.*

Logo, seguida pela fiel Polly, o periquito Tommy, os dois caniches, o macaco alaranjado e as setentas malas, que, escusado será accrescentar, a tinham acompanhado na instructiva, arrojada travessia, Dolly pozse de novo a caminho. Apostóla ardente quer levar ao mundo inteiro a boa nova de que, por um feliz acaso, nós quasi recebemos as premicias. — Mrs. Mulberry demorou-se apenas um dia nos Açores onde não conseguiu fazer propaganda: á primeira conferencia as senhoras de S. Miguel, metteram-se em casa espavoridas.

Pois nós madeirenses, estamos encantados com Mrs. Mulberry, que, nos seus momentos de calma, é uma deliciosa mulher do mundo, vestida nos grandes costureiros de Paris, fallando de preferencia ao seu nasal americano, um pittoresco francez, em que ha apenas, por vezes, ligeiras alterações de generos, recebendo admiravelmente, dançando como Terpsychore, jogando o *bridge* como... como o Dick Faber (nosso Luiz Pombal) e, quanto á pregação... deixal-a fallar, coitada! Já duas vezes Mrs. Mulberry procurou introduzir-nos, pela eloquencia do seu verbo, na *Up to date very high, spiritual cathedral*

As conferencias começam ás 10 horas e duram até depois da meia noite, porém mal a apostola desce do

estrado, onde, em inspirada attitude, um ramo de loureiro na mão, olhos postos no tecto, desenvolveu o apaixonado e... longo aranzel, ouvem-se os primeiros compassos d'um tango e até ás tres da manhã, os futuros adeptos da *up to date very high*, etc., etc. seguindo o exemplo da sacerdotiza, nunca mais param de dansar, flirtar e *bridjar.*

A' despedida Mrs. Mulberry retoma o seu ar grave de missionaria, tem, para cada uma de nós, uma phrase de mysteriosa espiritualidade :— Não esqueça que a luz se avisinha... — Prepare-se para entrar na cathedral... – Guarde os fluidos esotericos...

A gente diz-lhe que sim, que sim... e vem para casa muito socegadamente rezar o velho Padre Nosso.

Bella Vista Hotel — 10 de junho.

Dolly partiu no ultimo paquete da Royal Mail. Todo Funchal elegante concorreu ao seu bota fóra. Houve flôres, discursos e o beijo da marqueza de B, o beijo consagração. O visconde de L, — mais torneado de que nunca, Apollo *sur le retour*, primeira figura em todas as grandes occasiões, — offereceu-lhe o braço para descer a escorregadia escada do caes. O escaler da alfandega reconduziu-a a bordo. Nenhuma honraria faltou. E logo depois, pela ordem natural das coisas da terra, todo o Funchal elegante esqueceu Dolly e a sua *up to date cathedral*. — Voltámos á nossa doce quietação. Junho trouxe-nos, com os nevoeiros cinzentos e os jacarandás azues, a caricia venenosa da sua humidade quente.

Ha muitas doenças, dizem e eu reparo que andam bastante occupados os jardineiros de certo lindo jardim de cyprestes, onde gosta d'ir colher promessas de descanço e paz, a minha cançada, inquieta alma.

Antonia teve um ataque de *grippe*.

E eu tive o mal da Madeira: um extranho mal. Tu não sabes o que é. Só os madeirenses o conhecem. Horrivel acesso de nostalgia, saudades, ancia d'outra coisa, desejo de partir, de mudar, de fugir a este excesso de côres, de perfumes. Suzanna chama-lhe: o sangue do Zarco, do aventureiro, turbulento descobridor, a pular nos nas veias.

Pois que ella me viesse do meu avô Zarco,—eu tambem sou neta, tambem sou gente — ou de qualquer outra causa, o importante é que tive a tão incomoda doença. Uma manhã acordei, sentindo que, decididamente, não podia mais! Disse a Antonia que levasse todas as rosas das minhas jarras. Parecia-me insupportavel o seu perfume. Fechei as janellas para não ver o jardim, para não ver o mar. E tambem para não ouvir o apito melancholico dos vapores que partiam e irresistivelmente pareciam chamar-me. Não queria obedecer-lhes. Tinha a certeza que a doença havia de passar. O mal da Madeira dá assim, por crises... E fica-se depois mais presa ao seu encanto, e as reconciliações são o que ha de mais doce em amor.

Maio acabou entre festas. A's tão sensacionaes de Dolly, seguiu-se um torneio de *tennis* em S. Martinho. A quinta Dias rejuvenesceu, poz á moda outra vez, o velho *croquet*. A Palmeira offereceu renhidas, ardentes partidas de *bridge*, n'aquelle lindo jardim branco, que perfumam immensos macissos de açucenas, o jardim zoologico, chama-lhe irreverentemente Suzanna, porque, emquanto jogamos, adora-

veis pombinhas mansas, entreabrindo em fórma de leque, as caudas côr de arminho e côr de prata, veem pousar famíliarmente junto aos nossos vestidos; Joy, a *cocker spaniel* de longas orelhas, a aristocratica Joy, a quem Maria Folque attribue certa parecença com a Infanta de Velasques, dorme aos pés do dono; n'uma irreprehensivel gaiola, provida de todo o conforto inglez, canta uma ave exotica e, no seu não menos confortavel poleiro, um atrevido, antipathico, cinzento e vermelho papagaio, exclama, motejador e afflautado: — *You silly old woman!*

Aqui entre nós confesso-te que odeio o papagaio. Porque francamente isto d'uma pessoa já não contar... quinze annos, e ainda por cima ter d'ouvir durante uma tarde inteira, em ar de piada: — *You silly old woman!* — está longe de ser agradavel. Ah! quantas vezes desejei a morte d'esse bicho! Quantas vezes ao formular, com hypocrito interesse, o meu: —Como vae o delicioso, o excellente Jack?—esperei que me respondessem: — Jack falleceu. — Inutil esperança, fallaz desejo! Os papagaios vivem cem annos. Se eu não arranjar a opportunidade de torcer-lhe o pescoço, Jack hade enterrar-me...

Mas, adiante. Fallavamos em festas, não é verdade? A *garden party*, da quinta Pavão, a beneficio do Lactario e da Bolsa de Estudos Antonio Georgina, teve um doido successo.

Maria Eugenia de C., fundadora do Lactario para creanças pobres, foi uma das elegantes *leaders* da nossa sociedade, n'uma epocha em que o Funchal, visitado

por principes e millionarios, podia rivalisar com as mais concorridas e animadas estações de inverno. Ficaram na memoria de todos os bailes offerecidos por seu pae, o conde de C. onde destacava, entre tanta graça, a sua graça.

Porém, decerto, o brilho do mundo que embora vão, como o que ha de mais vão, a tantos contenta, não soube contental-a. Ha muito que Maria Eugenia abandonou a sociedade que se diverte. E a sua antiga elegancia transparece agora apenas nas festas organisadas a beneficio d'esse Lactario, a que infatigavelmente consagrou toda a sua admiravel intelligencia e todo o seu admiravel coração.

O Lactario tem a geral sympathia dos madeirenses, que vae tambem — digam o que disserem a sympathia escolhe sempre o bom caminho — para a «Bolsa de estudos Antonio Georgina», fundada, sabe Deus com que difficuldades, com que luctas, por Feleciano Soares, a quem os estudantes ricos e pobres, tanto devem.

Para que fosse linda pois a doce festa de caridade tudo e todos concorreram, até o tempo. A tarde vestiu-se de azul, sem uma nuvem. E as senhoras vestiram-se de claras, finas, transparentes musselinas. Houve, n'uma pequena sala, em que tudo, até a luz, era uma maravilha de bom gosto, uma exposição de arte antiga : preciosas colchas desdobraram-se, junto a rendas marfinadas, as celebres rendas da condessa de R. ; leques — toda a encantadora colleção de A. R. — perfumados de sandalo, abriram-se em sua-

ves paisagens, festas de Watteau, doces, frivolas festas ao deus Amor. Lá estavam tambem as gravuras da P. e nos seus *écrins* desbotados, as antiquissimas joias das L. E o cravo da G. cuja vozita titubeante, de velhinho creança, parece chorar com saudades do minuete. E casacas de seda, e ridiculas, enternecedoras *crinolines* e chailes e cachemiras e aquellas deliciosas caixinhas em que os galantes peraltas offereciam ás languidas, preciosas secias, a então da ultima elegancia, pitada de rapé.

Dentro d'uma cadeirinha, um *bijou* do seculo XVIII, Thereza, empoada e grave, n'um adoravel vestido de avósinha Pompadour, vendia os bilhetes de entrada.

E houve um mercado de flores. Cada senhora tinha, na sua barraca, a sua especialidade. — Oh! na Madeira ha por onde escolher!

Muriel, d'olhos cinzentos, roxos, azues, vendia os *delfinius*, roxos, azues, cinzentos, gloria dos jardins do Palheiro...

Carlota era uma rosa, entre as rosas, gloria dos jardins da Palmeira. A barraca de Ruth rescendia como um frasco de perfumes e as suas *sweet peas*, d'um carmesim escuro, quasi negro, como os seus olhos, vendiam-se a pezo d'oiro.

As gardenias pallidas e as pallidas açucenas pareciam irmãs de Gabriella, a sempre pallida.

Só, na barraca de Suzanna, reinavam em tumultuosa confusão todas as flores: rosas, cravos, amores perfeitos, hortensias e até enormes galhos d'aquella *Pride of Madeira*, que enfeita as nossas rochas.

Tumultosas, confusas eram tambem, n'essa tarde, as ideias, as opiniões em que Suzanna nervosamente se expandia. Deus do céo! Parece-me que nunca ouvi fallar tanto e de tão contradictoria maneira!

—Sim, todas nós devemos ajudar a Maria Eugenia e o Soares. A Maria Eugenia e o Soares são admiraveis! Gente que faz coisas uteis, quando vocês e eu fazemos só asneiras! Que... isto é, lá a respeito de utilidade, temos conversado! Ninguem me convence da vantagem de prolongar a vida de creanças doentes, miseraveis. Eu sempre fui pelos processos usados na antiga Grecia. Os doentes, os defeituosos supprimem-se. Corta-se-lhes a cabeça. Herodes, até um certo ponto, deve ser considerado um benemerito. Vocês é que não percebem... vocês não percebem nada! E quanto á tal Bolsa de estudos... Se nós não viviamos muito mais felizes, muito mais descançados quando não sabiamos ler nem escrever! Oh! Julio Gonçalves, diga lá, serve-lhe para alguma coisa, a prenda da instrução? Pensando bem, tudo isto é um erro, um engano, uma tolice. E eu estou aqui, contra a minha consciencia, a impingir cravos á má cara.

E o caso é, que, á má cara ou não, os cravos voavam. Todas as lapellas dos nossos janotas ostentavam cravos, com excepção de J. G., a quem Suzanna decidira que ficava melhor, como symbolo, um amor perfeito, e do original Dr. T. que arvorava, entre duas hortensias, uma enorme *Pride*, com um pé de meio metro.

Prolongou-se sempre animada a *garden party* até

que as primeiras sombras da noite fizeram d'aquella linda successão de jardins — depois do Pavão, o da Vigia, d'antes tão aristocratico, agora... é melhor não fallar n'isso; Lambert, o do formoso terraço que vermelhas *bougainvilles* engrinaldam. Angustias, o dos altos cyprestes — um unico immenso, mysterioso jardim.

E aqui tens Maria, as noticias, que me pediste da quieta Madeira. — Pela tua vez conta me o que se passa na agitada, turbulenta Lisboa.

18 de Junho.

«Je souhaîte à tous ceux que j'aime un petit grain de folie...»

Sou da opinião de Anatole France. Talvez porque, ao meu grãosinho de *telha*, eu devo todo o ameno, todo o pittoresco da minha existencia. Mas francamente, francamente, parece-me que a nossa amiga Condessa de Noailles, d'esta vez, exaggerou.

A «Domination», que me mandaste como novidade e... por signal é um dos primeiros livros d'essa senhora — desculpa estar sempre a dar-te sota e az. — não tem um grãosinho, tem o que vulgarmente se chama uma *telha corrida.* A gente julga-se n'uma casa de doidos... Oh! doidos encantadores aliaz! Começando pelo heroe do romance, Antoine Arnault, *super* homem, *super* artista, *super*... tudo; esse, já se vê, atacado da mania das grandezas, astro rei, em cuja volta gravitam adoraveis satelites, todas mais estonteadas, mais destrambelhadas umas do que as outras,

desde a elegante viuvinha creoula, que enlanguescida de amor e de... litteratura, acompanha Antoine á Hollanda, onde, entre bocejos — está claro, que devorado de tedio, o heroe passa a vida a bocejar, como todas as almas bem nascidas — elle a chama: — Minha tulipa amarella e branca, minha Venus d'Ypres, minha D. Sol, meu moinho... de vento, ninguem pode acusar a Condessa de emprego de logares communs — D. Maria, a mysteriosa veneziana, que parece immobilisada no sumptuoso fundo d'um quadro antigo, e, um bello dia, quando menos se espera, sem dar as suas razões -- é a parte melhor da loucura, ninguem tem de dar razões — desce... qual desce! salta, precipita-se do sumptuoso quadro, nos sumptuosos braços de Antoine .. Emilia Tournay, a ardente dama de companhia, cuja alma é um cacho de odorantes flôres e cujos olhos, nas horas de paixão — oh! phenomeno! — ficam cada um da sua côr, negro o direito, azul o esquerdo... até aquella deliciosa Elisabeth, que tem nas veias a maior e a mais nobre trapalhada de sangue — sangue de D. Luiz de Bourbon e D. Sancho não sei d'onde e de D. Affonso o Magnanimo e dos Romanceros e de Cervantes e das Princezas de Toledo e das Rainhas dos mouros, as Rainhas a puxarem para aqui, Cervantes a puxar para acolá, D. Sancho... porque sim, e o Magnanimo porque não...

Mas, n'este amavel manicomio, tudo se faz com uma perfeita elegancia de maneiras, ha uma elevada cultura do espirito e ouvem-se até, de vez em quando,

opiniões que revelam um profundo conhecimento da alma humana. — *Quelle part de vous ai-je aimée en vous, je ne sais, je me suis aimé moi même dans votre douee et calme beauté* — escreve Antoine á condessa veneziana. E assim finalmente todos nós sentimos... Apenas amamos nos outros o que de nós mesmo n'elles puzemos.

Depois, em prosa, a sua prosa exuberante, nervosa, excessiva, *madame* de Noailles apparece-nos poetisa ainda, mais poetisa, se é possivel ..

Depois, encanto maior de todos — pelo menos para mim — *madame* de Noailles é tão deliciosamente mulher! Porque, tu bem o sabes, eu não supporto aquellas escriptoras de quem se diz: teem a intelligencia viril, escrevem como um homem... Com esta minha perigosa mania de evocação oiço-lhes logo a voz grossa, vejo-as de peitilho de gomma, colarinho alto, bengala e cachimbo. Sim, perfeitamente, essas senhoras devem fumar cachimbo.

— Estão verdes! — pensarão ellas. Mas eu chamo já em meu auxilio, Jules Lemaitre, tão conhecido pelo seu gosto perfeito — ou não fosse elle francez!

Terceiro volume dos «Contemporains» pagina 251. (Para que as taes senhoras possam constatar que isto não é inventado por mim.) Tradução livre. «Já repararam? As mulheres, que teem um espirito viril, teem tambem um genero de seriedade muito mais fatigante do que a de todos os homens serios. Acho mais difficil lel-as do que ler Bonald ou Guizot. Decerto eu devo muito respeito a essas senhoras, mas... quanto

a amal-as... temos fallado! As suas, aliaz eminentes qualidades parecem-me quasi incompativeis com a ideia, talvez ingenua e falsa, que eu faço do encanto feminino. O que ha de masculo no seu talento, afflige-me como uma falta de gosto do Creador...»

Maria, tu que és... deves ser, da *nossa* opinião — *nossa*, a minha e a de Lemaitre!... — não deixes de lêr *La ronde* de Jane Cals e os *Poèmes de la Boule de verre* de Marguerite Burnat Provins. E, se não conheces ainda *Le temps d'aimer* dir-te-hei que é o mais bello livro d'essa feiticeira, que assigna Gérard d'Houville e tem tão preciosos, tão lindos titulos de nobreza litteraria: filha de José Maria de Heredia, mulher de Henry de Régnier.

Está um pallido dia de junho madeirense. Densos nevoeiros envolvem as montanhas... Do jardim sobe uma immensa paz silenciosa, até os passaros cantam em surdina, *pianissimo*, *pianissimo*, no receio talvez de acordarem o sonho das coisas, ou, o que é mais provavel ainda, o somno britannico. Porque são horas da sesta. Britannia dorme. Nenhum passaro madeirense se permittiria incommodar Britannia...

Quietação, silencio, entre todos propicio, para conversar comtigo dos nossos muito amados livros. Mas decididamente este verão é a epocha dos acontecimentos sensacionaes. Ha lá tempo de pensar, de fallar em livros! O nosso espirito anda sobresaltado, alvoroçado. Mal começavamos a descançar apoz o divertido temporal de Mrs. Mulberry, chegaram os presos politicos, os famigerados conspiradores mo-

narchicos. Durante dois dias toda a nossa attenção, todo o nosso interesse, concentraram-se no navio de guerra, que as ondas batiam de manso e onde se debruçavam centenas de juvenis cabeças... todas mais esquentadas umas de que as outras, segundo reza a fama. Consta até que duas inglezas velhas, ardendo em curiosidade — attributo da sua raça e aliaz das senhoras velhas de todas as raças — foram n'um pequeno barco, competentemente armadas de binoculos, bordejar em volta do poderoso vaso de guerra, para logo á chegada constatarem: *what they look, the young portuguese rebellious...*

Pobres jovens rebeldes que, ao verem approximar-se, em tão poetica embarcação, tão poeticas, brancas roupagens, decerto puzeram-se logo a sonhar.

Como elles deviam ter acordado!

Emfim apoz dois dias de espera, ancorados defronte da cidade — segundo os costumes da terra nada estava prompto para recebel-os — desembarcaram no Lazareto os prisioneiros e todo o Funchal que se preza passou a occupar-se exclusivamente dos seus recommendados... Quem não tem recommendado inventa-o, quem não tem recommendado não é gente. A mim, por graça de Deus e da minha amavel amiga Marqueza de T coube-me em sorte um conde .. dos mais authenticos. Assim tenho podido fazer parte das peregrinações ás masmorras republicanas — ultima palavaa do *chic* madeirense. Em vão os tyrannos que nos regem, marcaram para as elegantes visitas as horas mais incommodas, á uma da tarde, quando todos

luncham, quando o sol escalda n'aquella horrivel rocha do Lazareto e puzeram á porta — macaqueando o que se passou em remotos tempos no Paraizo — anjo com espada de fogo... : — os mais ferozes, intrataveis alferes jacobinos; a gente arrisca a pelle... mas entra, e em vão supprimiram as mais elementares commodidades, não ha uma cadeira, não ha um banco, ora em cima d'um pé, ora em cima do outro, passam-se, duas vezes na semana, horas de desusada animação.

Suzanna pensa mesmo em organizar partidas de *bridge*, jogadas no chão... á turca...

Os conspiradores estão optimos. Respiram saude, alegria... Não se lamentam. Gabam se, fazem-se pimpões... — Isso está na massa do sangue portuguez em geral e desconfio que muito particularmente na massa do sangue monarchico... Declaram d'alto que se conservam no Lazareto porque muito bem querem, acham aprazivel, com o mar ali mesmo á mão para os banhos. E não arranjam outra bernarda porque não lhes appetece — está muito calor para bernardas... Os soldados e os marinheiros tremem... só de vel-os! Elles é que não abusam d'esse terror. Emfim... o costume. Mas são tão sympathicos na sua turbulenta mocidade, na sua exuberancia latina e até n'essa audaciosa gabarolice! Depois todos que ali estão arriscaram a vida e... isso conta.

Quando começar o grande calor hade custar-lhes mais a supportar o horrivel escalvado sem a protectora sombra d'uma arvore. Em todo o caso do mal

o menos. Aqui não correm o menor perigo. O povo sympathisa com a velha monarchia, «que nunca offendeu a nossa santa religião...» e, se não fosse o consideravel respeito que lhe inspiram os marinheiros, já tinha ido ao Lazareto soltar aquelles *innocentes*, como lá foi ha annos, quando... houve uma epidemia de peste, em que elle se recusou a acreditar — o povo é tão ignorante!—attribuindo a sua invenção a motivos politico financeiros—o povo é tão desconfiado, tão ingrato! — e, sem que corresse uma gotta de sangue, quebrou pachorrentamente toda a loiça, atirou a mobilia ao mar e trouxe em triumpho os... pestiferos para as suas casas. Immediatamente a epidemia desappareceu. Não sei como a sciencia explicaria esse phenomeno. Mas tu interessas-te pouco pela sciencia... E eu não me interesso nada.

Esta carta vai longa já. Esqueci me a escrever te. Deve ser tarde. No jardim começa a sentir-se um murmurio de risos...—*Nipper! Nipper!* chama a vozinha de Fred. *Nipper* ladra alegremente. E se Fred, de ingleza nacionalidade, chama *Nipper*, e se *Nipper*, tão inglez como Fred, ladra, é porque Britannia já acordou. Sim, não ha duvida, acordou. Oiço a minha vizinha de quarto, Miss V. — deslavada, insipida e loira — trautear aquella canção que faz o meu desespero:

> Buttercups and daysies
> Oh! my pretty flowers!...

D'aqui a pouco são horas do chá. Tenho apenas tempo para abraçar-te.

Funchal — Bella Vista Hotel — 21 de Junho.

Começava o *cotillon* quando eu deixei o baile : o famoso baile da Pavão, offerecido por Miss G. á officialidade d'um navio de guerra inglez e ao mesmo tempo — não ha como matar d'uma só cajadada dois coelhos — a todos que mostraram sympathia e interesse por Inglaterra, n'estes calamitosos annos.

Era justamente meia noite. Os *flirts*, espalhados pelos terraços e pelo jardim, tinham recolhido apressadamente á grande sala vermelha. Um inglez alto e loiro, loiro como as espigas maduras, tão maduras que já não teem mais que desbotar, ensaiava o primeiro *joke*. Mr. S. sem nada perder da sua habitual gravidade e d'aquella melancholia doce que parece alhear n'um eterno sonho os seus claros olhos, arvorava um extraordinario barrete de papel vermelho. *Misses* authenticas e *misses* feitas á pressa — das que em alguns annos de Demerara esqueceram completamente como se diz em portuguez uma... *fly !...*

— valsavam já, ostentando nos cabellos os grandes crysanthemos de papel côr de rosa, que as haviam tornado entre todas eleitas, privilegiadas na primeira figura do *cotillon*...

Muriel ficára no mirante, aquelle pequeno mirante, que se debruça na rocha, sobre o mar e tem um tão discreto arsinho de mysterio, assim vestido, escondido pelas trepadeiras, que o perfumam de «mil flôres»...

Preferira a continuação do seu divertido colloquio com M. — esse M. eternamente encantador, eternamente novo, sob os cabellos brancos — á banalidade d'um *cotillon* de verão, com inglezes de meia tigela. E ria, os seus dedinhos brancos, delgados como fusos, esfolhavam devagarinho uma rosa, emquanto elle lhe promettia, para as suas leituras do Monte, a historia de Thais, peccadora de olhos côr de violeta, que, por amor de Paphnuce, se tornou uma grande santa...

— Quem sabe?... Eu virei a ser santa, talvez...

— Deve começar então pelo peccado...

— E' tarde... já perdi tanto tempo!

Clara ficara tambem sentada, num banco do jardim, com Fred que recomeçara a contar-lhe certa maravilhosa e mentirosa historia...

— Já não pega!... dizia ella, mas escondia o rosto perturbado entre as plumas negras do seu leque e ao deixal-os sós — lembrando-me a tempo do dictado inglez: — *Two is companv, three is none* — pensava eu: Ora se pega... E pedia a Deus que acudisse á minha pobre Clara!...

Mary — com um audacioso vestido, curto e decotado até o inverosimil, rodeada de reluzentes fardas, fumando cigarro sobre cigarro, installara se defronte do grupo virtuoso dos viscondes de B. e dos barões de T. que a cocavam n'uma curiosidade indignada ..

Suzanna e Martha, ambas de preto, ambas modernissimas, ambas travadissimas, já tinham abancado ao *bridge*...

Senti-me só, perdida na grande sala. Depois certamente o *cotillon* ia servir de pretexto a numerosas graças inglezas... E Deus não me fadou para a graça ingleza. O defeito deve ser meu. Mal surge um *joke* cahem-me os cantos da bocca de amargura. Resolvi deixar o baile.

Porque a noite estava clara, d'um formosissimo luar e porque é tão pacifica, sem perigo, a qualquer hora, a doce terra da Madeira, recolhi só, vagarosamente, atravez das ruas desertas, cujo silencio rompia apenas, no seu cantar incessante, a agua das levadas. E pela voz da agua quantas vozes me fallaram, na solidão, no mysterio da noite prateada!

Maria, tu ris quando eu te asseguro que, ultimo refugio de fadas e nymphas, as fontes e os regatos fallam; zombas de todo esse mundo gentil e alado que dá á minha imaginação as suas mais lindas festas... porém, se estivesses ha pouco comigo, eu te provaria, ah! eu te provaria até á evidencia, que as minhas fadas existem e são mais que uma illusão as minhas brancas nymphas... Tel-as-hias ouvido e

visto, como eu ouvi e ví, murmurar, suspirar, rir, cantar, dansar, desfiar perolas, tecer luar, nas mnsicaes levadas da Madeira...

Junto ao portão da quinta Vigia — a mais aristocratica das nossas quintas — parei. Puz-me a pensar no extranho destino d'aquella nobre casa, d'aquelles jardins, que tamanho esplendor conheceram! Lembrou-me quando, muita pequena ainda, eu ouvia — qual conto das mil e uma noites — as minhas tias descreverem os sumptuosos bailes de Lady A. que enfeitava, mais de que todas gentil e fina, a figura da Condessa de Farrobo...

Depois, durante alguns invernos, habitaram a Vigia os Principes de O. com a sua numerosa e elegante comitiva. E todo um romance surgiu, um romance de amor, que acabou em *mésalliance* e, já se vê, em desillusão, como todos os romances de amor...

Depois foi essa extranha Princeza de R. herdeira das joias e da belleza de Josephina, que só apparecia de noite, as luzes veladas por sedas e rendas para que não lhe vissem as rugas...

Depois os terraços sobre o mar, as mysteriosas ensombradas alamedas, os luminosos rosaes viram chorar inconsolavel uma Imperatriz, a mais triste, a mais desditosa e a mais linda... aquella que Barrès chamou Imperatriz da Solidão...

Depois... installou-se na Vigia um Casino, onde se deram elegantissimos bailes, os jardins illuminados dir-se-hiam floridos de estrellas, mas já chocava

tanto, parecia d'um tão brutal contraste uma roleta e *crupiers* ali!

Depois... nem sei, venderam a quinta á companhia dos Sanatorios, cujos projectos não se realisaram por motivos de ordem... ingleza, ficando como sabes o nosso governo com todas as propriedades adquiridas pela dita companhia. E começou o longo, cruel abandono da Vigia, utilisada apenas raramente para festas officiaes.

Justamente foi uma d'essas festas que ali me levou pela ultima vez: a celebre *garden-party* do sr. Governador Civil S. C.

Era por uma ardente tarde de verão. Havia sol e moscas. Mal se respirava no jardim onde morriam as ultimas rosas. Na sala, logo á entrada, esbarrava-se com o busto d'uma dama arrogante, a liberdade, creio eu, gloriosamente embarretada e engravatada de vermelho e verde... Mas, não ficava por ahi a preocupação da ilustre authoridade em marcar bem a cor da sua festa. Até os bolos — deliciosos aliaz, dignos do real appetite do Sr. D. João V — eram encarnados e verdes... Observação esta, que não envolve a minima censura. S. Ex.cia estava no seu pleno direito e a quem custasse a digerir encarnado e verde que não fosse lá... Porém, meu Deus, eu fallo apenas pelo amor da santa harmonia. O busto, a gravata, os bolos, certos convidados... oh! sobretudo os convidados, de que dizia alegremente Suzanna: — Vocês acham que a gente escapa d'esta sem apanhar uma facada?! — destoavam n'aquel-

le scenario... E confesso-te que, apezar da perfeita amabilidade do sr. Governador Civil, tão *chic*, tão aprumado, tão condecorado, na sua farda irreprehensivel, eu vi chegar, com prazer, com allivio, a hora em que as sombras desceram, as estrellas despontaram, e ao grito nostalgico dos pavões, o jardim de novo solitario, voltou emfim á saudade da sua Imperatriz!

Mas um genio mau persegue a pobre quinta. Durante a guerra installaram-lhe uma bateria no terraço e agora, Senhor do Céo! a Vigia abriga toda uma companhia da Guarda Republicana!

Assim entregue a saudades do que foi e apenas do que é, subi a rua do Jasmineiro, respirei o penetrante aroma das trepadeiras, que vestem cada muro, entrei na longa alameda que leva ao hotel. Não tinha somno... Sentei-me á janella. De novo esqueci-me a pensar... Não sei quantas horas passaram. Já no céo côr de opala ha laivos rosados... Decerto o baile acabou. Recolheram aos seus poderosos *dreadoughts* os brilhantes officiaes... As romanescas *misses* sonham...

E é agora a madrugada, que desdobrando, como Loïe Fuller, os seus véos de mil côres, vae dansar...

Funchal—Bella Vista Hotel — 10 de Julho

Como se escreve a historia! Mais tarde ensinarão aos nossos netos que, n'este quente principio de julho, quando nos jardins da Andaluzia, já se fanou a delicada flor da larangeira e só os myrtos floriem, só os myrtos rescendem, Maria partiu para Sevilha: *á los toros!* accrescenta a descarada chronista! E a tua carta vem do quieto S. Miguel.

Descança, eu amo já o rouxinol que canta no jardim dos limoeiros e sympathiso com a cabra de bigode loiro e tenho um fraco pela porca branca e adoro *Prud*, o nervoso *fox terrier*. Ha muito penso como tu, os animaes consolam-me da humanidade. Tantas vezes repito aquellas palavras de... Ah! valha-me Deus lá me esqueceu o nome d'um grande philosopho! — Para grandes philosophos sou uma d'estas cabeças de avelã! — Emfim o... fulano que tão judiciosamente declarou: — Quanto mais conheço os homens mais gosto dos meus cães!

Dy e Fiel reconheccram-me depois de cinco annos de ausencia e, exemplos duma fidelidade que a gente juraria impossivel na terra, vieram logo como d'antes aninhar-se, uma aos meus pés, a outra n'um canto da minha cadeira. Para ellas o tempo — que despedaça affeições e habitos, não passou.—Conheci um cão que ficou cego de tanto que os seus olhos choraram pelo dono... Por isso eu creio ainda no amor...

Vê pois, Maria, que só o *bridge* nos separa.

O *bridge* e... as divergencias sobre o talento de Roberto. Mas ainda heide iniciar-te nos encantos do *Sans atous* e acabarei por convencer-te que Roberto é um genio. Chegaremos então a um acordo perfeito.

Está-se deliciosamente em S. Miguel. Faz um fresquinho do céo sob os largos ramos dos castanheiros. O jardim cheira a limonete, a malvas, a alfazema, a rosas brancas. Na fonte, onde *menina e moça* te miravas, até que os teus cabellos loiros tocavam o limpido espelho da agua, crescem fetos, avencas, urzes e o musguinho avelludado... Nas ruasinhas da horta desabrocham as primeiras dhalias. E já amadurecem os pecegos, os damascos... Ah! creio bem! E' o verão da tua terra, o divino verão da montanha. Pelas nossas pezadas, oppressivas noites, o calor activa, torna penetrantes, estonteadores, quasi insupportaveis os perfumes dos jasmins, das daturas, das baunilhas. Nas longas, infindaveis tardes ennevoadas não bole uma folha. O monotono *uah! uah!* dos carreiros tem qualquer coisa de triste e selvagem e nostalgico, que

me lembra a Africa, onde aliaz nunca estive.

Aos mirantes — especialidade madeirense : não encontras aqui um unico quintalorio que não possua o seu mirante, coberto de vistosas trepadeiras, com o competente mastro, onde, em dias festivos, tremula uma bandeira — affluem familias inteiras, desde o avôsinho quasi decrepito, que toma rapé e se assoa ruidosamente em grandes lenços vermelhos, o pae, gordo, anafado, pelle a luzir, chapéo cahido para a nuca, um lenço a substituir o colarinho, o colete desabotoado para facilitar a digestão, a mãe que usa uma suspeita de azeite no cabello, as filhas, de pelle macilenta, uma gravidade triste no olhar, até o cão amarello e magro, que ladra furiosamente.

Os menos privilegiados, os que não possuem mirante, sentam-se ás portas, onde as mulheres trabalham n'aquelles maravilhosos bordados, em que, dir-se-hia, pousaram apenas dedos de fadas, ou se entregam a certas melindrosas pesquizas na cabeça dos filhos pequenos... Ao lado dorme o cão amarello e duas ou trez gallinhas, com um chinello velho atado aos pés — para não abusarem dos prazeres da liberdade — esgravatam nas pedras da rua. Do fundo escuro das tabernas vem um melancholico tanger de machete...

Ao cahir da noite começa a romaria ao Caes, *rendez-vous*... elegante dos madeirenses que habitam o interior da cidade, as horriveis ruas de João Tavira, do Sabão, da Alfandega, etc. Respira-se, de mistura com as salinas brisas, o cheiro acre da maresia e...

muitos outros cheiros, a que prefiro não me referir. As senhoras sentam-se, abanam-se languidamente, conversam do calor, das vidas alheias, da carestia das casas no Monte...

As meninas passeiam, namoram... Ah! para esse agradavel passatempo não ha como o Caes! Em cada verão nascem, crescem e medram ali dezenas, centenas de namoros.

Pelas 8 ½ chegam os vapores da Costa de Baixo. *Villões*, carregados de cestos, sobem as escorregadias escadas, atravessam apressados entre os mimosos grupos das meninas. Ouve-se a habitual exclamação: «Deixa passar a *famailha!*» (*Familia*, quer dizer; o povo) que é como o symbolo da doce fraternidade que reina entre esta pacifica gente.

E, aos já tão variados perfumes, junta-se um bafo de suor, de aguardente, de atum salgado, de azeite rançoso.

Entretanto accenderam-se as luzes. O caminho da Pontinha parece uma estreita fita, picada de pequeninas estrellas, a acabar no Ilheu. Do outro lado, os ingremes caminhos do Til, dos Saltos, do Monte, do Palheiro, são outras tantas fitas luminosas, a cortar a montanha. Sobre os platanos da rua a electricidade põe tonalidades claras de luar. No seu eterno vaevem murmuram as ondas.

Já as mamãs se levantam, chamam as meninas, sobem vagarosamente a entrada da cidade. Recolhem a penates as Juliettas e os Romeus ao Golden-Gate, onde, defronte d'um copo de cerveja ou de

whisky, fazem, entre bocejos, um pouco de má lingua.

O Casino Pavão fechou. E fechou tambem o hotel Reed. Dos estrangeiros que nos visitaram, resta apenas aquelle pallido e languido *Sir*, que no ultimo *bridge* da Palmeira, manejou, com tamanha distinção, uma pequena e delicada arma, destinada ao exterminio das moscas.

E' o verão, o odioso verão madeirense, quando a cidade despe as suas elegancias de civilisada...

Em fins de junho celebrámos a paz. Isto é: eu não celebrei coisa nenhuma. Passei o dia na cama, com uma vaga dôr de cabeça, pensando tristemente na inutilidade do nosso sacrificio. Mas chegaram ao meu quarto os *hurrahs* festivos que atroavam os ares e o estalar dos foguetes e aquelle som tão britannico do *gong*, que, no auge do enthusiasmo, Mr. Jones tocou com furor. O amavel consul inglez mandou-me um copo de *champagne*, para que eu bebesse á paz, á victoria, ao mais monumental triumpho de *Great Brittain*. Apenas molhei os beiços, offereci o resto á criada, que esvasiou o copo com estas palavras profundas: — Para que as coisas fiquem mais baratas.

Em fins de junho tambem alguns dos juvenis habitantes do Lazareto, entre elles o conde de S., julgando mais do que completa, mais do que sufficiente a sua epocha de banhos e repouso á beira mar e talvez com a delicada preoccupação de não abusarem da hospitalidade republicana, resolveram fazer outra villegiatura. Uma bella manhã o official de serviço,

constatou, ignoro se com prazer ou tristeza, que... os *menainos* se tinham safado!... Porém, meu Deus, safar não é o termo para tão arriscada aventura, que, como no Rocambole, metteu lençol atado á janella, punhal, navio tripulado por um audaz conspirador, de gentil nome: Humberto e muitas coisas mais! Aventura que tem interessado, fascinado todas as imaginações. Houve meninas apaixonadas pelo conde de S. tão valente, tão *royaliste* e... millionario ainda por cima.

Que mais te heide contar? Como todos os dias — os da breve felicidade e os da longa desventura — estes, de cálida semsaboria, de pezado tédio, passam. E, com elles, eu passo, eu envelheço, eu caminho para a morte. Poucas palavras em que se resume afinal, não é verdade? a vida de cada um de nós...

Monte — Quinta das Tilias — 20 de Setembro

Ha quanto tempo não te escrevo! Julgas-me talvez morta e enterrada como aquelle excellente Senhor de Malbrough. Ou esquecida, em obediencia ao velho dictado: longe da vista... Pois nem morta, nem esquecida. Preguiçosa apenas.

Na primeira semana de Agosto troquei o Bella Vista Hotel, com o seu invariavel almoço de peixe-espada, sob numerosos, astutos *travestis* — que aliaz não conseguiam enganar ninguem, mal elle entrava a gente dizia: Ahi está. Cá o temos outra vez! — a sua linda alameda de palmeiras e o seu spleenatico tedio de verão, pela deliciosa quinta das Tilias, onde, a minha cançada alma de caminheira tem repousado, n'uma doce, amavel illusão de casa, de familia. Passaram quietos, suaves os primeiros dias.

— Não se anima este anno o Monte... — diziam as minhas amigas. E eu, baixinho, no segredo do meu

coração: — Ai! Deus queira que não venha a animar-se!

Pelas tardes em que o nevoeiro suspende pedaços de renda nos ramos das arvores, repeti, com Albertina, os antigos passeios. Tornei a ver o Pico das Rosas. Subi ao Pico dos Namorados. Percorri as quintas amigas, desde a Cossart, onde ha jardins que parecem talhados por Le Nôtre, até aquella que exhala uma tristeza tão nostalgica, a dizer com o seu nome: o Desterro.

Sentada á sombra dos grandes pinheiraes evoquei o passado distante. E a saudade, essa Princeza de Prodigios, restituiu-me, mais bellas ainda, bellas como os thesouros sonhados ou como os thesouros perdidos, as horas maravilhosas da minha mocidade. Voltei a acreditar na ventura que me disse «sempre» e, como na velha canção portugueza, durou um só dia.

Depois houve musica, foguetes, cada noite a phylarmonica de S. Roque, tremendamente desafinada, atroou os ares com polkas, valsas, marchas retumbantes e o fogo de artificio estalou alegremente, n'uma chuva de estrellas de mil côres. O povinho encantado murmurava um longo ah! de admiração e esquecia que tem fome, que a difficuldade, a carestia da vida augmentam todos os dias. Estavamos no querido tempo das novenas que precedem a festa de Nossa Senhora do Monte, a grande festa da Madeira. Como sempre vieram romeiros de toda a ilha. Dormiram no adro e na egreja. — E' velho, encantador costume

Nossa Senhora offerecer hospitalidade aos seus peregrinos. — Pagaram-se innumeras promessas. Mais braços e pernas de cera foram guarnecer o altar do milagre. Os cirios, essas delicadas hastes em que treme uma flôr de luz, consumiram-se aos pés pequeninos da Virgem. Mãos postas, olhos em extase, mulheres subiram de joelhos, a grande escada que leva á egreja.

No campo, sobre a herva, á fresca sombra das arvores, desenrolou-se em pittorescos quadros, o lado pagão da festa. Abriram-se os cestos do farnel. Assaram se no espeto gordas pernas de vitella e de carneiro. Ao monotono som dos machetes rapazes e raparigas dansaram. O céo, até ali cinzento, sorriu todo azul. O Monte, jardim azul como o céo, florido de hortensias — cá chamam-se *novellos* — e coroas de Henrique (planta a que não sei, nem quero saber o nome botanico, eu embirro com os nomes botanicos) ficou luminoso e lindo. E tudo decorreu com o habitual enthusiasmo, com a habitual devoção.

Proclamou-se a republica. Podem proclamar-se mais trinta republicas, esfalfarem-se a dizer asneiras trinta mil livres pensadores, que a Senhora do Monte nunca deixará de ter a sua festa, será sempre a doce rainha, a suave padroeira dos madeirenses!

Depois, aquillo por que as minhas amigas suspiravam e que eu receiava, aconteceu. O Monte animou-se. Foi uma furia de chás, de *soirées*, de partidas de jogo, no Palace, nas quintas, em salas, ao ar livre, debaixo das tilias, debaixo dos pinheiros...

Ninguem mais parou. Mergulhámos todas em profunda futilidade. As cabeças passaram a servir apenas para pôr chapéo.

Albertina começou por dizer que não ia a parte alguma. Andava ha mezes longe do mundo, toda entregue ás suas preoccupações sentimentaes. Não tinha *toilettes* de verão. Mas resolveu fazer um vestido, o que logo afastou, em parte, as ditas preoccupações.— A *toilette* foi sempre um famoso recurso para as mulheres. A fazer um vestido esquece a gente que se nos desfez uma illusão. — E, já se vê, Albertina acabou por ir a toda a parte. Eu suspirei : que maçada! Mas, talvez por aquelle espirito de imitação, que, segundo Darwin, herdámos dos nossos avós macacos, fiz como os outros, diverti-me tambem.

Nos seus passinhos traiçoeiros, subtis, tristezas chegaram. Por um domingo glorioso, quando todo o Monte era uma festa de luz, M. G. adoeceu, no Terreiro da Lucta, onde almoçava alegremente, com um grupo de amigos. — Não hade ser nada! Não hade ser nada! dizia a pobre, inconsciente confiança dos homens. E no seu rosto energico, voluntarioso, espalhava-se já a lividez terrivel.

Segunda-feira de madrugada as filhas irromperam pela egreja, n'uma afflição, supplicando á Virgem que lhes salvasse o pae. Nossa Senhora porém não fez o milagre. Estava emfim vencido o grande luctador que tantas vezes derrotado, voltara sempre á brecha, prompto a recomeçar. E foi um terror, um pasmo, uma pena geral d'este fim tão brusco, tão inesperado! A

morte vem como um ladrão, lá diz o livro santo, mas a gente pensa sempre que não é verdade.

Mais dolorosa para o meu coração foi a perda d'aquelle querido, encantador Meny. Perda inesperada tambem. Ha tão poucos mezes elle nos deixara, alegre, elegante, cheio de espirito, cheio de vida! Parecia que nem sequer a doença podia tocar-lhe. E, realmente mal lhe tocou. Não teve tempo de desmanchar o seu lindo aprumo de *gentleman* Morreu repentinamente, como elle queria morrer. — Tantas vezes me fallou no seu horror de acabar n'uma cama entre tisanas e papas de linhaça! — Acabou em plena viagem. No mar alto — o mar inquieto que amava a sua inquieta alma. Estava só. Velaram-n'o as estrellas. O seu *requiem* rezaram-n'o as ondas. E agora: «*dites-vous qu'il est dans une contrée où il est sûr que vous irez bientót et qui n'est pas bien loin.*» Consolam-me da saudade dos meus mortos — que já são tantos! — estas palavras de Maeterlink.

Depois, depois, minha querida Maria, iamos ardendo. Sorris... Pensas decerto que me refiro aquellas chammas, de que disse Camões, que são tão doces e ardem sem se ver... Mas não, não foram essas! Viram-se as minhas e como, bom Deus! Um enorme incendio devastou toda a serra da Madeira, esteve aqui mesmo, atraz de nós, nos primeiros pinheiraes do Monte. Havia tres dias que tinhamos *leste*, o vento terrivel que é como um bafo de lava. Os novellos e as coroas de Henrique logo penderam fanados. Uma cinza fina cobriu, engelhou as folhas. Formigas e mosquitos in-

vadiram tudo. E, ainda que tu exclames: — *Shocking!* — accrescentarei que, como *toilette*, quasi supportavamos apenas a camisa...

Na manhã de vinte e dois vieram dizer-nos que tinha pegado fogo á serra. A vinte e trez o vento redobrou de violencia, ateando as chammas. O incendio vinha sobre nós. Olhavamos em roda só viamos labaredas. Ao cahir da noite começaram a ouvir-se os mugidos do gado. O fogo já attingia os curraes. Depois, n'um alto clamor, vozes irritadas de homens praguejaram, vozes tremulas de mulheres entoaram o Bemdito. E dominando tudo, lugubre, ameaçador, o vento rugia entre as arvores. A's dez horas aconselharam-nos que deixassemos a casa. Foi um doloroso e confuso momento. Houve correrias, ordens, contra ordens, a reluctancia de Albertina em abandonar aquelles velhos tectos, a cuja sombra cresceu, a afflição de *Mike* porque não encontrava a corda para levar atado o seu cabrito e Dike que não sabia onde estava o gatinho... e o canario a que era preciso abrir a porta da gaiola...

Mas começou emfim a fuga atravez os campos que as chammas illuminavam sinistramente. Formavamos uma extranha caravana! Albertina, as criadas, os pequenos iam carregados de cestos, de trouxas. A mim tinham-me confiado — não sei quem nem quando — um par de botas a que consagrei todos os meus cuidados.

Chegámos ao largo da Fonte onde está n'um pequeno nicho, á sombra dos grandes platanos, a ima-

gem milagrosa. Foi ali, dizem, que a Virgem appareceu toda de branco, entre as roseiras selvagens e logo, aos seus pés miudinhos, uma fonte brotou. Era de manhã por um sol radioso... Em cada gotta d'agua tremia um diamante...

N'uma furia, que, dir-se-hia crescer a cada momento, erguiam-se as chammas. Toda a montanha vomitava lume.

— E' o fim do mundo! — exclamou uma mulher chorando. Mas, olhos postos na imagem, outra respondeu: — Nossa Senhora hade salvar-nos! Com toda a nossa alma repetimos tambem: — Nossa Senhora ha de salvar-nos! — E seguimos mais animadas, mais corajosas...

Adiante, nas lindas alamedas do parque, encontrámos os V. com a numerosa criadagem, os cães, uma infinidade de cestos para onde tinham atirado a *trouxe mouxe* as coisas mais disparatadas: toucas do *baby*, uma *raquette*, uma guitarra! Continuámos juntos.

A's portas das quintas gente assomava espavorida, n'um pasmo. E contradiziam-se as noticias, as opiniões: — E' preciso fugir! — Já não ha tempo. — O fogo está longe ainda. — Eu ha annos já vi peior.

Resolvemos fazer uma *halte* na entrada do Palace. Sentados no chão, rodeados de cestos, de trouxas, pareciamos um acampamento de ciganos. Pouco a pouco todos os hospedes do hotel se nos reuniram. Maria de C. em plena crise hysterica gritava: — Vamos todos morrer queimados! Vamos todos morrer queima-

dos! — E jámais esquecerei a extranha apparição, alta, esguia, vestida de branco, com o cabello em desalinho, os braços erguidos para a abrazada montanha. Levaram-n'a. Tudo voltou ao morno desalento. Alberto chegou a cavallo. Contou que a cidade estava em panico.

D'ahi a pouco o vento soprava mais rijo. — E' a nosso favor — disse um criado do hotel. Realmente as labaredas pareciam correr para traz, para a serra. Decidimos esperar ali a manhã. A cada instante entravam vultos, ajoujados sob malas e trouxas. Installavam-se. Pediam noticias. Trocavam impressões. E, na noite de tragedia, pobres personagens de comedia, recahiamos já insensivelmente no habitual *ram-ram* da nossa frivolidade! Conversava-se como em *soirées* do Palace. Mosers descreviam o seu passeio de automovel a Machico, o bello horrivel da serra. Suzanna contava o ultimo jantar da Palmeira, em que debutara o novo consul americano: — Encantador como parceiro e como *flirt*... Vocês verão...

A's trez da madrugada Celeste de V. appareceu, vestida como para uma festa. Chegara na vespera de Lisboa. Todas a rodeiaram. Queriam saber das gréves e do preço dos vestidos e onde comprara aquelle lindo chapéo, florido d'uma grinalda de rosas. Ella tudo dizia negligentemente, na sua voz pausada, doce... E depois que a casa já estava ardendo talvez e que a sogra lá ficara, agarrada ás contas, gritando por Nossa Senhora...

Amanheceu. Todos iinham o ar cançado, envelhe-

cido. Algumas senhoras polvilharam-se discretamente. Suzanna exclamou: Para não mettermos ainda mais medo de que o incendio!

A minha nevralgia torturava-me. Já nem pensava no perigo. Sentia um unico desejo: deitar-me fosse onde fosse, ter uma cama para descançar ou morrer.

Mas o vento continuava atirando o fogo para traz. Já mal se avistavam as chammas. Apenas uma columna negra de fumo subia no horisonte. Foi opinião geral que podiamos, sem imprudencia, voltar ás nossas casas. Uma voz zombeteira: — a de Suzanna ou a de Clara? — observou: — E, se nos der o susto outra vez, tornamos a fugir, não ha nada mais facil!

Durante trez dias ainda o *leste* continuou, os sinos tocaram a rebate, o fogo devorou as lindas serras da Madeira. Porém tudo passa. Ha quem pretenda que tudo volta tambem... Passou a tormenta. Voltou o bom tempo. Depressa, em frescas noites de luar ou de estrellas, nos terraços do Palace, onde novos idyllios desabrocharam, esqueceu-se a longa, anciosa noite. Entramos no outono, o formosissimo outono do Monte. Começam a abotoar as belladonas. Ao jardim azul vae succeder o jardim côr de rosa. Depois, em dezembro, o jardim branco, sob a neve perfumada das azaleas... Mas, já o meu humor vagabundo me leva para longe, outra vez. Onde estarei quando abrirem as belladonas? D'onde evocará a minha saudade o brando aroma das azaleas?

— Partir! Mudar! Ver sempre novos horisontes, novas terras! Ah! Como tu és feliz! Como nós te invejamos! — exclamam em côro, as minhas amigas.

E eu não ouso confessar-lhes quanto lhes invejo a doçura de ficar...

FIM

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
DURANTE O MEZ DE FEVEREIRO DE 1923
NA IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TOR-
RES, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 61
* * * * * LISBOA * * * * *